



OS DIAS LINDOS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



OS DIAS LINDOS
CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

COMPANHIA DAS LETRAS

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE OS DIAS LINDOS

POSFÁCIO

Beatriz Rezende

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br
Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro
sobre fotografia © Cristiano Mascaro
Todos os esforços foram realizados para identificar
os personagens da fotografia.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

FOTO DO AUTOR

Fotografia de Carlos Drummond de Andrade
pertencente ao Arquivo—Museu de Literatura Brasileira,
da Fundação Casa de Rui Barbosa

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Carmen T. S. Costa

Marise S. Leal

ISBN 978-85-8086-640-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

QUATRO HISTÓRIAS

Corrente da sorte

- I. Quarenta e oito cópias em quarenta e oito horas
- II. Considerações intervalares
- III. A tarefa posta em questão
- IV. Entreabre-se a porta para a aventura
- V. A tranquila viagem
- VI. O homem testado
- VII. Diálogo na fazenda
- VIII. Foste tu que o disseste, João
- IX. O nome e o número
- X. Cavalgada
- XI. Final panorâmico

História de amor em cartas

A visita inesperada

Jacaré de papo azul

SEIS HISTORINHAS

Pescadores

Depois do jantar

A viúva do viúvo

Tatu

Noiva de Pojuca

No caminho de Canela de Boi

O HOMEM E A LINGUAGEM

O homem, animal exclamativo

O homem, animal que pergunta

O homem no condicional

O homem e suas negativas

Dizer e suas consequências

As palavras que ninguém diz

Conversa na fila
Prazer em conhecê-lo
Olá, mestre
Caso de sequestro
O clube da ilusão em Felisburgo
A flor e seu nome
Zarandalha
Despedida de cordel
PASSAGEM DO ANO
Vacina de ano-novo
Anúncio de viver
Canção de todos os carnavais
Equipamento escolar
Os dias lindos
Presente para a senhora
Outro presente para a senhora
Dia santo e feriado
Tanajura como alimento
Cosme e Damião: o senso da fraternidade
Elegia do Guandu
O crime de Fátima
AH, COMO A VIDA É BUROCRÁTICA!
Eu, você, ele: números
A dependente
O novo *Diário Oficial*
O sabor da laranja
Poluição sob controle
Como prevenir assaltos
Sem ódio
Autoridade e cartão
Venha correndo
Hora de chorar
Apólice
Tempo perdido
Morrer é fácil; difícil é ser enterrado

MATUTAÇÕES

O estranho caso de 2 e 2

A segunda primeira vez

Que fazer com os pelos do ouvido

Desagradável

A mão e o convite

Como se fosse balanço

Estátuas egípcias

Projeto de carta

Nota da edição

Posfácio

A prosa nos jornais,

Leituras recomendadas

Cronologia

OS DIAS LINDOS

QUATRO HISTÓRIAS

CORRENTE DA SORTE

I. QUARENTA E OITO CÓPIAS EM QUARENTA E OITO HORAS

Esta corrente vem da Suazilândia. Foi começada por frei Pantaleão das Mercês, missionário ao norte de Moabane, e deve dar quatro vezes a volta ao mundo, sem qualquer interrupção. Faça quarenta e oito cópias, mande-as a seus amigos ou conhecidos, e terá uma surpresa agradabilíssima dentro de nove dias. Se não for supersticioso, preste atenção no seguinte:

- 1) O coronel Tapigang, depois de copiar e expedir, ganhou 100 mil dólares no Iansquenê, uma semana após.*
- 2) A dra. Zerbinda Fucks, que recebeu e rasgou, foi fulminada por derrame cerebral ao fim de quatro dias.*
- 3) O romancista Ludwig Kostelreuter, tendo copiado e passado adiante, foi presenteado por uma admiradora com um castelo na Dinamarca, na manhã seguinte.*
- 4) O ministro Leopold Fabregat, da Câmara de Finanças de Heligville, não quis perder tempo em cumprir a recomendação, e o teto do seu gabinete desabou sobre ele, três dias depois, esmagando-o.*

Não vacile. Não descreia. Não escarneça. Faça você mesmo as cópias e ponha-as no correio antes que seja tarde: dentro de quarenta e oito horas, não mais.

João Brandão correu à velha máquina Austin-Burt/1934, para que a corrente da felicidade não parasse em suas mãos. Não que almejasse usufruir castelo em Mangaratiba ou dólares em conta de banco suíço. Tampouco receava catástrofes pessoais por falta de cumprimento do prescrito. Entendia, porém, que as correntes são um dos raros meios de ligação positiva entre os habitantes do globo, e ele, Brandão, por destino e raciocínio, é adepto da fraternidade universal. Se esta não pode conseguir-se em torno de um grande ideal, tentemos instaurá-la, pelo menos, em torno da possibilidade de um ganho físico, oferecido a todos, destarte irmanados e conciliados.

Quarenta e oito cópias é muita batida para quem tem mais que fazer e que, além disto, seria inabilitado em prova para datilógrafo. Não importa. Catando milho, e boa vontade ajudando, as quarenta e oito seriam despachadas antes que se escoassem as outras quarenta e oito do prazo estabelecido.

A máquina reagiu a esse bom propósito logo na primeira letra. O E saiu fora do alinhamento, e a fita se embarçou, obrigando João a sujar os dedos para arranjá-la. O nome Suazilândia recusava-se a ser escrito corretamente. Saía Suzilândia, Sissilândia, Disneylândia. Que atos falhos estariam por trás desses erros? E erros de quem: de João ou da máquina?

Quando ia chegando, após reiterados esforços, à dra. Zerbinda, João se lembrou de que não se lembrara de botar carbono. Iria fazer cada cópia de uma vez, ele, inexperto datilógrafo? Tirou o papel do rolo e providenciou para que o serviço fosse dividido em doze operações de quatro cópias cada uma. Não queria mais de quatro, para que seus quarenta e oito destinatários pudessem ler claramente o texto e não alegassem, mais tarde, que a mensagem era indecifrável.

— Seu café está esfriando — ponderou-lhe a dedicada Jurema, ao ver que João nem olhara para a bandeja posta a um canto da mesa; pois aquele café, àquela hora, fazia parte dos ritos mais sagrados do meu amigo desde tempos imemoriais.

— Dentro de quarenta e oito horas eu bebo ele — respondeu João maquinalmente, para espanto da serviçal, que achou melhor retirar-se em direção à sua copa-e-cozinha antes de testemunhar novo disparate, confirmativo de que o patrão endoidara.

A verdade é que ele estava em perfeito juízo, empenhado em reler as quatro primeiras cópias produzidas pelo seu afã unanimista de cumprir a ordem vinda de longe e conducente à felicidade geral dos humanos.

Decepção: fora omitido o ministro Fabregat, e João teve que começar pela segunda primeira vez.

— Larga essa porcaria aí e vem comigo curtir os jardins de setembro — exclamou, irrompendo no escritório, seu primo Neco Brandão, que sempre entra nas histórias sem ser chamado pelo contexto.

II. CONSIDERAÇÕES INTERVALARES

— Estou empenhado num projeto gradualista de satisfação universal — respondeu João Brandão — e você chama a isto “uma porcaria”?

Promover fortuna para quarenta e oito pessoas, como elos de uma corrente que, bem articulada, livrará a espécie humana, capaz de escrever à mão ou à máquina, de frustrações que conduzem à neurose e à guerra, isso é porcaria?

— Ora — retrucou Neco — você está se garantindo uma boa fatia, ao passar a corrente para quarenta e oito pessoas. Não me parece um pensamento muito elevado.

— Devo ganhar também, não nego, mas para mim é acessório. Servirá apenas para confirmar a validade do sistema. De resto, não sei o que vou ganhar nem o que fazer do meu ganho.

— Recuse-o, então, demonstrando superioridade.

— Seria demagógico. Prefiro enterrar a fortuna no quintal, para que um dia alguém a descubra e fique com ela. Só que não tenho quintal, e cavar buracos por aí, além dos que são privilégio de empresas e órgãos oficiais, é sumamente perigoso. Podem suspeitar que estou ocultando bombas ou segredos internacionais. De qualquer modo, darei sumiço ao que me couber.

— Mas você acredita mesmo que as correntes distribuem fortunas?

— Por que não? As loterias distribuem fortunas, as fortunas estão aí para ser distribuídas. Me deixe acabar minhas cópias.

— E os jardins de setembro? Estão florindo e convidando ao gozo ótico e olfativo, canais de acesso ao gozo mental.

— Neco, você sabe muito bem que a primavera não passa de uma metáfora, e que o seu curso antes do dia 22 é mera alucinação.

— Joãozinho, o que eu chamo de jardins de setembro é algo mais que uma representação da primavera, são as imagens deleitáveis da vida, o eterno feminino, o prazer de existir, a graça do minuto, essas coisas de que você se priva, enfurnado aí na vã tarefa de correntes da felicidade.

— Da sorte. Sou bastante realista para não confundir sorte com felicidade. A questão é que ainda não fiz uma cópia que preste, e você me perturba com esses convites voluptuários. Sou péssimo datilógrafo sozinho, que dirá assessorado. Primo, retire-se de minha presença e aguarde em casa a cópia que lhe mandarei pelo correio.

Neco despediu-se, e João ia voltar ao seu mister, quando reparou que uma rolinha pousara na janela e parecia querer dizer-lhe alguma

coisa.

— Rolinha amada, não me venha pedir que suspenda meu trabalho para dar-lhe miolo de pão. Já a alimentei hoje bem cedo.

— No que você se engana — piou a visitante — pois foi uma de minhas colegas que esteve aqui às sete horas. O que eu desejo é realmente que você pare com isso, mas pelo seu bem e pelo bem de seus amigos.

— A corrente pode fazer mal até aos que acreditam nela?

— Pode fazer um bem que é um mal, se realmente as coisas acontecerem a favor. Qualquer dom da sorte se paga com o uso impróprio do mesmo dom. Os homens não têm estrutura para fruir prêmios caídos do céu ou do acaso. Premiados, entram pelo cano, se me permite a expressão.

— Muito filosofas para uma simples rolinha que és, querida. Mas eu preciso acreditar em qualquer coisa, e a coisa que me apareceu foi uma corrente da sorte. É pouco, mas defendo este pouco.

— Já avisei. Estamos conversados — e voou.

Ninguém estranhe conversa de rolinha com João Brandão. Aliás, ninguém deve estranhar nada. A primeira lei da vida é exatamente a inobservância das leis, e se há uma que proíbe a conversa entre o homem e a natureza, evidentemente é das que não pegaram nem podiam pegar.

O resto do dia passou-se no esforço de João para obrigar sua velha máquina a compor a mensagem da sorte. Conseguiu oito sofridas cópias, e, exausto de tanto pelejar em prol de uma parcela da humanidade ambiciosa, cochilou, dormiu sobre o teclado e sonhou.

III. A TAREFA POSTA EM QUESTÃO

Sonhou. No sonho apareceu-lhe nada menos que frei Pantaleão das Mercês, indigitado promotor da corrente da sorte que passara a ocupar o tempo integral e a mente idem de João Brandão. Tinha à direita, como assessor, um anjo moreno, e em torno de sua cabeça via-se o discreto resplendor de terceiro grau que assinala os santos mais humildes. Pantaleão falou com doçura:

— Meu filho, não percebeste que esse papel, vindo aparentemente de tão longe, deve ter sido fabricado aí mesmo nessa cidade buliçosa

que é o Rio de Janeiro, amante de burlas, e peca pela mentira inicial? Não sou missionário em África, nem nunca fui. Minha vida prestante se passou no século xvii, toda ela no interior do Mosteiro de Tibães, em que entrei como noviço em 1620. Fui monge-carpinteiro e jamais pretendi conduzir as almas no caminho da riqueza material. A circular é falsa, meu João, e farás bem em rasgá-la, porque traz consigo o germe da perversão dos costumes e do desvario da alma cristã.

João objetou-lhe que onde lera frei Pantaleão das Mercês talvez estivesse escrito inicialmente Nei Pontes de Leon Garcez, e tudo não passasse de distração de maus copistas. Certamente, o papel vinha do Rio, mas sua fonte longínqua podia muito bem ser a Suazilândia como qualquer ponto da Terra. Quanto ao fato de prometer regalos materiais, uma avaliação mais correta do homem contemporâneo leva a crer que não há outro caminho para conseguir dele, como dos países, a virtude e a paz, senão atochá-los de dinheiro, “muito dinheiro”, como lá diz a musiquinha da novela das sete. E ele, Brandão, entrara nessa jogada com absoluto desinteresse pessoal, pois não lhe apetece a posse das coisas, senão o conhecimento e o significado delas, com o propósito de ajustá-las a um estatuto harmônico.

O santo beneditino abanou a cabeça, consternado. O anjo-secretário puxou-o pela manga, murmurando:

— Vamos embora, frei Panta, que esse aí não está com os parafusos ajustados.

Só aí João reparou que pousara num lugar delicioso, de claridade e som equilibrados, com ausência de cartazes eleitorais e de estatísticas econômico-financeiras. E sem filas, por maior maravilha. Enfim, lugar que seria o Paraíso, se o Paraíso pudesse ser descrito. Cessava ali a convulsão dos ambiciosos, as pessoas circulavam como ideias, livres de confusão ou temor. Num ponto adornado de flores e pássaros, via-se a placa: “As amargas, não”. Logo reconheceu a figura míope de Álvaro Moreyra, que precisamente há dez anos habita este sítio de mansuetude, em que, à tarde, conversa com são Francisco de

Assis e os burrinhos — uns burrinhos filosóficos e benevolentes, nada pedantes.

— Oi, Alvinho! Que saudades de você, lá embaixo!

Alvinho sorriu, como quem sabe das coisas e não vê diferença entre estar lá em cima ou cá embaixo, desde que o importante não é estar aqui ou ali, mas ser. E ser é uma ciência delicada, feita de pequenas-grandes observações do cotidiano, dentro e fora da gente. Se não executamos essas observações, como ele soube executar, não chegamos a ser: apenas estamos, e desaparecemos.

João Brandão refletiu nisso o tempo de abraçar seu amigo Álvaro Moreyra, que, pelo visto, não dava bola para correntes da sorte, pois preferira sempre colecionar burrinhos e agradecer à vida “as pequenas alegrias de quase nada”.

Eram, positivamente, dois votos contra a corrente africana ou pseudoafricana, um expresso, outro subentendido. Sem falar na opinião anterior de Neco e na advertência pessimista da rolinha. O sonho de João ia terminar, no que se ouviu o coro de quatro vozes entoando um madrigal de Palestrina sobre versos líricos de Petrarca, e era tão lírico e tão lindo, tão lirolindo, que fazia esquecer o objeto do sonho, espécie de exame onírico de consciência de João Brandão, já agora dilacerado entre o desejo de ajudar seus irmãos homens e o ceticismo sobre a validade do processo adotado.

IV. ENTREABRE-SE A PORTA PARA A AVENTURA

Dia seguinte, cedo-escuro ainda, os papéis foram colocados novamente na máquina, e recomeçou a operação de multiplicar aquele texto em que João Brandão não confiava mais, porém confiava ainda, a exemplo do que sucede a tantas coisas que nos provocam reações duplas, triplas ou múltiplas, sucessiva ou simultaneamente. Coisas que, de resto, não são responsáveis pela variabilidade e incoerência de nossas impressões convertidas em julgamentos. Metade do prazo fora consumido em tentativas, malogros, debates interiores e exteriores, e sonho. Urgia aproveitar a outra metade. Seria lamentável que a corrente parasse em suas mãos, depois de tanto empenho em estabelecer um de seus anéis.

A campainha tocou. Vício das campainhas, tocarem no momento em que absolutamente não deviam fazê-lo, pois necessitamos de silêncio. Jurema, a fiel escudeira doméstica, não apareceu para atender. E o som de cigarra insistindo. João foi abrir a porta para três homens que entraram sem pedir licença nem dar explicações. Convidaram-no simplesmente, com polidez asséptica, a acompanhá-los. Não cabia discutir, pois era como se estivessem armados. Mais do que armados, pareciam cumprir uma determinação originária de poderes que dispensam justificações escritas ou verbais, ligados que estão a um mecanismo superior às convenções vigentes em sociedades ditas organizadas. Quando o destino bate à porta, você não vai perguntar-lhe se trouxe CPF e cartão do IFR. Cessam miúdas formalidades terrestres. João Brandão, o que se ilumina diante do mistério, embora permaneça bronco no trivial urbano, compreendeu que devia obedecer, abrindo uma segunda porta, esta invisível, para o que desse e viesse.

Os quatro desceram pelo elevador. Elevador é aquele aparelho de confronto de corpos em que a proximidade excessiva obriga ao recuo das mentes, de sorte que estamos e não estamos juntos, acabando por instalar-se um grande deserto, que, felizmente, não dura mais de um minuto ou dois. João, entretanto, não sentiu distanciamento moral em face dos três desconhecidos. Emissários do tal poder não cotidiano, eram tão impessoais que não seria razoável identificá-los como assaltantes, como agentes de segurança em missão reservada ou como passageiros comuns. O baixinho, de bigodão, praticamente não tinha nada além do bigodão para marcar-lhe a fisionomia, e o bigodão ficava dissolvido na neutralidade do semblante. O altão, calvo e corcunda, era antes uma fotografia xeroquizada, em que os traços tanto podem ser assim como assado. O terceiro, não se dirá que fosse alto ou baixo, gordo ou magro, claro ou moreno: era simplesmente o terceiro, o que perfaz o número requerido. E todos três seriam o que, nos velhos programas de teatro, se chamava de N, N e N, como figurantes acidentais.

— Um momento. Me esqueci de uma coisa importante — informou Brandão. Os três assentiram em que ele voltasse ao

apartamento para apanhar as *Elegias*, de Cecília Meireles, peça gráfica muito prima, bolada por Salvador Monteiro e Leonel Kaz nas Edições Alumbramento, com desenhos originais de Aldemir Martins. João enamorara-se do livro, como se apaixonara desde sempre pela poesia de Cecília, e não podia desligar-se da presença física dessa obra de arte. “Onde eu vou, a poesia de Cecília vai comigo, tornando sutil o caminho.” Outro levaria consigo, para estudo atento, o PND-II, que acena com a renda *per capita* de mil dólares e pico para cada brasileiro em 1979, mas João é da poesia, e basta.

Subiram e desceram na calma, nosso amigo sentindo-se à vontade. Embora, caracterologicamente falando, na classificação de Groningue, tenha muito de E-NA-S (emotivo não ativo sentimental), ele experimentava uma coceirinha de prazer, ao ser conduzido à aventura, que deveria causar-lhe apreensão, para não dizer medo amarelo e cavernoso, nas entranhas do ser. Ordinariamente, suas odisseias e rondônias eram mentais; agora, passavam a concretas. *Ave!*

O carro cor de vinho em que ele e seus supostos sequestradores entraram rumou para o Túnel Rebouças, que é o ponto de referência mais indicado para início de rocamboles como este que, canhestramente, mas em obediência aos cânones da verdade, vou procurando narrar.

V. A TRANQUILA VIAGEM

O Túnel Rebouças, no sentir de João Brandão, só geograficamente une duas partes da cidade: psicologicamente, separa-as, com seu hiato de rocha e sombra infundáveis, em que a luz é presença fantasmal. Aprofundando, João entende que o Túnel Rebouças separa você de você mesmo. Ao entrar nele, mesmo se for o seu caminho de rotina, é como se você penetrasse em região estranha, de onde fugiram todas as referências que constituíam prova de sua situação no mundo físico. Somos um antes e depois de atravessá-lo; durante a travessia, não nos pertencemos nem somos um indivíduo determinado, mas simples objeto manipulado por forças obscuras, de telurismo primevo. Viagem no coração da Terra: aonde levará? Em

instante bissexto de poesia, João chegara a dedicar-lhe este exercício de imagens:

*O Túnel Rebouças
(para que não me ouças)
tem algo de estígio
e nas suas touças
de carvões sanguíneos
pressinto o uropígio
da ave crocitante
que me fere as ouças
na espuma de vante.
Ilusor prodígio
de avernais escrínios?
Esquecer, e avante.*

O carro cor de vinho, tornado morta-cor, varou o buraco sem que a sensação de barca de Caronte, misturada a alguns enchimentos poéticos, se repetisse para João Brandão. O túnel ofereceu-lhe antes a imagem alegre de rota para um país de férias, ou pelo menos de mudanças — mudanças que são esperanças. N-1 chegou a sorrir-lhe sob o tapume do bigodão. N-2 ofereceu-lhe um cigarro discreto, desses que ainda não foram anunciados na tv em cores. E N-3 esboçou a sempiterna conversa sobre tempo, esse tempo que nunca se sabe se vai mudar ou se já mudou, pelo que devemos precavidamente usar roupas bem agasalhantes e nada agasalhantes ao mesmo tempo — as quais não foram ainda inventadas, mas ouvi falar que há um projeto aí da Fibrilínia capaz de resolver, e tal e coisa. Do tempo deslizaram para futebol, cujos problemas técnicos, políticos e financeiros são de todos nós, os que torcem por um clube e os que não torcem absolutamente mas são compelidos a sacar uma fórmula que impeça o doloroso espetáculo, previsto para breve, dos grandes clubes, de chapéu na mão, recolhendo espórtulas na escadaria da Catedral, e sem ter quem as oferte, enquanto prevalecer o regime vigente — regime esportivo, entenda-se. E se todos os atletas fossem nomeados servidores públicos? sugeriu Brandão, num de seus impulsos incoercíveis de resolver problemas gerais.

Tais miudezas de papo não estão aqui para encher a paciência do leitor; caracterizam o clima do sequestro de João Brandão, sem tintas

de violência sanguinária ou mera brutalidade policial. Os três n e ele desenvolviam esse tipo de conversa mole que ajuda a passar o tempo do percurso e tanto conduz à aproximação cordial como ao esquecimento recíproco. Sobretudo, mantinha a atmosfera serena, pois nem João tramava fugir do carro se os raptos descessem para fazer pipi, nem eles pareciam receosos de tentativa de fuga do raptado.

Para onde o levavam, transposta a área urbana: à Costa do Sol, à região das Três Serras, ao inominado interior? Não quis perguntar. Decerto nada lhe diriam, nem era preciso saber onde e como, se o mais relevante seria apurar para quê. João sentia que tudo se ligava ao episódio da corrente da sorte, interrompida porém não despedaçada, e era necessário inserir-se na extensão de uma segunda corrente, a dos fatos determinados pela inserção dos elos da primeira na corrente geral de sua vida. Correntes entrelaçadas, em suma. Pediu a n-3 que se afastasse um pouco, de modo que ele pudesse abrir o volume de *Elegias* cecilianas. Abriu e mergulhou neste fragmento de verso:

... *uma solenidade de mundo trabalhando sozinho.*

O carro estacou diante da porteira de uma fazenda velha, com os clássicos três coqueiros dando boas-vindas.

VI. O HOMEM TESTADO

No Brasil de 2074, de que participamos em 1974 por força de projeções futuroológicas em moda, nada mais repousante do que a casa de fazenda velha, dessas em que Saint-Hilaire se hospedava no começo do século passado, e que ele descreveu tão bem desde o patamar da entrada até o último cubículo, destinado a guardar não sei que segredos de fazendeiro cioso de sua *privacy*. Lá estava, diante de João Brandão, o vetusto alcáçar bonacheiro, de pilotis anteriores à invenção deles, com varanda panorâmica que dava para comandar todo o vale de pastos e canaviais e abranger o fim do mundo, representado pelo horizonte de serranias azul-cinzentas, pois além destas não haveria nada senão o caos, o informe, o adoidado. Casa muito para se viver nela e despedir tudo que é vão desatino do outro lado da filosofia. João sempre sonhara possuir um desses asilos de vida em paz, e só não comprara algum, primeiro por falta de

cabedais, segundo porque não se lembrava de ler os classificados, terceiro porque receava que uma nova BR ou um novo loteamento nas imediações acabassem com o seu reino rural no melhor da festa bucólica.

Os três N conduziram-no à sala de jantar, onde foi servido excelente café com broinha de fubá mimoso. Em seguida, levaram-no a um cômodo que tanto podia ser sala de visitas como escritório e/ou depósito de arreios, pois ali havia de tudo um pouco — livros, sofá estilo Império, selas e selins pendurados, em sem-cerimoniosa e agradável desordem. Faltava talvez um cabrito, a circular livremente e a mastigar papéis — pensou João Brandão, que se lembrava de ter visto um desses animais habitando a casa do seu saudoso primo Luís Camilo, em plena Copacabana, e estimava, neste toque rural, o símbolo da identificação do homem com a natureza.

À mesa de pinho-de-riga, que convivia com o sofá importante, cadeiras de palhinha sem história e um tamborete rústico, sem qualquer vexame para a peça nobre do mobiliário ou constrangimento das demais, estava sentado um homem de meia-idade, magro e louro, que sorriu para o recém-chegado e, com um aceno leve, dispensou a presença dos acompanhantes.

— Amigo João Brandão — disse pausadamente o homem, quando ficaram a sós —, apreciamos muito o seu comportamento em face da mensagem da sorte que recebeu há dois dias. Você fez o possível para atender ao apelo, embora seja fundamentalmente um cético. Mas está escrito que somente os céticos são capazes de acreditar em alguma coisa, pelo uso sistemático da dúvida, que admite estar certa uma coisa errada, já que as coisas tidas academicamente como certas são as mais recheadas de erro. Fizemos também o possível para tentá-lo, desanimando-o. Enviamos-lhe de saída o seu primo e nosso companheiro Neco Brandão, que procurou dissuadi-lo de copiar quarenta e oito vezes um texto imbecil. Não conseguiu. Mas a intervenção do Neco provocou em você um processo mental que o fez conversar com uma rolinha e fez a rolinha ameaçá-lo com a perspectiva de males consequentes à efetivação do seu trabalho de copista. Ainda no desenvolvimento desse estado psicológico, e

movido também pelo cansaço que a atividade datilográfica lhe produziu, você teve um sonho em que o problema da cópia e do sentido da cópia se colocou sob a preliminar da inautenticidade do texto gerador. Não lhe valeu, no decurso do sonho, a possibilidade de consultar um amigo terno e irônico, o saudoso Álvaro Moreyra, que à sua primeira tentativa reagiu com um simples sorriso, desanimador para a sua ânsia de orientação. Mas você, à míngua de sinais aprovatórios, e mesmo considerando os sinais negativos, não fraquejou, e se dispunha a copiar ingloriamente as quarenta páginas restantes, quando achamos de bom aviso providenciar o seu transporte até aqui. A prova foi feita, e você passou no teste: não desistiu de fazer uma coisa que entendia conveniente ao próximo, mesmo avaliando-a intelectualmente em zero. Podemos pois conversar, e para isto o convidamos.

— Perfeito — respondeu João Brandão, enquanto admirava a linha graciosa de um silhão, que lhe falava de antigas amazonas de sua família, conservadas em daguerreótipos. — Mas quem são vocês, afinal de contas, e como sabem que eu converso com pássaros? Sobretudo, como é que entraram na intimidade dos meus sonhos?

— Elementar, caríssimo. Explico em poucas palavras.

VII. DIÁLOGO NA FAZENDA

Se alguém diz que vai explicar uma coisa em poucas palavras, é quase certo que usará três mil e acabará não explicando nada. Em todo caso, um pouco do mistério se dissipou com a fala do desconhecido a João Brandão. Fala que não foi das mais breves, pois uma coisa puxa outra, e quem não gosta de conversar, diante de dois cálices que encerram a mais cristalina apaga-tristeza já fabricada neste Brasil de azuladinhas e omin-fun-funs? Esquecera-me contar dos dois cálices. João e o desconhecido serviam-se deles com sábia moderação, que ativa o deleite gustativo.

— Conversar com passarinho? — disse o magro senhor louro, e generalizou: — Conversar com animais, caseiros ou não, é prenda comum a pessoas de alguma sensibilidade, sejam cultas ou rústicas. Nada mais razoável que atribuí-la a você, João, sabidamente membro da APA (Associação Protetora dos Animais) e cupincha da inigualável

Lya Cavalcanti. Esta, como você não ignora, fala tantas línguas quantas são as espécies de bichos da Terra, e se entende com eles muito mais e melhor do que o fazem entre si, no recinto da ONU, as nações desunidas. Bem, daí a supor que você bateu papo com uma rolinha, é só aplicar numa situação concreta o dom que lhe reconhecemos. E que o papo tenha versado o assunto da corrente não há que discutir: outro assunto você não tinha na ocasião, você só pensava em corrente, estava enleado nela, você era a própria corrente. Entende? Não faz mal. Eu continuo.

— Nesse caso, tanto podia ser uma rolinha como um gafanhoto, um elefante, uma foca...

— Foca não entra pela janela, elefante também não, e gafanhoto prefere atacar as folhas no campo, em sintonia com os derrubadores de árvores. Rolinha é muito aculturada. Quando você está no seu escritório, que dá para área não construída, o normal é que no peitoril da janela pouse, comunicativa, uma rolinha. Admite?

— Admito, e é vero. Mas por que a rolinha tomaria posição contra as correntes da sorte?

— E por que ela tomaria posição a favor, pergunto eu? Então você acha que rolinha acredita nessas coisas? Que na sociedade delas se aprova um método de distribuição de milho picado ou farelo de pão à base de quarenta e oito voos circulares em torno de quarenta e oito coleguinhas? É fazer pouco do tino dessas aves de Deus.

— Vá lá, mas o sonho? Quem podia adivinhar que eu sonhei, como sonhei, o que sonhei? Não vá me responder que Freud explica.

CORTE (NÃO DE LUZ: DA NARRATIVA)

Interrompo o diálogo na fazenda para responder ao bilhete que acabo de receber de uma leitora, de vez que ela manifesta preocupação de certo número de pessoas. Ei-lo:

Prezado CDA:

Isso que o senhor está publicando é novela mesmo, com enredo, suspense e tudo mais, ou simples brincadeira para se divertir à custa dos outros? Aqui em casa as opiniões divergem. Meu marido diz que o senhor é um mero piadista. Minha sogra acha que debaixo desse angu tem carne, e que o senhor pretende exprimir em símbolos uma realidade sutil. Já meu filho de dezoito anos diz que tudo é muito chato. Desculpe e não fique triste, pois a irmã dele, garota de quinze, se amarrou em João Brandão. Eu não tenho opinião formada, mas nossos amigos, na hora do

biriba, discutem que fim terá a aventura dele, se é que há realmente aventura. Na repartição (estou para me aposentar, espero só o Plano de Reclassificação) tanto se faz chacinha sobre o Plano como sobre a corrente da sorte. Pergunto, para esclarecer ao pessoal: O senhor vai continuar durante seis meses, como nas novelas de verdade, ou acaba logo? E qual a moral da história? Atenciosamente,

Irineia W. Pontes

Não, d. Irineia, não é novela, não tem patrocinador nem nada. Simples relato de coisas acontecidas dentro e fora de meu amigo João Brandão, que aquiesceu em divulgá-las como “rocambole metafísico”. Acaba daqui a pouco, se Deus quiser. Sem moral de fábula.

Prossegue a narrativa:

— Ora, sonhos! — exclamou o desconhecido. — Tão fácil interpretá-los sem psicanálise. Freud não explica; complica os conteúdos oníricos elementares. Outro cálice?

Sorveram outro cálice.

VIII. FOSTE TU QUE O DISSESTE, JOÃO

— Sonhar foi para você a maneira mais cômoda de refletir sobre a corrente da sorte — expôs a João Brandão o amável desconhecido, que, a essa altura, se fizera seu conhecido de longa data, quase seu amigo, por mediação do cálice. — Você estava cansado, as ideias já não operavam bem, e dar-lhes um banho de sono-e-sonho tornou-se a providência adequada. Repare na doçura do ambiente em que localizou o ato: o Céu. Um céu todo equilíbrio, de elementos repousantes. Aí você colocou a figura mítica do frade que jamais estaria na África de hoje, pois viveu há bons trezentos anos, e pediu-lhe que desmascarasse o engodo da corrente. Nessa área de paz, o desmentido seria mais suave, e dobraria os seus escrúpulos de consciência em vez de aguçá-los. Mas você não sonhou integralmente o seu sonho. Deixou-se envolver na sensualidade lírica do madrigal de Palestrina, compositor sacro que não desdenhava dar suas voltinhas pelos bosques amenos da Renascença petrarquiana — e com isso o efeito decisório do sonho volatilizou-se.

— Bem, mas como se explica você saber tudo que se passou nesse sonho? — indagou Brandão.

— Adivinhe.

— Não sou adivinhão, ai de mim.
— Não é preciso adivinhar. Basta que se lembre.
— Me lembre de quê?
— De um hábito seu.
— Não tenho hábito de contar meus sonhos a ninguém, ora essa.
— Mas tem o de contá-los ao papel. Você escreve um diário, João.
— E daí? Não posso acreditar que...
— Pode, pode. O Neco leu o seu diário, leu a rolinha, leu o sonho, e nos contou.

— O Neco é um sem-vergonha tamanho família — explodiu João Brandão, sentindo-se watergatizado até o fundo de seus abismos oníricos. — Isso absolutamente não se faz. O fato de ser meu primo e meu afilhado de casamento não autoriza semelhantes processos à Nixon & Cia.

— Calma, João. Acho bom você tomar outro cálice. No final, acabará louvando o Neco por essa inconfidência. Afinal, por que você lhe deu a chave do seu apartamento?

— Não foi para ler meus papéis íntimos, e muito menos para divulgá-los. Foi pelo telefone. O Neco está no Plano de Expansão há não sei quantos meses, e ainda não recebeu o aparelho. Então, vai lá em casa telefonar. Como eu nem sempre estou em casa, dei-lhe a chave.

— Tem certeza de que, no fundo, no fundo, não lhe deu a chave para ele ler o diário?

— É possível. Digo-lhe mais que minha intenção era fazê-lo negociar a publicação do diário no *New York Times* para abalar o mundo e ganharmos umas boas pencas de dólares.

— A ironia não é defesa suficiente contra certas indagações, amigo João. Saiba que o prof. Stilness, titular de Psicologia na Universidade de Stanford, demonstrou num tratado de quinhentos e cinquenta páginas que a intenção básica de quem escreve diário é vê-lo profanado por olhos estranhos. Dê-se por satisfeito com o fato de que o profanador foi o seu primo Neco Brandão, que lhe quer muito bem e jamais o denunciaria ao SNI ou ao ridículo público, se houvesse razões para isso.

— Não estou bem convencido de que a tese do prof. Stilness encerre um grama de verdade, mas admito que sim, e até a verdade total. De qualquer maneira, eu gostaria que meu diário, escrito inconscientemente para ser lido aquém e além-fronteiras, tivesse sua divulgação administrada pelo autor, e não por qualquer outra pessoa, mesmo ligada a mim por vínculos de sangue e afeição. Acho que o Neco abusou. Tanto mais quanto leu e foi contar... a quem? Permita-me renovar a pergunta que lhe fiz no começo de nossa charla. Quem são vocês? Precisamente, quem é você que se permite entrar assim na minha vida ultraparticular, a vida sonhada, em conluio eticamente discutível com o meu primo Neco Brandão? Era a primeira coisa que devia fazer: apresentar-se. Pelo visto, ficaríamos aqui discreteando até a consumação dos séculos, à beira dessa cachacinha, sem que sua identidade me fosse revelada. O que não me parece muito cortês de sua parte, diga-se de passagem. Se bem que não posso me queixar de sua hospitalidade. A cachacinha é excelente, e convida à confraternização. Mas como hei de confraternizar plenamente com alguém que ainda é o dr. X ou o sr. Y, por mais simpático que seja o portador de uma dessas letras?

— Tem razão, vou identificar-me.

IX. O NOME E O NÚMERO

— As pessoas se identificam por um número no Instituto Félix Pacheco e por outro número no Imposto de Renda — falou o sequestrador. — Isso é identificação? Um desses números é falso, ou os dois, se a cada indivíduo há de caber um número fixo, coisa que não aceito sem protesto. Prefiro me identificar vivendo e convivendo, num processo incessante de pluri-identificação. Mas se você faz questão de me chamar por um nome convencional, me chame de você mesmo, me chame de João Brandão.

— Piada?

— É, no sentido em que toda coincidência tem uma dose de piada. A verdade é que somos xarás. E daí? O nome que nos deram não é original. Há Joões Brandões para dar e vender, do lado de lá e do lado de cá do Atlântico. O mais ilustre de nós, posto que esquecido, foi redescoberto pelo Celso Cunha; vivia em Portugal no século xvi e

escreveu *Majestade e grandezas de Lisboa em 1552*. O mais famoso, o bandido que escreveu suas memórias na prisão do Limoeiro. Outro colega nosso andou comprometido em suposta remessa de armas para as tropas de Antônio Conselheiro, conforme consta da excelente pesquisa de Walnice Nogueira Galvão num livro sobre a tragédia de Canudos, *No calor da hora*. O mais badalado de todos, porém, é você, desde que um cronista entendeu de levar sua vida e andanças para o jornal. Eu sou apenas mais um João Brandão, no joãobrandonismo geral de que participamos. Repare que não somos parecidos em nada. De resto, cada João Brandão, dentro da mesmice da espécie, é diferente de outro, e até de si mesmo.

— Tem razão.

— Somos iguais e somos diferentes. Somos diferentes e somos complementares. Por isso preparei com amigos uma pequena farsa para atraí-lo e conferirmos nossas identidades. A corrente foi um golpe. Feita aqui, nesta velha fazenda, de parceria com o Neco Brandão e os três companheiros que foram buscá-lo.

— E quem são esses três?

— Você não vai acreditar, mas todos três se chamam civilmente João Brandão. Não é invenção minha, mas da vida. Nem sequer são primos em terceiro grau, mas são primos, ou melhor, são irmãos em brandonidade. O que os juntou, basicamente, foi a afinidade do nome comum. Unidade de que não desconfiaram os pais, ao dar-lhes nome, nem os cartórios, ao registrá-los. Mas que existe e subsiste em meio aos vários destinos dos portadores desse nome. Bem, o fato de serem três permitiu dar à operação de sua vinda o caráter respeitável de sequestro. Não se compreende um sequestro digno dessa qualificação sem pelo menos três operadores; do contrário, fica sendo episódio policial de rotina ou simples passeio. Além de três ser o número mágico que todos sabemos, numa série que vai do triadismo mítico dos antigos até a tríade dialética de Hegel. Três é uma beleza de número.

— Mas por que o sequestro, se vocês podiam me convidar honradamente para uma visita?

João Brandão II olhou serenamente para João Brandão I:

— Porque você desejava ser sequestrado, meu caro. Você, lá no fundo de seus subterrâneos mentais, pedia para ser sequestrado, exigia essa providência.

— Eu?

— Como todo introspectivo, sua aspiração é projetar-se para fora de si mesmo, sem perda de sua fazenda. Digo fazenda no sentido de bens abstratos, e no sentido mais abstrato ainda de uma fazenda de bichos e matas plantada no fundo primitivo do ser humano: sua ligação com a Terra, anterior à Máquina e à Lei. Você queria uma confederação de fazendas, sem anexação de nenhuma, sua ou alheia. Fácil de observar, pelo que sabemos de você. Então, lançamos a isca da corrente, e...

— E o quê?

— Fisgamos o peixe que há em você, como em todo João Brandão que busca a sociedade das solidões. Já lhe disse que passou no teste. A corrente da sorte foi um sacrifício para você, que não acredita em correntes, mas achou do seu furioso dever tocar aquela para diante. Agora, vamos ao principal: a razão por que o convocamos, sob aparência de mistério.

X. CAVALGADA

— Convocamos você para dar-lhe uma sacudidela existencial — prosseguiu Brandão II, degustando lentamente o último cálice de branquinha, enquanto irrompia pelas janelas o nitrado dos cavalos da primavera. — Uma suspensão pelos cabelos, sobre o abismo, entende? Suspensão de que todo homem necessita pelo menos de cinco em cinco anos, principalmente os de nossa raça contemplativo-cético-idealista-enrolada.

— Não vejo abismo nenhum nesta mesa a que nos sentamos e neste cálice que você me convida a enxugar pela terceira... terceira ou quinta vez, hem? — ponderou João Brandão I.

— Claro. Mas se o xará observar melhor, sentirá que alguma coisa mudou. Ou se revelou. Esta fazenda não é lugar de nostalgia estática, de onde se evolvam fantasmas dos barões do açúcar. Não ouviu o hino sazonal dos cavalos? Estão no pátio à nossa disposição, para campear as terras de João-ninguém e de Maria-fandango, as

sesmarias do pode-ser, as datas de minerais indescobertos que revolucionarão o esquema da economia universal, as índias e marajós que não constam de nenhum mapa, e onde habitam os futuros companheiros da vida em harmonia... Vamos!

Assomaram à porta, vestidos de roupas estrafalárias, os três Brandões antes mencionados como três N. Tinham nas roupas e nos semblantes aquela alegria de libertação que rebenta do ser plastificado quando se decide a romper a plastificação. Brandão I reconheceu-se neles como em irmãos desaparecidos há muito tempo e que voltavam para sua companhia como se tivessem ido à esquina comprar cigarros. Começaram a pular e cantar canções diferentes, todas combinantes na medida em que formavam um coro de vozes entregues ao prazer de cantar, independente do canto. Brandão II, que sumira durante alguns minutos, voltou lá de dentro transformado na figura de um sujeito que tanto podia ser cavaleiro da tábua redonda como pipoqueiro de porta de cinema; tinha as formas volúveis da imaginação, que cria e recria seus modelos com total ausência de plano. Em ciranda jovial saíram todos para fora, e lá fora era um dia mago, em que tudo pode acontecer se tivermos tutano para elaborar o acontecimento com as matérias-primas do nosso estoque particular.

Montaram os cinco, mais Neco Brandão, que assomara à porteira como se saísse espontaneamente de um dos mourões da cerca e fosse um ramo disposto a florescer. Andar a cavalo era uma das precisões urgentes e pungentes de Brandão I, que havia longos e mornos anos se limitava a andar de cavalo-táxi e cavalo-ônibus, pois até o uso de cavalo-pernas fora proscrito da cidade-motor, que acabou com as ruas e as calçadas e ameaça acabar com o espaço, já encombrado por viadutos, passarelas e ferrovias elevadas, enquanto não se aperfeiçoa o método de acabar com tudo fingindo que tudo continua cada vez melhor e mais rendoso.

Agora João Brandão I e o cavalo-cavalo propriamente dito, o suspirado, sonhado, impossível cavalo galopante, eram um só elemento-corisco. Com o séquito de outros homens-cavalo, seus semelhantes e comparsas, navegava por mares diáfanos de muita

largura e liberdade. E coisas começaram a acontecer, que não cabiam no urbano compartimento da vida do nosso amigo, coisas que só no voo e no vento se dispunham, se desfaziam, se refaziam e se alteravam, dentro e fora do cavaleiro do ar, no dia sem medida e sem termo, como se tentará descrever no próximo e derradeiro capítulo desta história ou estória, que não chamaremos de exemplar, pois já existem as de Cervantes, nem de proveito e exemplo, que o rótulo pertence a Gonçalo Fernandes Trancoso, e daí, vamos e venhamos, por que essa mania de colar etiqueta em estórias ou histórias, se o prazer de contá-las e o prazer de ouvi-las é razão bastante para que se teçam, e o mais é crítica, impressionista, estruturalista ou o que seja, a pousar sobre o corpo tênue da narrativa qual mosca importuna à cata de alimento, e esta digressão já vai longa e eu não aguento mais a extensão do período, sentindo que lá se vai, com o *plaisir du texte*, o nexu frasal, pelo que, *à bout de forces*, exclamo sem fôlego: Ufa!

XI. FINAL PANORÂMICO

Lá vai João Brandão montado no cavalo-liberdade. Vão com ele os homônimos e o primo. Na chispada de cascos aéreos, pois os cavalos pousam mais no ar do que no chão, a distância deixa de ser referência, rumo não tem sentido.

Montado no cavalo-liberdade.

O espetáculo do mundo apresenta-se múltiplo e simultâneo aos olhos do cavaleiro e da comitiva. Homens curvados sobre a tarefa ou interrogando os astros; mulheres engrenadas em máquinas, máquinas elas próprias; sino tangendo para o enterro no arraial; a festa dos contentes no hotel de cinco estrelas; o olhar vazio dos que nunca são convidados para a festa.

João Brandão montado no cavalo-liberdade.

O campo de batalha (na guerra não declarada), a quadra de tênis, multidões invadindo o estádio na ânsia de descobrir o herói-atleta, à falta de heróis outros; a greve dos lixeiros que acabaram se transformando em lixo e sonham com o regresso à condição anterior.

Montado no branco, verde? colorido cavalo, cintilante debaixo do sol.

Palavras herméticas acumulam-se em forma de cogumelo, pairam sobre o zimbório de cursos retóricos; laboratórios investigam o vírus do poder, que logo pulveriza os laboratórios, enquanto bolsistas interessados na decifração de palimpsestos referentes à decadência dos faraós menfitas suspendem o trabalho para visitar — saravá — o terreiro de Oxosse.

Corcel voador, crina de prata, rabo de vento, ancas de corta-nuvem.

Discussões irrompem de mercados comuns e de organizações internacionais destinadas a promover o entendimento geral por meio da confusão geral, um anjo passa devagar em Lins e Vasconcelos sem que ninguém o perceba, e o uso intensivo da pílula não impede a proliferação de cachos de excedentes da vida.

Pacapá pacapá cavalo cavaleiro engolindo espaço decorando imagens.

E sobem (pulam) os preços e baixam (escorregam) os consumidores ao nível do mísero faz de conta, árabes riem, americanos inquizilam, observadores observam, comunicadores comunicam, estatísticos estatisticam, a deusa morena desliza do alto de suas plataformas de cortiça, deixando cair sobre o povo extasiado o maná do sorriso.

O cavalo-relâmpago entre vozes, apito, estrondos, guitarras.

Visão das dores do mundo, visões do mundo espocando em champanha e lágrimas, bombas, canções, humilde consagração aos leprosos e paráliticos, o chá dos namorados na confeitaria deserta, floração de hortênsias à beira do canal, povos africanos que se libertam.

João e o cavalo envolvidos na onda que se alteia, vai alcançar o helicóptero, reverbera todas as moléculas da luz, parte-se em repuxo de pérolas, morre languidamente na areia, volta e arma de novo sua provocadora estrutura — o mar que não é só água e fauna e flor, submersas, é também o movimento das cidades, a sonolência dos campos, a violência inumana dos terroristas, o contínuo esforço de criação sobre o caos, mar enciclopédico e homérico.

Vai até mais longe, meu cavquinho, vai até o coração do homem, e atravessa-o no galope do conhecimento súbito.

E João Brandão viaja a consciência humana, as invisíveis forças que o cruzam e o dilaceram e o resgatam, suas contraditórias vontades e paixões, sua busca de finalidade perdida entre descaminhos e redescoberta a cada manhã oferecida a todos como flor.

E João Brandão, um entre tantos Brandões anônimos, repetidos, vê e sente que a tudo está ligado e tudo nele se liga, de bom e de mau, com a perspectiva da esperança para curar suas misérias, com o fundo e tumultuado desejo de explicar-se a si mesmo na aparente falta de explicação (o nexos oculto) de tudo.

E vê e sente afinal que a corrente da sorte que une os homens, os mais separados e inconciliáveis, não é de papel nem de sonho, é uma corrente de pobres metais aspirantes à nobreza do elemento mais sutil e vigoroso, a corrente de vida em busca do amor.

HISTÓRIA DE AMOR EM CARTAS

I

“Violante:

Meu amor! com letras cor-de-rosa e ponto de exclamação dourado. Por isso escolhi este postal que te mando com o meu coração simbolizado neste pombo azul-cetim em relevo que servirá de correio da minha saudade. Eu já te amava antes de nascer; depois que nasci, então, nem sei como consigo viver de tanto amor circulando em minhas veias, comandando minhas ações, afastando da mente qualquer ideia que não venha de teus olhos, cabelos, braços etc., e não volte a eles num círculo infindável e deliciosamente impositivo. Que posso fazer, meu bolinho fofo, senão te amar, te amar de dia e de noite, no escritório e no clube, na ponte Rio-Niterói e no espaço sideral, no quente e no gelado, na asa do rouxinol que aliás nunca vi mas esvoaça nos meus sonhos acordados, e na pata do elefante que passou agora mesmo na rua, montado pelo cornaca vestido de púrpura anunciando o Circo Stromboli? No papel da parede, no garfo de peixe, na aurora boreal, no ladrilho hidráulico, no rio Araguaia, *j'écris ton nom*: minha epífita zigopétala: crisandália! apocalipse! petróleo do Hades!

De tanto de amar-amarar-amarilinar, acabei te odiando, sabes? e muitas vezes te corto em fiambre para cevar em tuas fibras este horror de te amar acima do possível e até do impossível, que converte e perverte o objeto amado em alvo de imemoriais instintos aniquiladores. Nunca o amor é tão guerra como quando excede suas dimensões naturais e passa a gravitar no infinito. Te detesto é pouco; te abomino é apelido; te amo é tudo. Então fico anotando em cada sacola de supermercado: o endereço do amor é a loucura lúcida.

Ciúme propriamente não, mas gostaria de levar você para uma região submarina onde nenhuma sonda ou notícia ou o que seja chegasse, e aí estabeleceríamos um diálogo franco sobre todas as ocasiões em que você me teria traído se estivesse a seu alcance ou se

passasse à sua porta o enviado de Satã, ou Satã em pessoa e brasa. Porque não basta não trair, é essencial criar o momento de traição para desprezá-lo. E algum dia o criaste? Viveste o segundo da opção e dele saíste diáfana? Reticências. Melhor não saber.

És meu pesadelo sem deixares de ser a correção dos pesadelos cotidianos, e és também alguma coisa de tão indefinível que as línguas escrituradas e as em via de criação jamais poderão exprimir. Tudo isso é ridículo, bem sei, e sei que te rirás da importância que te atribuo em mim, mas, por favor, finge que me acreditas e assume a investidura do mistério por minha mente instituído, assume, ah, assume! A criação independe do criador, e se não adquirir domínio sobre ele, ficará bem mofina coisa. Presta bem atenção no que te digo: se não me devoras, que será de nós dois?

Contudo, estou calmo, nem sei por que te faço estas provocações. Talvez o desejo de explorar o outro lado de meu sentimento, os muitos lados, direi melhor, e neles encontrar o que não sei e não tenho e não tens e não sabes. Não é conveniente que me respondas. Toda resposta limitará o alcance de minha investigação interior. Nenhuma resposta a satisfaria. E não respostas que me dirigires serão fecundas em hipóteses desenroláveis, compreendes?

Já nem sei como terminar esta carta, que está sendo gravada. Nenhum papel chegará a tuas mãos. Terás minha voz em cassete, de modo que o postal das primeiras linhas terá de ser imaginado por ti. Este urro final é a minha despedida, plena de paixão gozosa e furiosa. Uhuhuhuhuh, aleluia! Teu

Augusto.

p.s. — De qualquer modo, espero-te à hora de sempre, no local de sempre. Embora estejamos em junho (que é junho? um ponto de vista meteorológico), debes ir decotada e levíssima. Adoro sentir-te arrepiada. Sou todo teu.”

II

“Augusto:

Em primeiro lugar, pare com essa mania de me chamar de Violante. Você sabe muito bem que meu nome é Violeta, conforme está no cartão de identidade do Félix Pacheco que um dia você quis

falsificar, trocando as últimas letras, no que eu não consenti e acabou naquela briga feia, com você levando a melhor porque infelizmente não tenho a força dos seus músculos e só esta semana comecei a treinar kung fu para me defender. Da próxima vez espere e verá.

Em segundo lugar, não entendi nem uma vírgula de sua carta, o que não é de admirar, não que eu me considere tão burrinha assim, mas afinal você é mesmo um cara muito enrolado, puxa! me faz declarações de amor que são de pegar fogo na terra e depois me acusa e me detesta e não sei mais o quê. Se eu não te conhecesse providenciava logo um pinel para te refrescar a cuca, mas eu te conheço desde o carnaval do ano passado e sei que sua loucura é postiça, você todo é postiço desde a peruca verde-abacate até os sapatos de couro de bode comprados na Paraíba, que eu encontrei igualzinho igualzinho numa sapataria da rua Barão de Mesquita e não era de couro de bode nenhum, seu safado; era de bezerro comum.

Se você me quer tão alucinadamente a ponto de me desquerer e me acusar de não te ser fiel porque não tive ocasião de ser, não provoquei essa ocasião, como é que eu posso confiar em você a ponto de topar a sua proposta de casamento, hem? me diga. Me diga por obséquio a espécie de casamento que essa sua cabeça de falso lelé está planejando. Pra me botar na rua no dia seguinte e me procurar outra vez no dia seguinte e continuar nesse rodopio pelo resto da vida? Francamente, Augusto, não entendo o que você quer desta sua amada. Já sei, quer é me botar maluquinha da silva por você, com essa jogada de pega e larga, torna a pegar a largar a pegar... até quando? até quando, meu querido, serei vítima de tuas maquinações estrambóticas e desnorteantes? (Risquei o querido; você não merece.)

Vamos jogar o jogo da verdade, vamos botar as cartas na mesa e revelar a pureza de nossas intenções, do contrário eu não garanto o que vou fazer, pois sou muito capaz de dar uma de doida mesmo, e acho que você só tem a perder com isso, pelas razões que não preciso lembrar, você sabe... ou esqueceu?

Não vou a encontro nenhum enquanto você não me responder esta carta, me tratando de Violeta e não de Violante, e pondo os pingos nos is, como dizia minha vó, que com um tiro de espingarda (ainda

não te contei?) aleijou vovô porque ele mentia para ela descaradamente, dizendo que ia jogar bilhar no Clube 15 de Novembro quando na verdade passava as tardes na pensão da Eufrosina, a cinco quadras de distância de nossa casa em Porto das Flores, tocando violão e bebendo cerveja. Minha vó, eta mulherzinha fora de série! era a primeira vez que pegava numa Flobert e não errou o alvo. Fez os primeiros curativos e disse que não tinha sido para matar, só para ensinar. Ele aprendeu para o resto da vida. Augusto, nem sei por que te conto essas coisas do passado, não leve a mal nem pense em segunda intenção da minha parte, mas eu gosto de conversar, só que o teu papo é tão complicado!

É só. Um beijo da

Violeta.”

III

“Minha Violeta-Violante:

Tua resposta não me surpreendeu. Falas em casamento como se ele fosse a meta essencial dos destinos humanos e a forma ideal de conjugação de duas pessoas que se amam. Lembras minha proposta, mas qual proposta? Em certa noite na Barra, sim, me recordo de te haver falado num projeto de união mística em forma de matrimônio, ao jeito dos rituais primitivos, de natureza mágica, que não demandavam o patrocínio dos deuses e muito menos a chancela civil; eram válidos em si, como inspiradores de uma situação nova e deliciosa. O qual projeto se consumaria, é lógico, na primavera, tal como desde os povos mais antigos há registro em memória de homem. Você, porém... você é do papel passado, é da estampilha e do carimbo sacramentais e ameaça converter o nosso caso de amor em caso de cartório, que lhe tiraria todo o verdor. Nada de novo.

Seja. Comprometo-me a esperar-te à porta do Registro Civil às dez horas de segunda-feira, para pedir a um cartorário que nos prepare a solenidade a celebrar-se na casa das audiências, com toda a publicidade, a portas abertas, conforme preceitua o Código Wenceslau. Já não quero que te apresentes levíssima e decotada, e sim recoberta de todas as armaduras da responsabilidade que vais assumir: a esposa de Augusto perante a Lei há de ser modelo de

austeridade, símbolo de virtudes, arca de salvação & muitas outras prendas que enumerarei em documento particular a te ser entregue na noite de domingo, após a apresentação dos gols da rodada na televisão, tá?

Previne-te. Consulta o teu mais secreto coração, se o tens, antes de te arriscares a um passo que chamarei de núpcias entre o escorpião e a libélula, sendo que não sei se és realmente libélula (existem falsas libélulas), enquanto eu sou mais aferroado pelo escorpião do que por ele guiado no painel estelar que determina as influências e rumos. Precata-te, ó epitalâmica, e não venhas depois dizer que te conduzi a um labirinto sem fio de Ariadne; os labirintos modernos não o têm. E todos somos labirínticos, com ou sem labirintite, mas essa é outra história.

Fico por minha vez prevenido quanto aos impulsos homicidas de tua família, explicitados no episódio de teus avós. Não me disseste em que ponto da anatomia do velhinho ela acertou a sua bala antimendaz. Não posso, em consequência, avaliar o grau de invalidez que o atingiu. Aleijado, onde, como? Mas se você prefere kung fu, me sinto mais garantido.

O caso do cartão de identidade, que importância tem? Na realidade, procurei introduzir em seu nome uma letra, n; e que letra! designa o conjunto dos números inteiros naturais; é símbolo de unidade de força, aponta para o Norte, a esperança, o radioso. Dei um timbre musical mais mozartiano ao seu nome. Além do mais, é muito provável que seu pai, versado em letras portuguesas d'antanho, se haja inebriado com as rimas de Sórora Violante do Céu e quisesse imprimir na filha o nome da poetisa de Seiscentos; erro do cartório, mais um, jardinizando-te em Violeta. Desadoras o prenome lírico? Não tem importância. Continuo a amar-te. Nossa história tem a fatalidade dos sismos. És o meu tremor de terra. Sou o teu apocalipse. Juntos formamos uma catástrofe. *Adelante!* Direi como Apolo a Iulo, na saga de Eneias: *Sic itur ad astra!* Ou a um despenhadeiro sem amanhã...

Ris? Não me levas a sério? Jogral me julgas, e tudo é pantomima? Não identificas o trágico imanente sob a carapaça farsista? Ou é de

teu agrado brincar com os poderes do fogo e do trovão, mesmo quando eles se apresentam sem disfarce?

Ai, viola d'amor tão pouco amante e amável, mas tão violenta sob a fragilidade das violetas, e tão inviolável, eu pressinto, eu sinto, no obscuro território de ti mesmo oculto, pois não sabes o que és, pensando que és outra coisa; e a mim me cabe a grave missão de revelar-te a ti mesma, ainda que tenha de inventar-te, para tua maior surpresa!

Ciao, porto-de-flores. Estão tocando a campainha, e a julgar pelo horóscopo de hoje, e como acontece nas novelas de tv, só pode ser um elemento perturbador. Teumente (o advérbio é criação minha).

Augusto.”

IV

“Augusto, ingrato:

Sei de tudo. Não adianta esconder nem disfarçar a evidência. Você está inteiramente vidrado naquela sirigaita do Bairro Peixoto, que por sinal não lhe dá o menor fresco. Tenho provas do que afirmo, não me pergunte quais: de que você está gamado por ela e de que ela pouco está ligando para a efervescência de você.

Augusto, quem diria? Naquela temporada em Itacuruçá, você me jurou amor eterno e outras milongas no gênero, mas tudo era falsidade e eu fui acreditar nessa falsidade, eu rompi com o Fausto, eu rompi com a minha família para toda me dedicar aos seus carinhos, eu fiz uma porção de besteiras, de que aliás não me envergonho pois tudo que é motivado pelo amor tem uma grandeza que os olhos de Deus sabem distinguir, eu perdi uma boa situação, você sabe disso, e para quê?

Para me ver passada para trás sem a menor explicação, que eu exijo, ou antes, que suplico, pois não adianta reclamar de você o cumprimento de uma obrigação moral, e talvez as mãos suplicantes levem esse coração leviano a se compadecer da minha situação. Há dez dias contados, minuto por minuto, eu telefono para o seu escritório e me respondem que você não está, que você não veio, que você acaba de sair, que você não volta, que você está conferenciando com o presidente da empresa, que você viajou, que você embarcou

numa nave espacial, sei lá. E se toco para o seu apartamento, é aquele sinal ocupado aquele sinal ocupado aquele terrível sinal ocupado que dói mais do que uma punhalada... ou é o silêncio.

Eu conheço muitas espécies de silêncio, sou de natureza calada, e para mim não há nada mais gratificante do que o silêncio a dois, quando os dois estão bem juntinhos e nem sentem necessidade de botar no toca-discos um solo de flauta, daqueles suavíssimos. Então os sentimentos mais requintados se exprimem independente de palavras e circulam entre os amantes numa telegrafia maravilhosa. Você sabe disso, você que me ensinou a curtir o calado, as finíssimas emoções do calado, que eu queria traduzir em gestos de carinho, passando a mão de leve nos seus cabelos, no seu rosto, na sua perna esquerda estendida sobre a areia. Aquela tarde em que você me disse baixinho: 'Não, amor, o menor gesto destrói a beatitude', e eu compreendi, e durante uns trinta minutos (trinta? para mim foi a eternidade) ficamos completamente desligados do lugar, do tempo, da vida, pairando muito alto como estátuas sem substância, transparentes, fixos, puros deuses. Este silêncio eu adoro, mas o de um telefone que toca toca toca e não atende e a gente sabe que do outro lado há uma pessoa com os ouvidos obturados a algodão, insistindo em não ouvir, não atender, não ter pena... você não acha que este é um dos martírios modernos que a dureza do homem extraiu da tecnologia?

Ai, Augustinho meu, aliás ex-meu se é que algum dia foi meu, do que descreio, para que fui lembrar o que você esqueceu tão depressa? Bastou que uma espevitada rebolasse na sua frente para você fazer de mim página virada. Acha isso direito? Meditou antes de optar por outra mulher que tudo indica também lhe há de virar a página como você virou a sua pobre Vanessa? Não sou eu quem diz, é o rosto dela estampado nas páginas fúteis da imprensa. Aquela mariposa não ilude ninguém de olho mais vivo: a dissimulação, a perfídia, a falta de consciência estão luzindo no seu sorriso de subgioconda do Bairro Peixoto.

Sei que magoo você fazendo este juízo de sua noivinha (você tem o sestro de ficar noivo de todas as mulheres de quem se aproxima, eu que o diga). Mas é para o seu bem que estou ponderando estas

coisas. Não é absolutamente para trazer você de volta aos meus braços. Inclusive sou sua amiga, desejo acima de tudo a sua felicidade e, francamente, acho você um caso perdido, mas ainda assim quero lhe abrir os olhos. (Sei de coisas de sua bem-amada que até com o SNI ela ficaria mal.)

Esta carta segue por portador que tem instruções para não entregá-la senão mediante recibo passado por você. Preciso ter certeza de que minha mensagem não se perdeu ou foi jogada fora sem leitura.

Sua, tristemente,

Vanessa.”

v

“Violeta, minha querida apesar de tudo:

Escrevo para você porque não há outro meio de nos comunicarmos. Meu telefone enguiçou como de costume. Estou com a gripe da fusão (essa gripe nova que anda por aí, depois que a Guanabara se fundiu com o estado do Rio, e que funde febre e dor de barriga). Lá fora há um gelo danado, e eu estou sem condição de ir à sua casa para levar um papo com você. E tanta coisa entre nós para passar a limpo, meu Deus!

Olhe, eu descobri que você anda de namoro forte com o Augusto, esse cara detestável que em maldita hora lhe apresentei no Casa-Grande. Até já se fala que vocês vão casar! É o cúmulo, eu podia esperar tudo de você, mas essa de casar com Guto Flauta Doce (é o apelido dele na patota, por causa da sua mania de botar solo de flauta em tudo que é colóquio amoroso), essa eu acho dose para todos os leões do Simba Safári de São Paulo.

Onde que você está com a cuca, Violeta? Se entregar de corpo e alma a um indivíduo que pelo fato de ser da nossa turma não tira diploma de gente boa, pelo contrário, é a nossa mancha. Ele só nos tem dado dor de cabeça, sempre se atravessando na vida de cada um, antes foi com o Gonçalves, depois com o Arroxelas, agora é comigo! pois você sabe perfeitamente que ou você será minha ou não será de mais ninguém. Se concordei em me afastar foi porque você me falou que ia dar uma de religião tântrica e recolher-se a Itacuruçá para aprofundar as implicações da mandala. Acreditei, bobo que fui, e aí

me informaram (quem, não digo) que o Guto tem lá uma casa de vento para onde leva as suas garotas. Você foi na conversa dele, me iludindo, mas também se iludindo, pois o Guto não é de nada em matéria de religião, ele é de outra coisa muito diferente, você sabe qual é. Ou não sabe? Prefere se iludir, ou que diabo está se passando com você?

Interpelei o Augusto, ele tirou o corpo fora, alegando que namorada ou ex-namorada de amigo é como se fosse mãe dele, não tem nada de mais sagrado. Depois trocou para irmãozinhos, 'eu e a Violeta somos como dois irmãozinhos, vê lá', me garantiu ele. Mas que negócio é esse de irmãozinhos fotografados na praia naquela posição e naquele beijo? Achei a foto, remexendo na mesa dele quando fui ao escritório tratar de negócio e ele teve de sair da sala a chamado do presidente, me deixando sozinho. Foi um soco na cara aquela foto. Roubei, não nego, essa prova terrível da traição dos dois, que conservo comigo como uma faca permanentemente cravada em meu coração. Ela anda sempre no bolso esquerdo do paletó. De vez em quando eu tiro e contemplo esse casal embolado na areia da praia. Quem tirou a abjeta fotografia? Um pescador, a quem Guto deu instruções para manejar a máquina? O caseiro? Ele mesmo, se a máquina é moderna e, depois de preparada, trabalha sozinha? Mas que coragem! E que miséria! Com certeza foi ao som de um LP de Jean-Pierre Rampal que ele carrega sempre com um toca-discos nas suas aventuras bucólicas, não foi?

Violeta, como você vê, não há possibilidade de esconder isso sob o véu de experiências de tantrismo. Por outro lado, sei que entre nós dois tudo está acabado, papo findo, nem quero forçar uma reconciliação que não seja espontânea e que não parta inteiramente de você. Claro que ela devia importar numa reformulação total do seu comportamento, coisa que eu duvido muito. Pode ser, mas... Quanto a mim, continuo o mesmo homem de sempre. A porção de ideal que depus em você, retirada embora por motivos óbvios, perdura intata em meu coração, disponível e pura. Deixo você inteiramente à vontade. Não peço nem proponho nada. Não forço a barra. Nem escrevo para me lastimar ou protestar, e muito menos

para exigir coisa alguma. De você, só de você, deve partir a palavra definitiva, fruto da reflexão e de consulta às mais fundas raízes da alma.

Seu, com um abraço,

Ernesto.

p.s. — Você deve estar curiosa de saber o que fiz com Augusto, depois da revelação. Não fiz nada. Certos impactos emocionais anestesiam a vontade. E eu sou principalmente um homem educado. Embora pálido, disfarcei e tratei com ele do negócio que tinha de tratar, sem que ele percebesse nada nem desse pela falta do retrato. Continuo calmíssimo. Mas o que eu fizer fica dependendo da resposta que esta carta merecer de você. — O mesmo.”

VI

“Augusto:

Sua resposta não responde nada. Isso de apocalipse e tremor de terra pode ser muito bonito, mas preto-no-branco, que é bom, você está longe dele duzentas milhas. Quer ir comigo ao cartório do Registro Civil às dez horas de segunda-feira, sabendo perfeitamente que essa é a hora do meu cabeleireiro, e além do mais sua carta me foi entregue às dezessete horas desse dia! Como posso levar a sério um homem doidamente apaixonado por mim que não sabe nem sequer a hora do cabeleireiro da sua amada-tremor de terra?

E depois, meu matusquinha, só se trata dos papéis depois de ajustar certos pontos de importância fundamental, que vão desde o regime de camas separadas até o regime de comunhão de bens. Não posso ligar meu destino pelas leis humanas e divinas a um cavalheiro que quer fazer tudo de galope, sem primeiro estabelecer uma regra de vida em comum que permita o livre desenvolvimento das personalidades envolvidas na situação existencial, entende? Eu quero assumir o status de casada mas devo assumir antes e plenamente a minha condição de ser humano integral, sem o que, voltamos a zero-quilômetro.

Olhe, quando você me botou na cabeça que eu, para me afastar do Ernesto, devia contar a ele que ia me dedicar a experiências transcendentais com esse tal de tantalismo (é assim que se escreve?),

fiz exatamente como você mandou, e agora o Ernesto descobriu tudo, descobriu até aquelas fotografias meio marotas que nós tiramos em Itacuruçá, e está me jogando na cara como se eu fosse a última das traidoras. Calcula o vexame que eu estou passando, só porque você não quis que eu dissesse claramente ao Ernesto que eu estava amarrada em você. Agora ele vai exigir de mim que eu volte para ele sob pena de me desmoralizar mostrando as fotos a todo mundo, mas como foi que elas foram parar na mão dele??? pergunto. E eu serei obrigada a voltar para ele se você não se decidir a legitimar aos olhos da sociedade aquilo que o nosso amor exigiu de nós (de mim pelo menos) com tanta inocência e pureza, com fundo musical em dias inesquecíveis... Augusto, Augusto! Você ainda é amigo do Ernesto, depois que ele se revelou tão mau-caráter?

Vamos, seja nobre, corresponda à imagem que um verdadeiro amante deve assumir não só em lirismo como também na vida social, dizendo coisa com coisa e adotando o lema pão, pão, queijo, queijo. Estou cansada de romantismo e acho que tenho direito a uma definição de sua parte. Quando é que você voltará aqui em casa? Quando é que vai me levar de novo àqueles lugares que são capítulos da nossa história de amor? Eu conversarei tranquilamente com você, prometo não me exceder, e combinaremos tudo para a nossa união definitiva e imorredoura, pois só assim se constrói a verdadeira felicidade.

Compreendido? Beijos da sua

Violeta.”

VII

“Vanessa:

Não consigo entender o que você chama de página virada em nossas vidas. Eu não viro páginas em minha leitura contínua e simultânea de todos os signos. Para mim não há pretérito perfeito, imperfeito ou mais-que-perfeito; não há as variações do futuro; só conheço o presente infinito do indicativo.

De que você me acusa? De não atendê-la ao telefone. Isto são misérias da comunicação automática baseada em engrenagens falíveis. Nada tem a ver com a comunicação interior que dispensa

aparelhos, discagens e códigos. Não posso ser responsável pelas falhas da CTB, como não o sou pelas erronias da OEA, da ONU, do Clube Atômico, da OPEP etc.

Você chama de espevitada uma pessoa a quem não conhece e a quem acusa de todas as más qualidades do mundo. Em nome de que princípios a condena? Que sabe de positivo a respeito dessa criatura? Pode mesmo jurar que ela existe como você a pintou? Não estará atribuindo a um ente imaginário os defeitos que seu espírito inquieto encontraria em qualquer outra mulher que não fosse uma réplica perfeita de você?

Você alega que rompeu com o Fausto por minha causa. Que fez o mesmo com a família por minha causa. Minha querida, são benefícios que me deve. Ensinei-a a libertar-se de amarras que lhe comprometiam o livre movimento da personalidade.

Repare que não me queixo, apenas estranho. É preciso confiar em mim. Não mudei. Não mudarei. Depois conversaremos miúda e afetuosamente sobre estes problemas. Agora e sempre, o mesmo

Augusto.”

VIII

“Vanessa:

Não costumo bancar o infeliz em amor. Sei perder e dar a volta por cima. E tenho um pouco de alquimista, que converte em ouro a... borra dos insucessos. Logo que você foi embora (confesso que senti, não nego, nos primeiros instantes), procurei reequilibrar minha vida sentimental da maneira mais objetiva possível. E consegui. Liguei-me a uma garota sensacional e despertei nela mais do que simples interesse físico. Tendo assim provado a mim mesmo que sou capaz de superar as situações de carência, tomei a iniciativa de despedir (carinhosamente, é claro) a minha nova amada. (Você sabe ou deve saber quem é ela, pois pertence ao círculo mais chegado de suas relações.)

Eis que, outra vez disponível, posso ir em qualquer direção. Estou disposto a receber você de volta, esquecendo placidamente tudo que passou. Compreenda que não se trata de um gesto de submissão de minha parte. É antes uma escolha lúcida, uma opção que tanto prova

a minha isenção de espírito como distingue a qualidade do ser que você é, merecedor da minha eleição afetiva, livre e despreocupada do seu desvio temporário de rota. Desvio que assimilei e compreendi como tentativa infantil de autoafirmação.

Espero-a aqui na serra para o fim de semana. Os gerânios, os cães, as lãs e um bom vinho a esperam igualmente, e o amor nas madrugadas de inverno é a maior delícia terrena.

Fausto.”

IX

“Ernesto:

Pode ser que você tenha razão quando diz cobras e lagartos de Augusto. Lembre-se porém de que foi você que o apresentou a mim. Se Augusto é tão ordinário como você acha, como é que manteve com ele uma amizade de tantos anos?

Quando ele traiu o Gonçalves, que faz parte da roda de vocês, já dava para perceber a safanagem. E você na moita, hem? continuando a andar com ele como dois companheiros inseparáveis, apesar de ser tão amigo do Gonçalves. E quando Augusto fez nova sujeira com outro da turma, você não abriu o bico para censurá-lo, continuou a ser cupincha dele, não continuou? Agora, como você está sentindo na própria carne o que seus colegas já sentiram, Augusto virou uma peste, e você acode para me salvar da pestilência! Pois sim.

Engana-se, meu pobre Ernesto, supondo que precisei mentir para acabar com o nosso romance e começar outro com Augusto. Juro pelas cinzas de minha vó, que foi a pessoa no mundo que mais venerei, pois ela é quem me criou e me deu lições formidáveis de viver e me conduzir, juro que sempre desejei penetrar nos mistérios da religião budista. Como essa religião é incompatível com a futilidade da vida que nós levávamos, dei uma parada brusca e me afastei de você. Leal e sincera fui demais. Se depois o seu amigo Augusto se interessou também por essas meditações, não tenho culpa do budismo ser tão fascinante. Meu relacionamento com Aug foi todo na base de leituras e concentração espiritual, isso eu posso garantir.

O que você chama de prova terrível da nossa traição não é nada disso. A fotografia foi tirada por um monge nosso guia, quando eu e Aug fazíamos um exercício transcendental de ioga para alcançar o nível máximo de iluminação, que liberta de qualquer espécie de desejo carnal. Como você envenena as coisas, Ernesto! O que há de mais sublime na experiência de dois seres num recanto deserto de ilha fica sendo um casal embolado fazendo patifarias, é o cúmulo! Pois saiba que não é uma foto só que nós tiramos, foram várias, e se todas chegarem ao seu conhecimento, procure entendê-las na grandeza espiritual que elas representam, ouviu?

Você me pede uma palavra definitiva. Que palavra é essa? Como não tenho nada a esconder, e apesar de tudo guardo uma boa recordação do sentimento que tive por você, o qual, apesar de extinto, não faz mal ser lembrado, estou disposta a conversar em algum lugar que combinarmos, longe da curiosidade pública. Talvez nos entendamos de alguma forma, sei lá; pois conversando é que a gente se entende. Um abraço da

Violeta.”

x

“Augusto:

Nosso papo a respeito do seu relacionamento com Violeta foi muito gratificante. Saí convencido da sinceridade de suas explicações e só posso agradecer ao meu signo (Balança) ter um amigo como você, que em poucas palavras me abriu os olhos para outra realidade mais profunda: a dos liames puramente espirituais que situam as pessoas além e acima do sexo. Devo confessar a você que, na sua ausência ocasional da sala, observei uma foto colocada sobre a mesa, entre papéis diversos. Não chegou a ser indiscrição de minha parte. Mero acaso, isto sim. Era a sua foto com Violeta, que vale mais do que duas mil palavras. Compreendi perfeitamente a beleza ritual da postura de vocês, em local adequado aos mais puros exercícios de misticismo. Conheço alguma coisa de doutrinas orientais, e identifiquei a posição sagrada que marca o despojamento dos cuidados imediatos, pela integração dos indivíduos no sétimo círculo de indiferença ao prazer

e à dor. O que você me disse estava confirmado, para desafogo do meu coração.

Desculpe, Augusto, eu devia estar muito *down*, por causa dos meus negócios, para interpelar você daquela maneira. Agora tudo clareou, o sol brilha de novo. Quero celebrar o fim desse pesadelo, se assim podemos chamá-lo, com um drink a três — você, Violeta e eu — num barzinho da Lagoa que descobri na semana passada, e que ainda não está poluído pela frequência indiscriminada dessa fauna insuportável da Zona Sul. Logo que voltar de São Paulo, aonde vim para resolver aquele caso dos laminados, entrarei em contato com os dois e marcaremos o encontro.

O abraço de sempre do seu velho

Ernesto.”

XI

“Prezado vizinho sr. Ernesto:

Estou colocando este bilhete debaixo de sua porta porque toquei a campainha inúmeras vezes e ninguém atendeu, donde concluí que o senhor está fora. No banheiro do meu apartamento apareceu uma infiltração de água que suponho ser proveniente do 809, que o senhor habita. Eu pediria uma visita sua ao 709, logo lhe seja possível, para verificar o estado da parede e tomar a providência desejável. Fico-lhe muito agradecida. Atenciosamente,

Vanessa Mugliari.”

XII

“Viola de sete cordas, viola de amor, Violeta minha!

Ainda uma vez me prosterno a teus incomparáveis pés e todo me enrodilho e estilhaço e atomizo e proclamo: Se te amo, o universo é explicável, Deus é um teorema demonstrado, a História ganha sentido e ilustração, o mundo inteiro cabe numa caixinha de clipes. Mas se te amo, igualmente os outros amores disseminados pela superfície terrestre murcham como flores no dia seguinte à passagem do rei, e eu sinto que minha capacidade amantética absorve o espaço reservado a todos os demais amantes do mundo para se manifestarem. Fico eu sozinho amando por todos, e é aquela

fogueira, aquele convulso crepitar de labaredas cósmicas no deserto glacial global!

Chego a ter ciúmes de mim mesmo, Violant... perdão, Violeta. Por ser o domicílio de tamanho amor, que, concentrando milhões, bilhões de amores, envolve possibilidades, gostos, tendências, pessoas, situações incontáveis, de modo que eu não sou mais eu, sou os muitos, os todos, a amar as todíssimas neste só amor a você, entende?

Claro que não entende, minha viola pomposa (que Bach inventou e que nunca ninguém mais quis construir ou tocar, pois certas criações devem permanecer únicas e invioláveis na graça da invenção sem copiadore). Nem dá para entender, criatura excelsa. Que é o entendimento senão xerox de uma imagem cuja textura permanece irreduzível à reprodução mecânica? Que é a explicação verbal senão fantasma da natureza não vernacularizável de uma coisa, um fenômeno? Meu amor é isso que não sei explicar e você não sabe compreender.

Subo dos abismos fulgur-tenebrinos da deleitação amorosa para considerar as questões pedestres que você me propõe. Contrato pré-nupcial, comunhão de bens, essas coisas? Amor não se contrata, meu arco-íris. E eu não tenho bens, nunca os tive, jamais os terei. Milhões de cruzeiros, dólares, francos e outras ficções monetárias passam pelas minhas mãos, ou antes, pelos papéis que manipulo, sem que nada venha depositar-se em meu bolso. Eu manipulo; não acumulo. São títulos, água corrente, desenhos, letras em ciranda no vento, são o quê? Mas você acredita realmente no dinheiro, essa convenção internacional que se exprime por números? Você leva a sério esse jogo abstrato chamado câmbio?

Casemo-nos, sim; mas sem florituras burguesas. As condições que estabeleci para a nossa união são outras e altas. Mas você não quis conhecê-las. Que fazer?

Seu amantíssimo

Augusto.”

XIII

“Caríssima Vanessa:

Agora é a minha vez de usar o método de correspondência sob a porta. Seu 709 é um silêncio em forma de apartamento. Para que galáxia você fugiu sem me levar em sua companhia? Não toco apenas a campainha. Bato, rebato e a porta adversa é como se não recolhesse o som da batida.

Não posso passar o dia inteiro sem me avistar com você. Nosso conhecimento, ontem, foi fulminante. As coisas que temos em comum e que foram reveladas um ao outro em poucos minutos, no banheiro social, ligaram-nos para sempre. Para sempre, Vanessa! Não quero, não ousa definir meus sentimentos. Sei apenas, e basta, que eles se confundem com os seus, e que teremos de seguir daqui por diante a mesma trilha estreita mas necessária: a única, entende? que se abre à nossa vista.

Bendita infiltração, sacratíssimo erro do bombeiro que fez obras no meu 809. Graças a ele, nossas vidas se compuseram como peças do mesmo quebra-cabeça; e eram antes peças tontas de outros quebra-cabeças, absolutamente indecifráveis!

Logo que você chegar em casa (porque você há de chegar em casa, não é possível que você me deixe mais tempo na angústia de esperar por um diálogo indispensabilíssimo), por favor, venha correndo ao meu apartamento, onde nos trancaremos para uma noite de reflexão a dois, que será também, por que não? a noite da nossa absoluta identificação num só pensamento.

Não deixe transpirar nada, ouviu? do que se tornou o maravilhoso contato de nossas vidas convergentes.

Já contratei com um bombeiro de confiança, indicado pelo síndico do edifício, a revisão completa das instalações, e o seu banheiro será restaurado sem perda de tempo. Oh, desculpe este adendo prosaico, também necessário.

Venha. Venha. Não sairei de casa até você chegar. Até lá, o concentrado pensamento do

Ernesto.”

XIV

“Meu caro Fausto:

Não leve a mal eu ter demorado a responder sua carta. A explicação geral que se dá pelos atrasos que cometemos é que a vida anda muito atrapalhada. De fato, para quem a vida de hoje não é uma atrapalhação geral? Tenho tido problemas, que não vale a pena contar; todo mundo tem, não é mesmo? Os meus vão desde umas obras que estou fazendo no apartamento até a sensação de que a vida, afinal, não passa de uma loja de angústias, para não dizer: um supermercado bem sortido de todas as angústias imagináveis e inimagináveis. Principalmente estas!

É, mas não quero me queixar com você, estou apenas me explicando por que não respondi logo. Serei desculpada?

Você me conta que arranjou uma garota sensacional e depois... a jogou fora. Carinhosamente, diz você. Há então um modo carinhoso de atirar pela janela os papéis, os sapatos, as pessoas? Se você o inventou, é que tem um talento raro de juntar carinho ao repúdio. Estranha criatura é você, Fausto.

Para mim, desculpe a franqueza, mas o seu gesto revela apenas uma terrível insuficiência íntima. Você não sabe amar. Você experimenta o amor como quem prova uma laranja. Até a laranja é importante, Fausto, se repararmos que sua doçura depende da nossa capacidade de senti-la. Na verdade, a doçura começa no paladar da gente. Nós criamos mais do que descobrimos, isso eu aprendi com o tempo. E se desdenhamos nossa criação, é porque não merecemos criar.

Não estou acusando você, longe de mim a intenção. Por isso mesmo, procuro compreender o seu novo impulso em direção a mim, fazendo por acreditar que representei de fato alguma coisa em sua vida. E me quer de volta, hem? mas ressaltando que isto não significa submissão de sua parte... Orgulhoso, inquieto, inseguro, tresloucado Fausto: quem sabe se nesse coquetel de debilidades não estará o verdadeiro encanto de você?

Não me espere na serra por enquanto. Concordo, sim, em nos avistarmos, já que, apesar de tudo, você mostra boas disposições para o futuro e até se confessa meio infantil. Isso mesmo, Fausto: uma criança às vezes divertida, às vezes puxando para o trágico (mas tão

de leve), assim é que é você. Admito o encontro, mas sem marca imediata. Está bem?

Com paciência e carinho,

Vanessa.”

xv

“Prezado sr. Ernesto W. Gomes:

Soube acidentalmente que V. Sa pretende desfazer-se de um Pancetti de sua propriedade. A pessoa que me deu essa informação prometeu levar-me à sua presença, mas viajou para a Holanda e não sei quando voltará. Em princípio, estou interessado na aquisição desse quadro e gostaria de vê-lo, se me permitir uma visita à sua casa, em dia e hora que forem de sua conveniência. Ficarei aguardando a gentileza de sua resposta no endereço indicado abaixo.

Atenciosamente, cumprimenta-o

Fausto Seixas.”

xvi

“Augusto:

Puxa, mas você é mesmo o imperador Augusto em pessoa. Manda e não pede. Falou, está falado. Recusa ouvir as mais razoáveis ponderações da pessoa amada — aliás, será que posso considerar-me realmente amada, e não simplesmente cantada em prosa delirante, se na hora de acertar os ponteiros você me vem com essa história de que amor não deve ser objeto de contrato, e que o dinheiro passa por suas mãos feito água, mas sem molhar a palma? Quem lê isso e não sabe do seu status imagina você estendendo a mão na porta da Igreja do Carmo em missa de sétimo dia por alma de defunto importante. Engraçadinho!

Não é o seu dinheiro que eu pretendo, homem indiferente às verdadeiras delicadezas do relacionamento amoroso. Para mim também o dinheiro propriamente dito pouco representa, nada mesmo. O que eu sonhava e sonho ainda apesar de tudo é unir amor e segurança, pois segurança sem amor não faz sentido, e amor sem segurança fica exposto às maiores intempéries. Se eu fosse uma piranha ávida por dólares, ocasiões não me teriam faltado. Recusei muitas ligações que podiam ser deslumbrantes, mas que não tinham

aquele toque especial de, como é que eu vou dizer? de eletricidade vital. Eu sou elétrica, você sabe perfeitamente disso, Augusto. Se não passar aquela corrente, em mim e no candidato a parceiro, nada feito. Você (desgraçadamente para mim!) uniu nossos dois polos. E agora me sai com uma coisa dessas.

Se eu quisesse apenas dinheiro, Ernesto me dava. Ernesto não era fominha (não quero dizer que você o seja, mas enfim...). Quando eu tinha o caso com ele, vestidos eram quantos me apetecessem. Todo fim de semana a gente velejava pela costa azul fluminense e eu era uma rainha diante dos seus convidados. E as temporadas na Argentina, nos States? Tudo o Ernesto punha a meus pés. Joias. Carro zero-quilômetro. Até apartamento ele quis me dar, mas eu rompi com ele por causa de você, mostrando que essas coisas para mim não fazem diferença. Porque em você estava a eletricidade e eu caminhava cegamente para ela.

Ah, você não pode entender essas coisas. Você não entende nada de nada, desculpe. É exageradamente brilhante, inteligente, superintelectualizado, para assimilar as menores coisas, que às vezes são as mais importantes de todas. Fica soltando estrelinhas no céu de junho. Pirotécnico é o que você é. Já falei que conheço bem a sua loucura, sei como você sabe administrá-la.

De maneira indireta Ernesto continua me ameaçando, sabe? Agora eu já nem sei ao certo (vivo tão baratinada!) se ele faz isso para me reconquistar, na esperança de, com o tempo, substituir em mim o medo pelo amor, ou se quer mesmo é me desmoralizar por vingança, porque não espera mais nada de mim. Eis a situação em que você me colocou. Incrível é que, ele sendo seu amigo, tenha um procedimento desta ordem. Deus me perdoe, mas tem dias que passa pela minha cuca uma suspeita horrível: será que vocês dois estão conjuminados para me levar à loucura ou ao suicídio? Não, NÃO POSSO ACREDITAR!!!

Ele diz que quer promover um encontro entre nós três para resolver definitivamente a confusão. Tenho medo, Augusto, de que Ernesto arquitetou um plano diabólico. Só irei se você me jurar, com o coração nos olhos, que tudo será para o nosso bem, e que de uma

maneira ou de outra, para o futuro, nossos elétrons se fundirão na mesma carga adorável. Sim, apesar de tudo eu continuo esperando de você *aquela* tomada de posição, aquele grito, aquele mar. Coragem, Augusto!

Sua

Violeta.”

XVII

“Meu caro Fausto:

O quadro de Pancetti selou a nossa amizade. Não fizemos negócio, mas ficamos nos conhecendo e verificamos com surpresa que um interesse comum nos unia, se é que não nos identificava. Saí impressionado dessa longa, um tanto dolorosa, mas importante conversa, em que fomos tão sinceros um com o outro. Aqui em São Paulo, onde estou novamente tratando de problemas comerciais, benefício-me com o distanciamento que permite reflexão mais tranquila sobre o assunto que nos liga. Esta noite, no hotel, pensei maduramente no combinado e cheguei à conclusão de que, acertados alguns detalhes, e retificados outros, tudo é perfeitamente viável. Logo que regresso ao Rio (amanhã à noite ou, no mais tardar, no primeiro avião de quarta-feira) irei procurá-lo para decidirmos tudo. Que alívio estou sentindo nesse momento! Como se jogasse longe uma armadura de ferro que me oprimisse o corpo e a alma. Até breve, pois, com o mais solidário dos abraços do

Ernesto.”

XVIII

“Augusto:

Você prometeu conversar comigo sobre nossos problemas e até agora não deu sinal de vida. Já que a montanha não vai até Maomé (mas quem sou eu para me comparar a Maomé), vou até a montanha. Ah, você é mesmo de pedra, Augusto. Como até as pedras podem ser maravilhosas, e para isso nem precisam ser talismã, basta que sejam belas ou raras, como uma calcedônia que eu vi no Rio Grande do Sul, que tinha alguma coisa de peixe, de ave e de joia, não me leve a mal porque chamo você de pedra. Uma deliciosa rocha, uma facetada e fulgurante lasca de minério, que a gente tem

prazer em ver, pegar, guardar... Quero guardar você ao menos por algumas horas, meu bem. Já não me importa que você pertença à coleção mineralógica de outra mulher. Ela me emprestará você durante esse espaço de tempo. Depois você volta à vitrina. Pense nisso. E resolva.

Pedra não resolve, dirá você para se esquivar. Eu digo que resolve. Porque você é uma pedra pensante, Augusto, uma pedra movente e até comovente, pois as mulheres adoram você, todas elas (não sei se apenas elas, como posso saber?) se deixam imantar pelo seu estranho poder de pedra que fala e põe música em tudo. Perdoe-me se ofendi a mulher que recebe atualmente os seus carinhos, e que você chega a admitir que talvez nem exista. Se não existe, não há ofensa. E se existe, não pode ser conforme a pinteí, mesmo porque eu não sei pintar, eu só imagino. Condene minha imaginação desvairada, não a mim, pobre mulher que se enfeitiçou por uma pedra.

Vamos fazer o seguinte. Não quero mais discutir problema nenhum. Quero apenas ver você, sentir você, pegar em você como se pega num objeto precioso. Ter mais uma vez (a última?) a sensação de que você é uma admirável criação da natureza ou do demônio, uma coisa diferente de todas as coisas — o espetáculo.

Se achar ironia nesta carta, se eu parecer agressiva, saiba que tudo isso encobre e até requinta o mel de uma ternura ferida mas ansiosa. Esta é a imagem que prevalece da sua

Vanessa.”

XIX

“Ernesto:

Que é isso, velho, então você me pede desculpas por uma falta que não cometeu? Ora, ora. Não precisamos fumar o cachimbo da paz, porque nunca houve nem poderia haver guerra entre nós. Aquela foto estava em cima da mesa no meu escritório, não estava? Pois então: se fosse um documento comprometedor, eu o deixaria exposto à curiosidade de qualquer um? Ainda bem que você sacou tudo.

Claro que topo o nosso drink a três. Digo mais: você naturalmente terá uma amiga de sua predileção, cuja companhia lhe é

particularmente agradável. Por que não a leva ao nosso drink, e teremos um drink a quatro, perfeitamente equilibrado e harmonioso? já que você se mostrou tão sensível às minhas ideias de comunhão espiritual sob aparências de relacionamento físico (mas relacionamento esse sutilmente orientado pela doutrina que une alegria e serenidade na sapiência alcançada através de ritos). Tudo isso é bem longo de explicar em carta, mas você já está iniciado na vereda luminosa. Neste século de telefones mudos, temos de recorrer à ECT. Escreva marcando dia e hora para o encontro.

Meu fraterno abraço.

Augusto.”

xx

“Vanu, minha flor:

Você aí em Amsterdã, curtindo museus, tulipas etc., e eu aqui, seu fiel escudeiro, a lhe mandar notícias da taba. Nos recortes do Zózimo, segue a badalação social e geral. A novela da distensão política, que espicha-encolhe-espicha conforme os ventos, está nas colunas do Castello. Deixo de remeter o noticiário policial, que hoje está fervendo no Rio, porque transborda de páginas inteiras, mas tentarei dar para você uma resumida do que se apurou, por enquanto, de uma tragédia confusa.

O caso é que, semana passada, apareceram em diferentes pontos da cidade nada menos de cinco cadáveres: três homens e duas mulheres, todos mortos à bala. Dois dos homens você conhecia: o Ernesto Gomes, empresário arruinado, colecionador de arte, e o Fausto Seixas, diretor da Credilux. O terceiro, Augusto Pontevedra, Guto Flauta Doce para os íntimos, misto de executivo e playboy, curiosamente interessado em mulheres cujos nomes começam pela letra V. As mortas chamavam-se Vanessa e Violeta, e foram amantes de Augusto. Tiveram também ligações com Ernesto e Fausto, e dessa embrulhada teria resultado o morticínio. Amantes de Augusto, antes de Vanessa e Violeta, foram Valéria, Virgínia, Violante. (De que você escapou, Vanúsia, não conhecendo esse cara!)

Que espécie de mulheres eram as falecidas? Violeta aparentemente trabalhava no ramo de imóveis, e Vanessa frequentava um curso de

comunicação. O ‘aparentemente’ envolve atividades ainda não esclarecidas.

A polícia estabeleceu logo conexão entre os cinco homicídios, porque eles se desenrolaram ao longo de um trajeto que foi da Lagoa Rodrigo de Freitas até a Barra, na mesma noite. Coube à reportagem ligar os fios da meada. Graças à excelente cobertura, ficou evidenciado que os homens foram eliminados sucessivamente pelas duas mulheres. Não se sabe ainda ao certo qual matou qual, mas os indícios levam a crer que Violeta eliminou Augusto e Ernesto, e Vanessa liquidou Fausto. Mas também pode ter sido de outro modo. É provável que Vanessa tenha sucumbido às mãos de Violeta, a mais perigosa das duas rivais. Mas quem matou Violeta, se do grupo em conflito não restava ninguém para fazê-lo, este é enigma por desvendar.

A correspondência encontrada em casa das vítimas permite recompor os vários romances existentes entre elas, mas não basta para afirmar que simples ressentimentos amorosos tenham determinado toda essa sangueira. Parece que Violeta fazia questão fechada de casar-se com Augusto, e que este negaceava. Seria motivo suficiente para que ela o matasse? O fato de Vanessa ter sido assediada por Fausto, para uma reconciliação, que não lhe interessava, pois ela queria por sua vez reatar com Augusto, justificaria a imolação daquele? Por que razão Violeta mataria Vanessa a tiro, se a substituía nas graças de Augusto, embora não chegasse ao casamento ambicionado? Por que as mulheres se enfureceram a tal ponto, e por que os homens foram tão fracos com relação a elas, deixando-se imolar? Ou um teria trucidado o outro, com auxílio de um, dois ou três cúmplices? De Violeta sabe-se que tinha impulsos de intensa agressividade, mas Vanessa, apenas neurótica, tendia antes para a doçura nas relações amorosas.

Uma tela de Pancetti acabou ocupando lugar de relevo no noticiário. É uma dessas belas marinhas de solidão e areia, que o pintor costumava fazer. Fotografias de cenas eróticas na praia de Itacuruçá foram tiradas no mesmo local que o pintor escolheu para ambiente do seu quadro. Os encontros de Augusto na ilha obedeciam a um ritual entre religioso e lascivo. Não consta, porém,

que ele cultivasse a sério doutrinas espirituais de qualquer natureza. Era um maluquinho, mas começa a circular que mantinha contato com uma quadrilha internacional, não se sabe ainda se interessada em contrabando de minerais atômicos ou em tráfico de entorpecentes. E Violeta estaria na jogada. O ‘casamento’ que exigia de Fausto seria antes divisão *fifty-fifty* de lucros apurados na clandestinidade.

Enfim, um mistério em que ‘amor’ não significa só amor, pelo menos para alguns parceiros. É só, por hoje. Beijos do seu amigo.

Torquato.

Última hora — Em segundo clichê, os jornais noticiam o suicídio, em Cabo Frio, de Violante Martinez, que deixou carta à polícia confessando ter participado da matança da noite de São João. Fora amante de Augusto e depois de Fausto, que a deixara para voltar a Vanessa. Passou a espionar os três e soube que eles, e mais Ernesto, haviam marcado encontro no mesmo local. Foi até lá e houve um complicado acerto de contas, à base de álcool, ironia e ódio. Dois se aliavam contra um, para exterminá-lo, e depois se exterminavam. Sua vez foi a última: Violeta. Já não encontra razão para viver, e antes que seja trucidada por alguém (que não quis dizer quem seja) resolve acabar com tudo. Atirou-se ao mar. A história permanece indecifrada na essência; algum dia se esclarecerá? No Rio não se fala noutra coisa. Mais beijos. — T.”

FINAL

Assim termina a história, assim começam outras, que surgem de sua vária interpretação.

Pois uma história pode ser interpretada de tantos modos e pontos de vista, ao sabor de cada sensibilidade, que se chega a não saber como e por que aconteceu.

E até se realmente terá acontecido.

Como as histórias começam à revelia do leitor, haverá mal em que finalizem de maneira contrária à esperada (ou desejada) por ele?

Esta foi uma história de amor, ou o amor só apareceu na letra duvidosa das cartas?

Quem sabe se as cartas, quanto mais falavam de amor, mascaravam a pungência recatada do amor que lavra sob a aparência de amores banais? Se as cartas não eram falsas, e o amor verdadeiro?

Talvez os protagonistas desta história mentissem a si mesmos, fingindo amar quando amavam demais, na intenção de se enganarem a si mesmos através do engano a seus parceiros.

Assim é o amor, sabidamente irmão da astúcia e vítima da essencialidade. Constrói um sistema de defesas que se volta contra ele. E explode em autoimolação.

Esta é uma história absurda de sangue e simulação, de cartas jogadas na penumbra; reunidas, formam novo baralho que ninguém mais poderá manusear.

O dinheiro infiltrou-se na região transparente do amor? Pessoas se mataram por ambição, mais forte do que amor? Há, quem sabe, um grau de ambição que assume forma passional e absorve os valores típicos do apetite amoroso? Possuir, sob qualquer forma, é exercitar a sexualidade?

Meus pobres títeres que durante um mês ocupastes o espaço do cronista e hoje vos recolheis à tumba da desmemória: não provastes nada, não distribuístes nenhum ensino. O enigma da raiz dos gestos decisórios continua a permitir toda espécie de variações. E resta saber se as decisões resultam mesmo do livre-arbítrio, do impulso incontrollável, ou do multifário acaso, pai da história humana.

Tanto tempo consumistes na comunicação postal, na urdidura de uma trama ambígua, na composição de fins particulares que vos convinham ou pareciam convir, para, afinal, vos consumirdes igualmente no mesmo fim comum e autopunitivo.

Ou será — hipótese a aflorar sem muito ânimo — que realizastes dramaticamente uma síntese além do mesquinho jogo de interesses, que vos unia e separava ao mesmo tempo? Seria isto, no casulo de um pensamento informulado, mas ativo, o que pretendíeis alcançar, e não sabíeis?

Não comungo nesta ideia. A explicação final de tudo será, ao que suponho, uma não explicação que tudo explica, se reverenciarmos o mistério como ápice de toda existência. A justificação pelo amor não dependerá de se conceituar, antes, o que seja amor? E quem o

conceituou até este ano de 75 em sua insondável plurissignificação de antagonismos convergentes? Dicionários e tratados de psicologia propõem definições, esquemas e comportamentos que a todo instante ele, sorrindo ou ameaçando, desfaz.

Ora, pois, amigas e trágicas personagens que, de qualquer modo, me oferecestes vossa convivência nas palavras manuscritas e na gravação, que compulsei, devo agradecer-vos a todas. Às perversas, que possivelmente não o foram, às ingênuas, se houve alguma, às desvairadas e conduzidas pelo redemoinho, todas. De vós me despeço, na qualidade de copista perplexo de incoerentes caligrafias. Adeus!

A VISITA INESPERADA

A empregada correu na frente, para avisar:

— Me desculpe, madame, mas a campainha tocou e mal eu fui abrindo a porta, essa madame aí foi entrando e dizendo que precisava falar com o doutor.

Atrás vinha uma senhora de porte altaneiro, que se plantou diante da mesa onde jantavam quatro pessoas e disse:

— Boa noite. Vim aqui buscar meu marido.

Os comensais entreolharam-se, em conferência muda de espantos que não encontravam expressão verbal, nem mesmo um oh!

A dona da casa, refazendo-se, quebrou o silêncio:

— Não quer sentar-se?

— Obrigada. Não pretendo me demorar nesta casa.

E voltando-se para um dos homens sentados:

— Agenor, vamos embora?

Agenor, sem levantar o rosto, respondeu:

— Estou jantando.

— Peça licença para interromper o jantar e vamos para casa.

— Estou jantando, já disse, e não costumo interromper minhas refeições.

— O lugar de você fazer refeições é a nossa casa, e não me consta que esta seja a nossa casa.

— Com licença, Heleninha — disse o outro homem. — Agora me lembrei que tenho de visitar um doente no Grajaú antes das dez. Vamos embora, Teresa?

— Não, Euclides — disse a dona da casa. — Prefiro que vocês fiquem. Não vejo nenhum inconveniente em que este assunto seja tratado em mesa-redonda, tanto mais quando Teresa é minha irmã e você é meu cunhado. E então, Agenor?

— Gosto de jantar tranquilo — respondeu Agenor. — Além do mais, não acho correto que pessoas estranhas entrem em domicílio alheio sem serem convidadas.

— Perdão, Agenor, essa pessoa estranha é sua mulher legítima, e a pessoa em cuja casa você está jantando é que é realmente um elemento estranho à nossa sociedade conjugal — objetou a recém-chegada.

— E se o diálogo fosse desenvolvido no salão, depois do jantar? — propôs Heleninha, ríspida.

— É mesmo — aprovou Teresa. — Você não acha, Lucrécia, que tudo pode ser conversado daqui a pouco? Estamos quase acabando.

Lucrécia transigiu:

— Bem, eu espero quinze minutos, não mais.

— Nesse caso, aceita um café? — sugeriu Heleninha, com um meio sorriso de circunstância (ou de vitória prévia?).

A invasora pensou um instante para responder:

— Aceito.

O dr. Euclides levantou-se e ofereceu-lhe uma cadeira, que Lucrécia, antes de sentar-se, recuou um pouco, a significar que absolutamente não participaria da mesa da amante de seu marido.

Voltando o silêncio, coube a Teresa realimentar a conversa, dizendo para a irmã:

— Heleninha, este seu Bianco é espetacular. Um nu tão sensual, e ao mesmo tempo tão casto.

— Pois eu ainda gosto mais dos trigais do Bianco, todo aquele esplendor da terra, que ilumina a parede em redor — disse o dr. Euclides.

— Se é Bianco, é sempre bom — comentou Agenor, saindo do mutismo em que mergulhara após a última estocada de sua mulher.

Entraram a falar de pintura, em sobremesa lenta.

— Aprecio os seus conhecimentos em matéria de arte, Agenor, mas não podia andar mais depressa com essa mousse de chocolate que está no seu prato? — agrediu outra vez Lucrécia.

Agenor continuou brincando com o talher na orla do prato, enquanto discorria sobre o fim da arte conceitual.

— Está se esgotando o tempo regulamentar — continuou ela — e eu não saio daqui sem você.

— Vamos tomar o café na sala — atalhou Heleninha, um pouco nervosa.

Levantaram-se todos.

— O meu cliente não pode esperar, o estado dele não é bom — disse Euclides. — Você vai permitir que eu me retire com Teresa.

— Não, querido, você e Teresa vão ficar aqui. O cliente inclusive terá vida mais longa, e é falta de educação se despedir logo depois da comida — objetou Heleninha.

Dirigiram-se todos para o salão.

— Muito bem — disse Heleninha, sentando-se como os demais, enquanto se servia café. — Agora podemos examinar calmamente a situação.

— Concordei em tomar café mas não concordei em examinar nenhuma situação — ressaltou Lucrécia. — Aliás, ela é muito clara. Agenor é meu marido e eu vim buscá-lo, simplesmente.

— Que é que você diz a isso? — perguntou Heleninha, virando-se para Agenor.

— Não preciso de guia para me levar a essa ou àquela parte — respondeu ele, olhando para o teto.

— Talvez precise, Agenor. Você saiu de casa às sete e meia da manhã, prometendo voltar para o almoço, e até agora. Todos os dias a mesma coisa. Concluo daí que lhe faz falta alguém para reconduzir você ao lar conjugal.

— Sou maior de vinte e um, tenho minhas pernas.

— Eu sei, ninguém está negando isso.

— Quando me sinto bem num lugar, satisfeito, relaxado, prefiro ficar mais tempo nele.

— Até certo ponto é razoável, meu caro. Mas se você se sentir bem no Regine's, por exemplo, será que vai passar o resto da vida lá?

Heleninha atalhou:

— Dada a natureza do diálogo, não seria melhor vocês ficarem à vontade, sem estarmos presentes? Nós iremos lá para dentro, enquanto vocês conversam.

— Não. É ótimo que você esteja presente — disse Lucrécia — porque você é exatamente o motivo feminino pelo qual Agenor não para mais em casa. Quanto a Euclides e Teresa, até é bom que eles fiquem sabendo, se é que não sabem.

— Você está me responsabilizando pelo fato de seu marido não parar em casa?

— Claro, queridinha. Não é aqui que ele janta praticamente de segunda a domingo? E quando não janta aqui, não é com você que ele janta fora de casa? Com você que ele vai ao cinema, ao teatro, a Cabo Frio, passeia de lancha, faz não sei mais o quê?

— Admito que nós fazemos juntos uma porção de programas sociais, mas você também me fará a fineza de admitir que ele não faz nada obrigado, faz porque quer, porque gosta de fazer. Eu não administro Agenor.

— É possível. Em todo caso, e sem querer aprofundar esse ponto, convido Agenor a sair comigo para passar uns tempos em nossa casa.

— Estou bem aqui — respondeu Agenor, examinando atentamente as unhas. — Você pode ir, eu vou mais tarde.

— Procure ser gentil, meu bem. Se não quer que sua mulher o acompanhe, pelo menos acompanhe sua mulher até a casa. Parece que ainda estamos casados.

— Parece — confirmou Agenor. — Você disse a palavra certa. Parece, mas não é verdade.

— Como? No civil, no religioso, você põe em dúvida?

— Os papéis, não. Mas a realidade atrás dos papéis. Eu me sinto solteiro.

— Escute aqui, Lucrécia — disse Teresa. — Não quero me meter na vida de vocês, mas quem sabe se um desquite não pegava bem? No meu caso deu certo, não foi, Euclides?

— É — confirmou Euclides. — No meu também. Nosso casamento vai navegando em mar azul.

— Agradeço o seu conselho, Teresa — disse Lucrécia. — Mas desquite não é vitamina C, que se receita para todo mundo. Eu não quero me desquitar de Agenor.

— Está vendo? — exclamou Agenor, com um gesto desalentado, de mãos abertas, na direção de Heleninha.

— Então, permita que eu também meta a colher no assunto, embora não seja do meu feitio — aparteou Euclides. — Se você não

quer o desquite é porque lhe tem amor. Se lhe tem amor, procure reconquistá-lo, ou aceite-o como ele é.

Heleninha repeliu a lição, antes que Lucrécia o fizesse:

— Essa não, Euclides. Ele é quem tem de decidir. Vamos, Agenor, não fique com essa cara de habitante de outro planeta, que não tem nada com a gente.

— Querem saber de uma coisa? — bradou Agenor. — Vou-me embora, mas não é para casa. Vou sozinho, recuso companhia. Não aceito discussão coletiva dos assuntos de minha vida particular. *Ciao* para todos.

Levantou-se e ia sair, quando as duas mulheres o travaram pelo braço:

— Não, Agenor, você vai é comigo, que sou sua mulher.

— Agenor, você não vai sem decidir esta parada — disse Heleninha. — Se você sair, não precisa mais voltar. Exijo que fique e resolva de uma vez por todas esta situação.

— Com que direito você estabelece restrições ao livre-arbítrio de meu marido? — protestou Lucrécia. — Ele quer sair, eu também quero. Vou sair com ele, e está resolvida a situação.

Agenor continuava irritado:

— Se vocês começam a brigar, eu desapareço e ninguém mais terá notícias minhas. Sumo! Viro fumaça!

— Nããã! — exclamaram as litigantes em uníssono.

— Viro sim! Chega de competição em torno da minha pessoa!

Heleninha, por sua vez, estranhou:

— Que é isso, Agenor? Então você me coloca em nível de competição com Lucrécia? Por acaso eu fui à sua casa tirar você dos braços dela? Pois bem, pode sair, não serei eu que implore a você a graça de ficar comigo.

— Não é isso — respondeu Agenor — eu não quis ofender você, eu estou nervoso, eu...

— Viu? — disse Lucrécia. — Viu o que você fez com ele? Agenor, um homem tão calmo, tão forte, de repente sua estrutura psicológica desmorona diante dos ataques desferidos por você, que não o compreende. Ninguém resiste à incompreensão.

— Quem fala em incompreensão, se a presença de Agenor em minha casa prova justamente que ele não é compreendido em casa de você?

— Quer um tranquilizante, nego? — propôs Teresa docemente, dirigindo-se a Agenor, que, com a cabeça, respondeu: sim.

— Primeiro vamos tratar do nervoso de Agenor, depois vocês discutem — disse Euclides, lembrando-se da sua condição de médico.

As duas calaram-se.

Com as mãos na cabeça, e a cabeça baixa, Agenor virara estátua.

— Acho melhor pôr ponto final nesta discussão — disse Lucrécia.

— Também acho — concordou Heleninha.

Uma brisa de paz circulou pelo salão.

— Você fuma? — perguntou Lucrécia, estendendo o maço de cigarros a Heleninha.

— Aceito — respondeu ela. E acrescentou: — Obrigada.

Teresa e Euclides acenderam seus cigarros. O fumo tornou o ambiente ainda mais apaziguador.

Ingerido o tranquilizante, Agenor deixou-se estar em serena passividade. Ninguém ousava perturbar-lhe o repouso.

— Sabem da última do Lulu Blake? — indagou Euclides. — Tocou fogo na mansão da Isolda Schnitz para exorcizar um lobisomem. Que não era lobisomem, era o motorista da Isolda, que fazia barulho de madrugada para assustar o Lulu.

— Lulu é muito impulsivo — comentou Lucrécia. — Uma ocasião, na piscina do Copa...

— É, eu me lembro — confirmou Heleninha. — Atirou n'água, com vestido e tudo, a duquesa de Armenonville, que dissera para ele: *“Vous êtes un drôle de pantin, monsieur”*.

Entraram a recordar demasias de temperamento de Lulu Blake, nas quais Agenor não parecia interessado. Guardava silêncio nobre e distante, de olhos cerrados.

— Não fale alto, Euclides — ponderou Heleninha. — Assim você acorda Agenor.

— Isso mesmo — apoiou Lucrécia. — Vamos falar baixinho.

Mas Agenor abriu espontaneamente os olhos, já recuperado, e todos se felicitaram pela sua reação pronta.

— Desculpem o incômodo que lhes dei — disse ele calmamente.
— Não dormi a noite passada, com esse calor, e necessito invariavelmente de oito horas de sono para manter o equilíbrio.

— Incômodo nenhum, ora — disseram todos, expressamente ou pela fisionomia.

— Quantas horas são?

— Passa um quarto de meia-noite.

— Vamos embora, Lucrécia?

— Vamos, meu bem.

— Cuide bem dele, Lucrécia — recomendou Heleninha. — Você volta amanhã?

— Fique tranquila — prometeu Lucrécia.

— Volto — prometeu Agenor.

— Depois a gente resolve tudo — disse Heleninha.

— Tá — disse Lucrécia.

Ciao. Ciao. Ciao. Despediram-se cordialmente.

JACARÉ DE PAPO AZUL

— Jacaré de papo azul, por acaso o senhor já viu um na sua vida? Azul, azulinho ele todo, o papo, não o jacaré. Eu vi. Vi e conferi, que ele ficou meu amigo, pode acreditar. E, eu sei, nesta beira de rio, vez por outra costuma aparecer jacaré de papo amarelo, não faz novidade nisso. A gente está acostumada com ele, sabe lidar com o bichinho, e cai de pau no lombo dele antes que ele ferre a gente com uma dentada ou derrube a canoa com uma rabanada forte. Já experimentou serrilha de rabo de jacaré no corpo, terá coisa pior do que isso neste mundo de coisas piores? Olhe aqui o meu peito, eu falo de jacaré porque jacaré entrou na minha vida desde menino, o primeiro que vi levou a perna de meu pai, outro fez no meu corpo este desenho que o senhor está admirando, pois não é tal qual uma mulher nua costurada na pele, a marca que ele deixou? Se não morri foi porque estava decretado que jacaré nenhum tem poder sobre este afilhado das treze almas sabidas e entendidas, que cortam as forças de meus inimigos. Meu pai, a perna dele não foi propriamente comida por jacaré, ele tirou só um naco, mas o resto apodreceu e no hospital da Januária tiveram que serrar na altura da coxa. E ainda falam que jacaré em terra é uma pasmaceira, não sabe correr nem brigar. Pois sim. O que aleijou meu pai estava dormindo na quentura da praia, muito do seu natural, como se ali fosse a casa dele. Pai cutucou ele assim com a ponta do pé, fazendo cócega na parte da barriga que estava meio exposta, porque o desgraçado dormia meio de banda, entende. Jacaré fez que não viu nem percebeu, continuou no seu paradeiro, pai cutucou mais, achando graça no sono pesado daquele bicho entregue à vontade da gente, sem defesa, porque jacaré fora d'água... e tal e coisa. Depois de muito cutucar, o velho lascou um pontapé no traseiro do bicho, o bicho achou que aquilo era demais, nhoc! cravou a dentadura afiada na coxa dele. Eu estava perto e disparei porque não sou bobo, pai veio atrás, sangrando e xingando o jacaré, que continuou no mesmo lugar, sem dar

confiança. Quando a gente voltou para caçar ele, tinha sumido. Bem, se conto essas coisas ao senhor é pra mostrar como a vida é feita de tira-e-dá: aqui estou eu ganhando a minha caçando jacaré pra vender o couro. A carne, eu aproveito em casa, o senhor já provou uma boa jacarezada, feita com capricho, muita pimenta e uma branquinha de qualidade pra santificar o total? Lhe ofereço uma se o senhor arrancar aqui mais de uma semana, tempo de aparecer jacaré que anda meio desanimado de descer o rio, sei lá onde se meteu. Não quer? Já sei, o senhor embrulha o estômago só de imaginar bife de jacaré, basta pensar no cheiro, aquele pitiú, e mais o gosto da carne dele. Pois muito se engana, é questão de lavar, salgar, temperar direito. Bem, não se fala mais nisso, não vou lhe oferecer um prato que o senhor não dá o devido valor. Onde é que a gente estava na direção da conversa? Ah, já sei, na minha vida de caçador de jacaré, que parece feita de aventura e que talvez seja pros outros, pra mim é escrita bem decifrada, não tem mistério, e se ficou esse desenho gozado no meu peito foi porque eu ainda não tinha muita experiência de jacaré, facilitei, pronto: gurugutu, mas aprendi pro resto da vida, é baixo que um me pegue outra vez, minhas treze almas me acompanham no serviço, me adestram na caça, sou capaz até de pegar jacaré a laço de vaqueiro, como diz-que se faz lá no Marajó, me contaram. Ou que nem índio, que pula do galho da árvore em cima do jacaré, monta nele; quando jacaré mergulha, índio mergulha também, com a mão esquerda agarrada na barriga do bicho, com a direita apertada bem os olhos dele e com a terceira mão, que ninguém tem mas nessa hora aparece, amarra o focinho dele com embira que levou presa na boca... O senhor duvida? Quer dizer, isso ainda não fiz, faltou ocasião, mas chegando a hora eu faço. Só que não gosto de judiar dos bichos, mato eles porque o cristão tem de viver à custa de tirar a vida do jacaré, mas no dia que eu achar um diamante, digo até-nunca pro meu ofício, por enquanto vou comendo carne, vou vendendo couro. Pagam uma porcária, sabe? No entanto, qualquer coisa feita de couro de jacaré custa uma nota alta, a vida é assim, também brinca de dá-e-tira. Estou destamelando faz tempo e ainda não cheguei ao caso do jacaré de papo azul. Pois eu

conto, o senhor fique a cômodo neste tamborete e preste atenção no meu relato.

Como estava lhe dizendo. De tanto viver assuntando o rio pra ver se tem jacaré, a gente acaba tendo parte com a água, conhece o que ela esconde, sabe o que ela quer dizer. Rio não engana, mesmo se toma cautela de esconder no barro o que é de esconder. Mas pros outros é que esconde, não pra quem nasceu junto dele e carece viver dele. De começo fui pescador de peixe, como todo mundo, mas eu queria outra coisa, queria tirar do rio o mais difícil. Minhocão, diz o senhor? Minhocão sabe pra quem aparece. Meu negócio era com o jacaré, o rio entendeu e me dá o jacaré que eu preciso e não abuso. Tanto que de jeito nenhum eu caço filhote. Brigo com jacaré grande, no poder da valentia dele, e se eu venço, fico agradado de mim; se perco e ele foge, a vez era dele, está certo. Naquele dia foi diferente. Jacaré botava a cabeça pra fora, eu ia pra cima dele, e nada. Aparecia mais adiante, voltava a afundar, tornava a aparecer, a afundar. Brincando. Isso que eu percebi depois de uma meia hora de perseguição. Estava se divertindo comigo, não fugia, também não se entregava. E era engraçado ver o jacaré tão despachado, tão corredor, na correnteza tão devagar, porque o senhor sabe que este rio aqui não tem pressa de chegar, só mais embaixo ele pega numa disparada que o governo aproveita para fazer uma usina gigante. Aqui o rio é lerdo, a gente sente melhor o rio, dá pra fazer amizade. Então eu percebi que era isso que o jacaré estava querendo, fazer amizade comigo. O senhor já reparou em boca de jacaré? Parece que ele vive rindo de tudo, até sem motivo. Esse que eu falei ria com o corpo inteiro, às vezes chegava à flor d'água o tempo de eu apreciar ele todo, e rabeava com um jeito moleque, tão gozado que só o senhor vendo. Eu doido de aproveitar e cair em cima dele, mas quem disse? Depois de muito dançar e mergulhar, ele deu um salto e virou de barriga pra cima, a uma distância que não dava pra pegar. Ficou assim, boiando satisfeito da vida, que nem flor. Que nem essa flor, o senhor sabe, grandona e redonda, boiando feito bandeja, lá no fim do Norte, que eu nunca vi de perto, só de figura. Aí eu fui chegando perto, chegando perto, bem de mansinho. Se ele vira de repente e me dá uma rabanada, pensei, adeus canoa e eu sou o finado Marcindírio.

Ele não virou, cheguei bem perto e vi. Tinha o papo azul, azul deste céu que o senhor está vendo, azul-claro, limpinho, bom de passar a mão... Passei. O senhor não acredita que passei? Pois o danado gostou, deixando eu fazer esse agrado que a gente faz no pescoço do gato, só que mais forte, o couro é o contrário da macieza do gato. Não tive coragem de fazer mais nada. Ele estava tão feliz de ser tratado assim, tão prosa de mostrar seu papo diferente, lindeza de papo. Aí eu falei assim: “Vou m’embora, jacaré; você é livre de morar no rio, que eu não te causo dano”. Voltei sem ofender aquele bicho-irmão, pois pra mim ele ficou sendo um negócio parecido com irmão, não digo filho porque era tão forte quanto eu, se não mais, e filho da gente, por mais que cresça e apareça, é sempre uma plantinha mimosa, sabe como é. Em casa, minha patroa zombou de mim, achou que eu não estava regulando. Não dormi de noite, pensando no jacaré. Dia seguinte, olha ele outra vez me chamando pra brincar, eu disse: “Calma, jacaré, não posso passar a vida me distraindo com você, não sou mais menino e você também não é filhote. Todos dois têm que cuidar da vida, que a morte é certa”. Até parece que ele entendeu, ficou com ar meio amuado, afundou. Só apareceu muito tempo depois, de longe, experimentando a mesma sorte de molecagem. Fiquei com pena dele: “Tá bom, eu brinco”. Mas tem propósito um barraqueiro como eu alisando papo de jacaré, só porque ele é azul, me diga, tem propósito? Se a gaiola passasse e os passageiros me vissem, que é que haviam de achar? Eu sei, talvez algum quisesse me convencer que eu devia levar o jacaré pra terra e vender ele pra fazer figura no circo, mas o mais certo era que todo mundo caísse de gozação em cima de mim, podiam mesmo me levar amarrado feito doido pra dormir na cadeia, e depois... Isso tudo passou na minha cabeça enquanto eu acarinhava o jacaré, fiquei com vergonha que pudessem me ver naquela hora, depois fiquei com vergonha de ter sentido vergonha, afinal que tem o senhor se entender com um bicho com fama de malvado e vai ver não é malvado coisa nenhuma e pede à gente pra gostar dele? O senhor começou a entender, quer mais um gole de café enquanto eu conto o resto?

A fome começou a apertar aqui em casa, por causa de que não vinha mais jacaré na descida das águas, só ficava banzando por lá o de papo azul, que eu não tinha coração de pegar. Até parece que ele afugentava os outros, queria reinar sozinho, virar dono e senhor do rio. Mas tão manso e engraçado que não tinha cara de mandão. Traíçoeiro não podia ser, se bem que a Luisona me prevenisse: “Toma tento com esse bicho que vai te enfeitiçando, alguma ele te prepara, não vejo nada de bom nessa claridade do rio que deu pra acontecer ultimamente”. Luisona é a minha patroa, ela tem esse nome porque é uma tora de mulher. Acontece que o rio vinha mesmo se lavando de sua cor de barro carregado, e quando o sol batia na neblina do amanhecer e a gente via a água, era uma água quase azulada, não que chegasse a azul, parava no quase, coisa que eu nunca tinha visto antes e era maravilha. “Mau sinal!” repetia a Luisona, e as boquinhas dos meninos pedindo comida não davam gosto da gente olhar. Diabo de jacaré, pensei, se eu aproveitar uma ocasião da folia dele e chegar de mansinho e dar nele uma machadada bem certa, será que morre na horinha e eu não sinto remorso porque não teve tempo de sofrer? Mas se eu errar no golpe? Se o golpe não acertar direto no coração dele, e eu tenho de dar outros golpes e ele me reconhece e crava em mim aqueles olhos redondos e espantados de amigo traído, de irmão assaltado pelo irmão? Não, eu não tinha coragem. E tinha precisão de ter coragem. O rio cada vez azulava mais, ou eu é que enxergava nele a miragem do papo do jacaré tornando tudo em redor uma pintura de quadro de Nossa Senhora? Botei o machado na canoa, rezei treze vezes a oração das minhas treze almas sabidas e entendidas e fui vigiar o rio. O jacaré apareceu longe, veio chegando aos poucos, não tinha pressa. Boiava e sumia, tornava a boiar e sumir, era a festa de sempre. Cada vez mais perto da minha intenção, do meu machado. Quando chegou bem rente, estendi o braço devagar pra lhe fazer o carinho do costume. Deu uma virada brusca e afundou. Tinha percebido? Apareceu mais adiante. Cheguei lá, repeti o movimento. Ele também. Mas não tinha ar de brincadeira nova, inventada por ele. Era desconfiança, era defesa, era também (devia ser) resolução de evitar que eu acabasse me tornando um assassino igual aos outros,

pior que os outros. Pois aquele animal de Deus gostava de mim e eu dele. Eu percebia isso, mas cada vez ia ficando mais enquizilado com aquele jogo em que o jacaré era mais forte porque era melhor do que eu. Não queria propriamente escapar de morrer, queria impedir que eu matasse. Mas eu queria matar. Eu precisava matar. Pra sustentar meu povo e agora também por outro fundamento, provar ao bicho das águas que lição eu não recebia dele, minha lei é fruto de minha cabeça, eu sei o que é necessidade e justiça. A raiva contra o jacaré ia crescendo, agora eu queria é ver o sangue dele tingindo o rio, desmaiando aquela azularia que encantava a cara suja e sincera das águas. Não resisti, pulei da canoa com o machado na mão direita e fui perseguindo o desgraçado, que fugia sempre como quem brinca de esconder e não dá confiança a quem quer pegar. No que ele nadava e eu também, fui sentindo uma tristeza de minha vida depender de matar, e a raiva ficava menor, eu tinha é pena de mim, tão precisado de fazer mal aos outros viventes, pena dos jacarés de papo de qualquer cor, pena de tudo, e o jacaré deu um mergulho, soverti com ele, a perseguição continuava, mas era tão triste, me via tão humilhado diante do poder daquele bruto de tamanha simpatia e delicadeza, eu menor do que ele, muito pior do que ele. O machado caiu da mão, me embolei com o jacaré, resolvido a acabar com aquilo de qualquer jeito, me expondo, desafiando ele a me cortar em postas, mas o riso dele me doía mais do que se fossem os dentes retalhando minha carne, que luta! seu compadre. Eu embrabecido, disposto a tudo, ele maneiro, dentro das regras, escorregando feito sabonete, mostrando que não queria, não precisava morder, queria é me cansar... cansei. Tudo ficou completamente azul dentro d'água, o próprio jacaré ficou todo azul-celeste, eu perdia as forças, me sentia azular por dentro, uma bambeira de sono diferente me encheu por inteiro. Então o jacaré, esticado, veio por baixo, me pegou pelas costas e foi me empurrando pra riba, me livrando do afogamento, me deixou estendido e mole à flor d'água, de barriga pro ar, uma coisa frouxa, tábua. E sumiu. Sumiu de sumiço eterno até a presente data. Não sei quanto tempo fiquei assim naquele paradeiro. Sei que a Luisona veio nadando feito gigante e foi me puxando no rumo da praia, dizendo: "Esperta homem!". Espertei. Dia claro, o rio outra vez

barrento, reuni as forças, fui cair na rede aqui em casa. Dormi dois dias e duas noites. Quando acordei, fui cuidar da vida, arranjar outro machado, outra canoa, pois pra isso me botaram no mundo: pra caçar jacaré.

SEIS HISTORINHAS

PESCADORES

Domingo pede cachimbo, todo domingo aquele esquema: praia, bar, soneca, futebol, jantar em restaurante. Acaba em chatura. Os quatro jovens executivos sonhavam com um programa diferente.

— Se a gente desse uma de pescador?

— Falou.

Muniram-se do necessário, desde o caniço até o sanduíche incrementado, e saíram rumo à praia mais deserta, mais piscosa, mais sensacional.

Lá estavam felizes da vida, à espera de peixe. Mas os peixes, talvez por ser domingo, e todos os domingos serem iguais, também tinham variado de programa — e não se deixavam fisgar.

— Tem importância não. Daqui a pouco aparecem. De qualquer modo, estamos curtindo.

— É.

Peixe não vinha. Veio pela estrada foi a Kombi, lentamente. Parou, saltaram uns barbudos:

— Pescando, hem? Beleza de lugar. Fazem muito bem aproveitando a folga num programa legal. Saúde. Esporte. Alegria.

— Estamos só arejando a cuca, né? Semana inteira no escritório, lidando com problemas.

— Ótimo. Assim é que todos deviam fazer. Trocar a poluição pela natureza, a vida ao ar livre. Somos da televisão, estamos filmando aspectos do domingo carioca. Podem colaborar?

— Que programa é esse?

— *Aprenda a Viver no Rio*. Programa novo, cheio de bossas. Vai ser lançado semana que vem. Gostaríamos que vocês fossem filmados como exemplo do que se pode curtir num dia de lazer, em benefício do corpo e da mente.

— Pois não. O grilo é que não pescamos nada ainda.

— Não seja por isso. Tem peixe na Kombi, que a gente comprou para uma caldeirada logo mais.

Desceram os aparelhos e os peixes, e tudo foi feito com técnica e verossimilhança, na manhã cristalina. Os quatro retiravam do mar, em ritual de pescadores experientes, os peixes já pescados. O pessoal da tv ficou radiante:

— Um barato. Vocês estavam ótimos.

— Quando é que passa o programa?

— Quinta-feira, horário nobre. Já está sendo anunciado.

Quinta-feira, os quatro e suas jovens mulheres e seus encantadores filhos reuniram-se no apartamento de um deles — o que tivera a ideia da pescaria.

— Vocês vão ver os maiores pescadores da paróquia em plena ação.

O programa, badaladíssimo, começou. Eram cenas do despertar e da manhã carioca, trens superlotados da Linha Auxiliar, filas no elevador, escritórios em atividade, balconistas, telefonistas, enfermeiras, bancários, tudo no batente ou correndo para. O apresentador fez uma pausa, mudou de tom:

“— Agora, o contraste. Em pleno dia de trabalho, com a cidade funcionando a mil por cento para produzir riqueza e desenvolvimento, os inocentes do Leblon dedicam-se à pescaria sem finalidade. Aí estão esses quatro folgados, esquecidos de que a Guanabara enfrenta problemas seriíssimos e cada hora desperdiçada reduz o produto nacional bruto...”

— Canalhas!

— Pai, você é um barato!

— E eu que não sabia que você, em vez de ir para o escritório, vai pescar com a patota, Roberto!

— Se eu pego aqueles safados mato eles.

— E o peixe, pai, você não trouxe o peixe pra casa!

— Não admito gozação!

— Que é que vão dizer amanhã no escritório!

— Desliga! Desliga logo essa porcaria!

Para aliviar a tensão, serviu-se uísque aos adultos, refrigerante aos garotos.

DEPOIS DO JANTAR

Também, que ideia a sua: andar a pé, margeando a Lagoa Rodrigo de Freitas, depois do jantar.

O vulto caminhava em sua direção, chegou bem perto, estacou à sua frente. Decerto ia pedir-lhe um auxílio.

— Não tenho trocado. Mas tenho cigarros. Quer um?

— Não fumo — respondeu o outro.

Então ele queria é saber as horas. Levantou o antebraço esquerdo, consultou o relógio:

— 9h17m... 9h20m, talvez. Andaram mexendo nele lá em casa.

— Não estou querendo saber quantas horas são. Prefiro o relógio.

— Como?

— Já disse. Vai passando o relógio.

— Mas...

— Quer que eu mesmo tire? Pode machucar.

— Não. Eu tiro sozinho. Quer dizer... Estou meio sem jeito. Essa fivelinha enguiça quando menos se espera. Por favor, me ajude.

O outro ajudou, a pulseira não era mesmo fácil de desatar. Afinal, o relógio mudou de dono.

— Agora posso continuar?

— Continuar o quê?

— O passeio. Eu estava passeando, não viu?

— Vi sim. Espera um pouco.

— Esperar o quê?

— Passa a carteira.

— Mas...

— Quer que eu também ajude a tirar? Você não faz nada sozinho, nessa idade?

— Não é isso. Eu pensava que o relógio fosse bastante. Não é um relógio qualquer, veja bem. Coisa fina. Ainda não acabei de pagar...

— E eu com isso? Então vou deixar o serviço pela metade?

— Bom, eu tiro a carteira. Mas vamos fazer um trato.

— Diga.

— Tou com dois mil cruzeiros. Lhe dou mil e fico com mil.

— Engraçadinho, hem? Desde quando o assaltante reparte com o assaltado o produto do assalto?

— Mas você não se identificou como assaltante. Como é que eu podia saber?

— É que eu não gosto de assustar. Sou contra isso de encostar o metal na testa do cara. Sou civilizado, manja?

— Por isso mesmo que é civilizado, você podia rachar comigo o dinheiro. Ele me faz falta, palavra de honra.

— Pera aí. Se você acha que é preciso mostrar revólver, eu mostro.

— Não precisa, não precisa.

— Essa de rachar o legume... Pensa um pouco, amizade. Você está querendo me assaltar, e diz isso com a maior cara de pau.

— Eu, assaltar?! Se o dinheiro é meu, então estou assaltando a mim mesmo.

— Calma. Não baralha mais as coisas. Sou eu o assaltante, não sou?

— Claro.

— Você, o assaltado. Certo?

— Confere.

— Então deixa de poesia e passa pra cá os dois mil. Se é que são só dois mil.

— Acha que eu minto? Olha aqui as quatro notas de quinhentos. Veja se tem mais dinheiro na carteira. Se achar uma nota de dez, de cinco cruzeiros, de um, tudo é seu. Quando eu confundi você com um mendigo (desculpe, não reparei bem) e disse que não tinha trocado, é porque não tinha trocado mesmo.

— Tá bom, não se discute.

— Vamos, procure nos... nos escaninhos.

— Sei lá o que é isso. Também não gosto de mexer nos guardados dos outros. Você me passa a carteira, ela fica sendo minha, aí eu mexo nela à vontade.

— Deixe ao menos tirar os documentos?

— Deixo. Pode até ficar com a carteira. Eu não coleciono. Mas rachar com você, isso de jeito nenhum. É contra as regras.

— Nem uma de quinhentos? Uma só.

— Nada. O mais que eu posso fazer é dar dinheiro pro ônibus. Mas nem isso você precisa. Pela pinta se vê que mora perto.

— Nem eu ia aceitar dinheiro de você.

— Orgulhoso, hem? Fique sabendo que tenho ajudado muita gente neste mundo. Bom, tudo legal. Até outra vez. Mas antes, uma lembrancinha.

Sacou da arma e deu-lhe um tiro no pé.

A VIÚVA DO VIÚVO

Conheceram-se, namoraram, amaram, casaram, tiveram filhos, desamaram, separaram-se, depois de tanto verbo conjugado em comum. Ele sumiu por aí, no anonimato sem responsabilidades. Ela ficou criando a trinca sem pai. Sem notícia um do outro, tempo passando, acontecimentos acontecendo, vida no corre-corre. Ela até nem se lembrava mais de que fora casada. Eis que o marido reaparece na lembrança, quando uma filha lhe diz:

— Mãe, o pai está no hospital.

Que pai? Não sabia de pai nenhum, o seu morrera há tanto tempo, depois de dar tanto trabalho. (Descansa em paz, deixando a família descansada.) Há outros pais vivos por aí? De quem?

— O meu, uai.

Ah, sim. O pai dessa moça que está à sua frente, essa moça que é sua filha, e que antigamente tivera um pai. Um pai que fora seu marido, e que nunca mais aparecera, jogando sobre suas costas a obrigação de criar e educar os filhos. Como as coisas emergem de um poço escuro, de repente! Pois não é que o ex-marido voltava à tona, com seus sinais particulares, seu modo de falar, seu jeito de ser e viver? Tão antigo, tão inexistente — mas ali.

Ela parecia não dar mais atenção ao que a filha ia dizendo.

— Escutou o que eu disse?

— Hem?

— O pai está no hospital.

— Que é que ele foi fazer lá? Vender seguro de vida aos doentes? (Agora se recordava de que ele fora corretor de seguros.)

— Está doente.

— Como você soube?

— Mandou me avisar. Não tem ninguém com ele, só a gente do hospital.

Então estava sozinho, depois de muitos anos, e se lembrava da filha para ter companhia no hospital. Não chegou a ter pena. Estavam tão

distanciados os dois, que era como se soubesse que um japonês em Yamagata sofria de dor de dentes. A filha esperava um comentário, uma reação.

— Vai lá, querida.

Mais do que isso não poderia dizer, porque não havia nada mais a exprimir. Amores fanados não reverdecem, quando a vida caprichou em esmagá-los bem. Se alguma coisa tivesse ficado exposta à luz, se um gesto dele, mínimo que fosse, ao longo de tanto tempo, alimentasse um resto possível de sentimento, ela agora teria pena. Mas pena de quê? de quem? se nem de si mesma sentia mais pena, conformada que estava com o irremediável das coisas, e refugiada, também, no pequeno mundo que se construía e em que convivía com artistas obscuros do passado, através de estudos e pesquisas que eram uma fonte de prazer, compensador de alegrias que não tivera no casamento?

— Vai, minha filha, e vê o que ele precisa.

A filha foi e voltou contando que ele estava mal, parece que dessa não escapava. Como de fato não escapou. Sem pessoa alguma para cuidar do enterro, nem bens que pudessem custear a despesa, quem tomaria providências?

Então a ex-esposa, pessoa decidida, acostumada a fazer na hora certa o que é necessário fazer, decidiu presentear o ex-marido com o enterro decente que ele não tinha merecido, e que a ela custaria uma nota desarrumadora do seu orçamento modesto. Procurou a funerária, disse que pagaria tudo.

O empregado perguntou-lhe, entre xereta e reticente:

— A senhora... era companheira do falecido?

— Companheira? Sou viúva dele!

— Perdão, mas o falecido, quando se internou no hospital, declarou que era viúvo. A senhora quer ver? Vamos lá na Secretaria.

— Pois eu sou a viúva do viúvo, entende? E não estou fazendo nada para ficar com a herança dele, que não deixou um tostão de seu, além de me matar no papel. E vamos com esse serviço depressa, que eu preciso cuidar da minha vida de viúva-desquitada há muito tempo, tá bom?

TATU

O luar continua sendo uma graça da vida, mesmo depois que o pé do homem pisou e trocou em miúdos a Lua, mas o tatu pensa de outra maneira. Não que ele seja insensível aos amavios do plenilúnio; é sensível, e muito. Não lhe deixam, porém, curtir em paz a claridade noturna, de que, aliás, necessita para suas expedições de objetivo alimentar. Por que me caçam em noites de lua cheia, quando saio precisamente para caçar? Como prover a minha subsistência, se de dia é aquela competição desvairada entre bichos, como entre homens, e de noite não me dão folga?

Isso aí, suponho, é matutado pelo tatu, e se não escapa do interior das placas de sua couraça, em termos de português, é porque o tatu ignora sabiamente os idiomas humanos, sem exceção, além de não acreditar em audiência civilizada para seus queixumes. A armadura dos bípedes é ainda mais invulnerável que a dele, e não há sensibilidade para a dor ou a problemática do tatu.

Meu amigo andou pelas encostas do Corcovado, em noite de prata lunar, e conseguiu, por artimanhas só dele sabidas, capturar vivo um tatu distraído. É, distraído. Do contrário não o pegaria. Estava imóvel, estático, fruindo o banho de luz na folhagem, essa outra cor que as cores assumem debaixo da poeira argentina da Lua. Esquecido das formigas, que lhe cumpria pesquisar e atacar, como quem diz, diante de um motivo de prazer: “Daqui a pouco eu vou trabalhar; só um minuto mais, alegria da vida”, quedou-se à mercê de inimigos maiores. Sem pressentir que o mais temível deles andava por perto, em horas impróprias à deambulação de um professor universitário.

— Mas que diabo você foi fazer naqueles matos, de madrugada?

— Nada. Estava sem sono, e gosto de andar a esmo, quando todos roncam.

Sem sono e sem propósito de agredir o reino animal, pois é de feitio manso, mas o velho instinto cavernal acordou nele, ao sentir qualquer coisa a certa distância, parecida com a forma de um bicho.

Achou logo um cipó bem forte, pedindo para ser usado na caça; e jamais tendo feito um laço de caçador, soube improvisá-lo com perícia de muitos milhares de anos (o que a universidade esconde, nas camadas profundas do ser, e só permite que venha aflorar em noite de lua cheia!).

Aproximou-se sutil, laçou de jeito o animal desprevenido. O coitado nem teve tempo de cravar as garras no laçador. Quando agiu, já este, num pulo, desviara o corpo. Outra volta no laço. E outra. Era fácil para o tatu arrebentar o cipó com a força que a natureza depositou em suas extremidades. Mas esse devia ser um tatu meio parvo, e se embaraçou em movimentos frustrados. Ou o narrador mentiu, sei lá. Talvez o tenha comprado numa dessas casas de suplício que há por aí, para negócio de animais. Talvez na rua, a um vendedor de ocasião, quando tudo se vende, desde o mico à alma, se o PM não ronda perto.

Não importa. O caso é que meu amigo tem em sua casa um tatu que não se acomodou ao palmo de terra nos fundos da casa e tratou de abrigar longa escavação que o conduziu a uma pedreira, e lá faz greve de fome. De lá não sai, de lá ninguém o tira. A noite perdeu para ele seu encanto luminoso. A ideia de levá-lo para o zoológico, aventada pela mulher do caçador, não frutificou. Melhor reconduzi-lo a seu habitat, mas o tatu se revela profundamente contrário a qualquer negociação com o bicho humano, que pensa em apelar para os bombeiros a fim de demolir o metrô tão rapidamente feito, ao contrário do nosso, urbano, e salvar o infeliz. O tatu tem razões de sobra para não confiar no homem e no luar do Corcovado.

Não é fábula. Eu compreendo o tatu.

NOIVA DE POJUCA

Quando Caubi veio de Pojuca, trazia na cabeça a decisão de casar com Lucineia. Só não trouxe Lucineia consigo porque ele não é de avançar sinal. Primeiro, vencer no Rio de Janeiro. Depois, chamar a noiva e, unidos sacramentalmente, serem felizes para sempre.

Vencer no Rio, para quem sai do Recôncavo Baiano, onde o petróleo distribui riqueza global, mas que não chega para os pobres, até que é simples. Emprego de porteiro em edifício da Zona Norte constitui vitória digna de ser contada em carta aos que ficaram e não ousam. A fraternidade dos porteiros baianos, igual à dos cearenses ou paraibanos, não precisa de estatuto para funcionar: logo lhe arranhou o cargo que dá direito a uniforme, cadeira à porta, leitura descansada de jornal à tarde, além do mais gratificante de todos os direitos: o de “assistir”, radinho de pilha ao ouvido, aos gols do Flamengo no Maraca.

Mas há vitória e vitória. Caubi verificou que o ordenado não dava para chamar Lucineia e casar. Ou antes, daria, a longo prazo. A solução era economizar cigarro, cafezinho, batida, jornal, até pilha de radinho. E dar duro na lavagem de carros, pela madrugada.

Enquanto isso, mulheres passavam diante dele, acenando-lhe com casamentos a mão. Rapaz empregado, boa-pinta, que morena o recusaria? Mesmo sem ser de papel passado. Ele, entretanto, resistia. Mulher carioca exige coisas demais, desde geladeira a tv em cores, é um tal de cabeleireiro, de festas, de não sei o quê, de dia e de noite, que pega mal, e acaba, Deus sabe lá como acaba. Caubi passava a mão na testa, alisava-a, determinado: “Comigo não, Serapião”.

Com setecentos cruzeiros na Caixa Econômica, achou que era hora de agir. Alugou um quarto em Queimados, por quarenta mensais, para o lar, e mandou à noiva o dinheiro da passagem de ônibus. Viesse em companhia de seu Severino, amigo da família e homem de respeito, que mora na Ilha do Governador e estava de passeio em Pojuca: seria padrinho do casório.

Lucineia chegou com todos os pertences de uma noiva que se preza. Para conhecer o Rio, antes de se instalar em casa de Padim Severino, passou três dias de favor no apartamento de um casal amigo de Caubi, no edifício em que este trabalha. Foram três dias de esplendor, de ver vitrina e letreiro luminoso, de andar a pé e conhecer todas as praças da Tijuca. O noivo arranhou folgas esparsas, para mostrar-lhe o que é a cidade grande, nos limites do bairro.

Na hora de ir para Governador, os táxis cobravam tanto que Caubi apelou para o motorista do dr. Norberto, baiano também e boa-praça. O rapaz topou levar a moça e seus badulaques no carro do patrão, que que tem? à base de camaradagem.

Levou. Mas não entregou. A meio caminho, a caminhonete que vinha na contramão forçou-o a atirar contra o barranco o fusca do doutor. O estrago não foi grande, mas o conserto da lataria ficava exatamente em setecentos e cinquenta cruzeiros, e como o Caubi ia deixar o amigo pagar a despesa, além do vexame de ter de explicar ao dr. Norberto?

— Eu pago o prejuízo, *taqui* setecentas pratas, o resto dou no mês que vem, amigo velho.

Lucineia, que voltou de ônibus e machucada para o edifício, deixando no asfalto metade de seus trecos, empregou-se de copeira em casa do dr. Norberto. O quarto em Queimados foi desalugado, e o casamento adiado para quando Caubi juntar, não setecentos, mas mil e quatrocentos cruzeiros, a julgar pela taxa de inflação. Desistir de casar com moça de Pojuca ele não desiste, nem que seja preciso, para tão longo amor, passar mais longa vida lavando carros de madrugada. Mas um temor começa a roê-lo, qual bicho em goiaba: se Lucineia, com o tempo, virar moça carioca, que exige tudo, e o casamento acabar, Deus sabe lá, daquele jeito?

NO CAMINHO DE CANELA DE BOI

Em Canela de Boi, no interior mais interior do país, reina um silêncio bom de conformidade com seu Janjão, que por isso mesmo vive em conformidade com todo mundo. Homem estimável está ali: paga remédio para quem adoece, enterra quem morre, emprega a viúva ou a filha moça do falecido, espalha outras benemerências. Praticamente dono do município, quem escolhe o prefeito é ele, ele quem escolhe os vereadores, ele quem diz que está na hora de mudar, e a mudança se faz. Geralmente seu Janjão não gosta de mudar, mas sendo aconselhável desentortar o torto ou entortar o reto para desentortá-lo em seguida, seu Janjão faz tudo isso da melhor maneira possível.

Turíbio apareceu para desfazer essa harmonia, e contou com a reprovação geral. Queria introduzir regras insólitas no funcionamento da comunidade, e uma dessas era que seu Janjão não precisava ser o único a decidir a sorte de Canela de Boi. Todos poderiam habilitar-se ao exercício dessa responsabilidade, quando mais não fosse porque seu Janjão já estava meio sobre o Matusalém. Caducar não caducava, mas. E era muito por demais mandão. Não deixava ninguém sequer errar por conta própria, ele acertava e errava por todos. Essas coisas, né?

Seu Janjão teve pena de Turíbio, afinal um bom rapaz, ao vê-lo desgarrar-se do justo caminho. A mulher de Turíbio foi a primeira pessoa a procurar seu Janjão para dizer que não concordava com as bobagens do marido. Um filho de Turíbio fez o mesmo; o outro não quis julgar o pai, mas declarou pelo jornalzinho de Canela de Boi que nessas coisas não se metia. A população inteira promoveu solene desagravo a seu Janjão, convidando Turíbio a calar-se. Turíbio, de cabeça dura, continuou a dizer coisas sem propósito. E parece que conseguiu mesmo conquistar a solidariedade do Aleixo alfaiate, um esquisitão que cortava barato mas tinha poucos fregueses, pois dizem que cortava mal.

A adesão de Aleixo não provocou mocha em seu Janjão, que continuou a lamentar a doideira de Turíbio. Quando se propalou a adesão do carteiro Nosferato, seu Janjão achou que era tempo de dar um ensino em Turíbio, menos pelos novos companheiros que viesse a aliciar, do que em benefício do próprio Turíbio, merecedor de algumas luzes suplementares que lhe clareassem o pensamento.

O delegado compareceu à chácara de seu Janjão e prometeu exorcizar o herege na forma suave do costume. Para maior conforto de Turíbio, que residia no povoado de Abobrinha d'Água, combinou-se que ele viria assessorado por quatro praças do destacamento, devidamente instruídos quanto ao tratamento especial a ser-lhe dispensado.

Turíbio não pôs objeção ao seu transporte para a cidade. Pediu apenas que lhe deixassem levar um naco de fumo de rolo de que iria fazendo cigarros pelo caminho, no de-a-pé. Os praças concordaram, mas como Turíbio se demorasse um pouco na feitura do cigarro, que ele acendia a cada estação do caminho, foi necessário espertá-lo, evitando delongas. Para essa operação estimulante, o cabo comandante recomendou a seus subordinados que batessem com a costa dos sabres nas costas dele. Foi de bom efeito, mas já na parada seguinte Turíbio demorou um pouco mais a enrolar a palhinha e a acomodar o fumo picado.

Os chanfalhos voltaram à atividade, e Turíbio, daí por diante, não fazia outra coisa senão fumar e apanhar, apanhar e fumar. Suas costas, através dos talhos da camisa, demonstravam a reiteração dos golpes, mas Turíbio era fumante inveterado. Que fazer senão cutucá-lo sempre daquela maneira enérgica, para abreviar a jornada? A tarde já ia caindo, e nada de aparecer, no horizonte, a torre da igreja de Canela de Boi.

Foi quando, numa volta da estrada, a mulher de Turíbio, que vinha da chácara de seu Janjão, aonde fora apanhar uns trocados, vendo o espetáculo, alertou os policiais:

— Cês tão brincando com ele. Bate com o fio, anda, bate com o fio!

Turíbio levantou a cabeça, ergueu a custo a mão direita num gesto de quem abomina o supérfluo, e murmurou:

— Não precisa. Como tá, tá bom.

O HOMEM E A LINGUAGEM

O HOMEM, ANIMAL EXCLAMATIVO

Ave! Salve! Viva! *Sursum corda!*

Alvíssaras, meu capitão!

Essa não! Antes a morte! E eu que pensei que você fosse meu amigo!

Nunca! Jamais! Credo! Te arrenego! Vá para o diabo que o carregue! Raio que te parta! Deus é grande! Ô diabo, esqueci!

Salvo seja! Mas que beleza! Que teteia! Que pancadão! Que pão! Que uva! Que coisa mais boba! Que gracinha!

Ah, você está querendo briga! Você não se emenda! Casaca! casaca! casaca!

Está na hora! Protesto! Agora é tarde! Tarde piaste! Que dor! Ai! Ui! Irra! Bofé! Minha santa Maria eterna! Esse garoto é de morte! Nunca morrer assim, num dia assim, de um sol assim!

Corta! Desliga! Mas que calor! Que friu, meu tiu, na beira do riu! É demais! Socorro! Este país está à beira do abismo! É a vovozinha!

Fora! Fiau! Argh! Catrapus! Alto lá! Repita se é capaz! Rua! Volta, meu amorzinho, volta!

Feioso! Tem gente! Socorro! Assim é demais! Grandessíssimo canalha! O senhor está me ofendendo! Estou sim! Pague e não bufê! Atenção, muita atenção! *Vae victis!* Pega ladrão!

Não mate a árvore, pai, para que eu viva! O preço da liberdade é a eterna vigilância! Pra frente, Brasil! Ou vai ou racha!

Tome que o filho é seu! O passarinho do relógio está maluco! Não quero saber de nada! Cuidado! Puxa vida! Boa piada!

Do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam! Comigo não, violão! *Mea culpa!* É de lascar! Da pontinha! Sossega, leão!

Putzgrila! Eia! Tá! Olá! Tá doido! Exijo mais respeito!

Chi! Ora bolas! Papagaio! Não pode! Pipocas! Olha o rapa! Não diga! Shazam! Michou os carburetos! *Hélas!*

Lotado! Não chateia! Te mato! Te adoro! Não admito! Até a próxima!
Bom fim de semana, boas festas, bom tudo!

Não faltava mais nada! Eu bem que avisei! Não apoiado! Podia ser pior! Assim não vai! Desenvolvimento e segurança!

Cala a boca, Etelvina! Você é que é culpado! Eu nunca disse isso!
Pois agora, tome! Filhinha, nunca vi essa mulher na minha vida! Sou uma besta! Comigo ninguém pode!

Uma esmolinha, pelo amor de Deus! Presente! Os que forem brasileiros me sigam! Ame-o ou deixe-o! Eu estava brincando!

Noutra não caio! Olho vivo! Cavalo não desce escada! Sou pequenino mas não sou burro! Que é isso, rapaz! Genial! Mamãe, papai deixou! Esqueci a pílula! Era só o que faltava!

Cretino é você! Olalá! Bons olhos o vejam! Nem me fale! O filme é uma droga! Que sarro! Comeu gambá errado!

Bravo! Assim é que é! Vou-me embora pra Pasárgada! Não quero saber mais de você! É baixo! Guerra é guerra!

Joga a chave! É mentira! Juro por alma de minha mãe! Vamos acabar com isso! Amanhã é outro dia! Que vergonha, meu Deus do céu! É o fim da picada! Sou filho do carbono e do amoníaco!

Caramba! *Per la Madonna*! Quem te viu e quem te vê! Átila, você é bárbaro! Peço a palavra! Paz e amor! A guerra acabou, eu devolvo o órfão a Saigon!

Ama com fé e orgulho a favela em que nasceste! Isso não está no script! Babau! Oxalá! Braço é braço! Boa bisca! Foi pras cucuias!

É o cúmulo! Isto aqui não é a casa da mãe Joana! Dobre a língua! Vossa Excelência é quem sabe! Já ganhou! Independência ou morte! Essa é boa! Coitado! Você é que é feliz! Acabou! Foi ele! Não tenho que lhe dar satisfação! Não vem que não tem!

Que tempos, meu caro senhor, que tempos! Já não se comem broas de fubá como antigamente!

O HOMEM, ANIMAL QUE PERGUNTA

Que horas são? Mas quem é você? Sabe com quem está falando?

E daí? Por quem os sinos dobram? Que é a verdade? Há sinceridade nisso?

Com quantos paus se faz uma canoa? Mas você não se emenda? Está pensando o quê? Aceita mais uma xícara?

Por que não me disse antes? Sabe da última? Quem ganhou? Qual o seu desodorante predileto? E a CIA, hem?

Esses camarões são frescos? O senhor é parente do falecido? Soou a hora da verdade? E que mais?

Fez sua declaração dentro do prazo? Dói muito? Afinal, quando é que vocês se casam? A que horas é o batizado? Passou na Alfândega sem bololô?

Qual nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? De que cor era o cavalo russo de Napoleão? Até quando abusará da nossa paciência?

O senhor é que é o Epaminondas? És cristão? Que é ser cristão? Quando é que sai o pagamento?

Você é mais Brossard ou mais Portela? Será que vai chover? Ia esquecendo o meu aniversário, né? Aqui entre nós: ela dá pelota?

Seu signo é Leão, e você não aproveita hoje? Tem certeza que ele mora no Beco das Garrafas? Em que posso servi-lo? Por que ela vai sempre ao dentista a essa hora, mesmo nos feriados?

Me dá uma cópia da sua dieta, para eu experimentar? Como você faz, quando é assaltado? Quem tem medo do Imposto de Renda? Quem matou e quem mentiu nos crimes da Barra? *Who's who?*

Desde quando eu tenho que lhe prestar contas da minha vida? Quando foi que o senhor percebeu que era andrógino? Se vier o divórcio, como é que você vai fazer pra não casar de novo?

Você é surdo de nascença ou de rock? A reclassificação ainda vai demorar cinquenta anos, ou apenas mais dez? Que há de novo?

To be or not to be? Por que você não apareceu mais lá em casa? Essa briga é pública ou particular? Você jura que não está me traindo,

jura? *Chi lo sa?*

Que é que eu vou fazer com tanto dinheiro? Qual o maior: César ou Alexandre, Gonçalves Dias ou Castro Alves? A senhorita está sentindo alguma coisa? E a moral da história, pode me dizer qual é? se não for imoral?

É seu este cachorrinho que acabou de fazer pipi na minha calça nova? Sabe que vai se arrepender de não ter comprado este apartamento a preço de banana-prata? Você sonha em preto e branco, ou em tevê em cores?

O senhor se julga realizado, semirrealizado ou não realizado? Kissinger vem ao Brasil antes ou depois de Frank Sinatra? O cavalheiro está namorando pra casar ou pra que é? Na sua opinião, o terceiro partido resolve, ou é melhor nenhum? *À quoi bon?*

Por que as coisas só melhoram amanhã ou depois de amanhã, e hoje é sempre hoje? Por que ninguém ri quando está com dor de barriga, por melhor que seja a piada? Quem foi que verificou que à noite todos os gatos são pardos? Você me ama, diz, você me ama de verdade ou é de mentirinha?

Por que ninguém mais se lembra de ir à Lua: preguiça? Afinal, quem é que descobriu o Brasil: Cabral ou as multinacionais? Debaixo de todo angu tem carne, ou só na classe A? Quem, se eu gritasse, me escutaria, entre as cortes angélicas? E o sexo dos anjos, já se apurou se tem?

Você não se enxerga? Você sabe se o Xavier já pediu demissão? Você está louco? O que é que eu levo nisso, me diga? E quando eles souberem? E se a vaca for pro brejo? Quem desconstantinoplorizará o arcebispo de Constantinopla, se?... Verdade que o prefeito desistiu de alugar sede para a prefeitura porque não aguenta pagar predial e taxas?

E agora, José? Por bem ou por mal, vai me dizer que horas são?

O HOMEM NO CONDICIONAL

Se faço uma crônica em se, sei lá se lhe sentirão o sentido.

Se a cólera que espuma, a dor que mora n'alma, no rosto se estampasse; se acaso você chegasse no meu chatô e encontrasse aquela mulher que te abandonou; se eu te dissesse que, cindindo os mares, triste, pendido sobre a vítrea vaga, eu desfolhava de teu nome as pétalas ao salso vento...

Se não for incômodo, se me dá licença, *si Peau d'Âne m'était conté*, e se é assim como você diz, eu terei imenso prazer. Mas se você pensa que me enrola, está muito enganado. Aí, se eu te pego, te estrafo.

Ah, se eu soubesse o que sei agora! É a tal coisa: *si jeunesse savait, si vieillesse pouvait*. Se queres a paz, prepara a guerra. Amanhã, se Deus quiser. E se não chover, é claro.

Pois é, se um não quer, dois não brigam. O problema é que se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Bom, se eu fosse você...

Se eu fizesse uma canção para você, como José Maria de Abreu e Osvaldo Santiago; se eu fora rei, como Sílvio Caldas; se eu me chamasse Raimundo, seria talvez uma solução.

O famigerado *If*, de Kipling, não, mas *si le grain ne meurt*, e se vires a garça branca pelos ares ir voando, dirás que são os meus olhos que te vão acompanhando.

Isto posto, se queres viver, desperta e luta. Se a tentação chegar, há de achar-me rezando, como Alphonsus de Guimaraens. *Si animus est sincerus, sermo est simplex*, lá diz o sábio. Mas se você é homem, vê lá se repete.

Lá isso é, ou se calça a luva e não se põe o anel, ou, como adverte Cecília, se põe o anel e não se calça a luva. E se o senhor me fizer mais uma, já sabe; boto-o no olho da rua.

Diz o samba que, se for preciso, eu caso. Mas isto, se você fosse sincera. E se esta rua fosse minha, para eu ladrilhá-la de brilhantes e você pisar, distraída.

Se não fosse esta senhora que está aqui ao lado, eu lhe quebraria a cara. Se eu roubei teu coração, tu também roubaste o meu. Se a madame faz questão, eu digo, mas só se a tanto me ajudar engenho e arte. *Si l'on gardait, depuis des temps, des temps, tous les cheveux des femmes mortes*, pode ser que Vildrac os contasse.

Se Deus não existe, escuta aqui, Dostoiévski, tudo é permitido, mas eu duvido! Nem uma palavra: se gritar, eu mato. E daí, mamãe não avisou se vinha; se ela vier, mando matar uma galinha.

É, você compreende, se depender de mim... Se tudo der certo, né, e se Deus me ajudar. Mas se houver outra guerra... Se faltar água benta na hora do batizado, água na torneira na hora de os noivos se prepararem?; se o testador ainda estiver em tratamento no hospício, como prevê o Código Civil, art. 1660, vai ser difícil.

Se o banco falir, o carro enguiçar, a canoa virar, a vaca for pro brejo, nem sei o que será de nós, Madalena. Se aquela dona passar por mim e não me reconhecer, eu, que não sou Arvers, que é que eu faço, meu Deus?

Se a gente fizesse um abaixo-assinado ao prefeito, pedindo para mandar capinar a rua; se cada um de nós oferecesse a ele sua casa durante vinte e quatro horas, para servir de prefeitura, estaria talvez resolvido o problema da sede, em alta rotatividade.

E se a Central instalasse bancos do lado de fora dos carros, para segurança e conforto dos pingentes, dobrando a lotação e faturando mais, até que resolvia.

Chega. Se continuo, canso você e a mim também. Parar é regra de ouro (se não me falha a memória).

O HOMEM E SUAS NEGATIVAS

Não pode. Não apoiado. Não me diga. Não dá. Essa não.

Não me toques. Não me deixes. Não te esqueças de mim. Não tem de quê.

Não vá com tanta sede ao pote. Não admito. Não estou aqui para botar azeitona na empada de ninguém.

Hoje não. Nem preguei o olho. Não sei de que se trata. Não li e não gostei. Não vou com a cara dele.

Nada tenho a declarar. Não há verba. Não ficará pedra sobre pedra. Não entendi patavina. Não sei onde estou que não lhe quebro a cara.

Nem aqui nem na China. Não fede nem cheira. Não dá ponto sem nó. Não pode com uma gata pelo rabo. Não sabe da missa a metade.

Não tem papas na língua. Não mete prego sem estopa. Não é de nada. Não sou o que o senhor está pensando, cavalheiro.

Não me amole. Nem te ligo. Não quero saber e tenho raiva de quem sabe. Não dá para a saída. Nem me fale. Não atire.

Não tugi nem mugiu. Não ata nem desata. Não quero saber de namoro na Barra da Tijuca. Não e não, já disse. Homem, nem sei o que diga. Nada não. Não vá me dizer que ela é sua cunhada.

Nunca mais. Não sou daqueles que cospem no prato em que comeram. Não adianta você chorar. Não repita. Não penso noutra coisa. Não insista, por favor, seu Januário. Não há mal que sempre dure. Não há pressa. Você não perde por esperar. Não há mais juízes em Berlim.

Não matará. Não cobiçará a mulher do próximo. Não buzine. Não tenho que lhe pedir desculpas. Não comi nada até esta hora. Não estou gostando dessa história. Não queria aborrecê-lo, mas...

Não sei de que se trata. Não gosto de ser incomodado. Nem contra nem a favor do divórcio, muito antes pelo contrário. Não vou sujar minhas mãos em você. Não fume. Não bebe mais não, meu anjo. Não abuse do crediário, meu filho.

Tenho lá alguma coisa com isso? Não levo desaforo pra casa. Não bato em mulher. Nada de novo na frente ocidental. Nesse andar você não emplaca setenta e seis. Ele não paga nem visita.

Sem chus nem bus. Sem tir-te nem guarte. Sem eira nem beira. Nem um pio. Nem carne nem peixe. Nem por pensamento, doutor. Nadinha, querido. Sem pé nem cabeça. Sem dizer água vai. Sem quê nem praquê. Não me provoque que eu digo tudo.

Sem destino. Sem lenço nem documento. Não deu outra coisa. Não é normal. Não está no gibi. Não é mole não. Nada pior do que um elefante na hora do jantar. Garçom, isto nunca foi sopa *à la Sainte Meunière*.

Não estou te reconhecendo hoje. Não dói na hora. Não estou lembrado. Já disse que não pago e não pago. Não há país no mundo igual a este. Nem se compara. Nem tanto. Nunca me senti tão perto de Deus como naquela tarde no Corcovado.

Não há exemplo de tamanha bandalheira. Nesta casa eu não mando nada. Não posso contar por enquanto. Nunca se sabe o que elas estão tramando. Não me chamo Antônio, não sou casado e não moro em Niterói.

Não dá pra entender. Nem assim. Ali não boto mais os pés. Você não sabe quanto me custa. Santa não sou. Até que nem. Hoje não estou para brincadeiras. Não pedi nem pedirei demissão; não peço nada a ninguém.

Não pense que isso fica assim, não. Ringo não perdoa. Hoje não tem carta para a senhora. Proibido estacionar. Mas não espalha. Não sou palmatória do mundo. Proibido pisar no gramado. Proibido proibir.

Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro. Não te fies do tempo nem da eternidade. *Hippocrate dit oui, mais Galien dit non*. Os não alinhados, a não valia, a não violência — esta última, valendo como *sim* à vida, ou nem isso.

DIZER E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Muitas coisas se dizem, que não deviam ser ditas; muitas outras se calam, que não mereciam calar-se. As palavras são as mesmas, em um e outro caso; só a conveniência delas, na circunstância, é que varia. E na variação, fica o dito por não dito. A menos que o convicto (ou o teimoso) diga: “Digo e repito”.

Também cabe referir aquelas coisas manifestadas com a ressalva: “Diga-se de passagem”. Em geral, são as que não passam, as mais relevantes no discurso, e a matéria que parecia principal descolore em função do que parecia acessório.

Dizer, bendizer, maldizer confundem-se na massa de sons. Tudo escapando da mesma boca, mas vozes diferentes atropelam-se nesse anunciar de juízos, interesses, paixões e estados de espírito que se desmentem uns aos outros. Contradizer-se é ainda uma solução para o conflito que nossos impulsos sucessivos travam por meio e à custa de palavras.

É tão incoerente essa trama verbal a desenvolver-se no tempo, que se procura dar-lhe nexos apelando para fórmulas: “Como eu ia dizendo...” “O que é mesmo que eu estava dizendo?” O dizer de um precisa ser acionado pelo dizer do outro, e do acoplamento (linguagem espacial em curso) dos dizeres surge novo dizer, que é o anterior e é outro. De modo que ninguém diz propriamente o que diz, mas só o que lhe ocorre (se ocorre) dizer, ou lhe é soprado na ocasião. E pode acontecer que o companheiro, em vez de soprar uma dica, lance uma contradita, passando os dois a renhir em dize-tu direi-eu.

O gosto de dizer costuma chegar ao excesso de dizê-lo com os seus botões, como se os botões dialogassem conosco. Mas há quem diga que botão não só escuta como também fala a quem tem ouvido capaz de ouvir e de entender botões.

Por que se dizem cobras e lagartos, e não se dizem rouxinóis e açucenas? Dizer maravilhas de alguém ou de alguma coisa não é o

mesmo que dizer chocolates ou estrelas ou sonatas. O repertório da língua presta-se mais ao dizer contra que ao dizer a favor. O Zico disse horrores de você. O Zico não disse arco-íris de você. Disse as últimas, e você não reagiu?

O azul diz bem com a tua pele, minha querida: observação tranquilizadora para a mulher que está pensando em encomendar um vestido azul. Mais um vestido, amor? Bem, eu não queria dizer isto. Muito do que se diz em louvor disso ou daquilo, em confronto com a realidade, pode suscitar o bocejo em forma de frase: Não é lá para que digamos.

Fuja do cara que lhe pede licença para dizer só uma palavrinha ou, no máximo, duas palavras. Dirá dois milhões, dirá até dizer: chega. Não creia ainda em quem lhe diz alguma coisa precedida de: “Como diria o outro”. O outro não diria aquilo. Mas sucede que o outro pode ter feito isso ou aquilo, sem dizer água-vai, e brota-nos a exclamação estupefata: “Quem diria, hem? O Astolfo!”.

Do diz-que-diz cumpre fugir às léguas, embora seja tão capitoso o “ouvi dizer que”, pois nos permite ser indiscretos e nos exime de responsabilidade. Como seria imprudente, em outras eras, “dizer a alguma dama com alguém”, pois seria o mesmo que culpá-la de mancebia com esse alguém, que podia ser, digamos, o comandante da praça: “Dir-se-ia que...” não terá sido, inicialmente, particular de escritor mineiro? E “por assim dizer” não teria a mesma origem montanhesa?

Entre o dizível e o indizível balança a criação do poeta, flutua o êxtase dos namorados. Dizer o que jamais soube ser dito, aspiração de manipulador de vocábulos, que talvez nem sabia dizer o sabido. Haverá algo a dizer, absolutamente inefável, que nem os anjos conseguissem exprimir nem os homens entender?

Em verdade, em verdade vos digo que hoje não tenho nada a dizer. Dizendo esse nada, encerro aqui. *Dictum, factum.*

AS PALAVRAS QUE NINGUÉM DIZ

— Sabe o que é diadelfo? Não sabe. É isso aí: ninguém aprende mais nada na escola, não há professor que ensine o que é diadelfo. Entretanto, basta você sair por aí, na Gávea, e dá de cara com penças de diadelfos. Tão fácil distingui-los. Pelo visto, sou capaz de jurar que você também nunca experimentou a emoção do ilapso. Ou por outra: pode ter experimentado, mas sem identificá-lo pelo nome. Não alcançou a maravilhosa consciência de haver merecido o ilapso. Conheci um nordestino que na mocidade exercera a profissão de ultor, e que ignorava o que é ultor; como é que pode ser tão mau profissional?

Praticamente, as coisas deixaram de ser nomeadas na boca dos falantes. O vocabulário azulou. São incapazes de reconhecer o que é beltiano, e mais ainda de qualificá-lo. Paranzela, já ouviu falar? Conhece entre suas relações quem algum dia lhe falou em oniquito? Se vou ao Number One e peço alfitetes, pensam que estou louco, acham que eu quero comer alfinetes. Não adianta argumentar que, como paguilha, faço jus à maior consideração; de resto, sabem lá o que seja paguilha?

Olhe, não é só a piara que ignora tudo, inclusive que ela é piara. Os da alta, é a mesma coisa. Participei de umas boedrômias em certa mansão do Cosme Velho, e pude verificar que todos, satisfeitíssimos com o que faziam, estavam longe de imaginar que tudo aquilo que se passava em torno da piscina eram boedrômias, autênticas boedrômias. Uma situação de poslimínio é absolutamente indecifrável para muitos doutores que conheço.

E quantos só dormem sossegados se têm um talambor a protegê-los, desconhecendo embora que instalaram um talambor em casa?

Menino, você gosta remuito de siricaia e não sabe o que é siricaia e o que é remuito? Santa ignorância! Mas que o seu pai, professor ilustre, pratique o harpaxismo e nem desconfie de ser harpaxista,

meus pêsales às codornas. Lamentável, ainda, a incontinência de seus borborigmos em reuniões sociais, pois não?

Quanta gente por aí precisando de auriscápio, e se aconselho que procure obter um, fica perturbada, imaginando coisas. Chega a manifestar aversamento, sem mesmo desconfiar do que seja aversamento. De português, não apreendem um pigalho. Aventure-se alguém, numa roda seleta, a falar em cristadelfos. Os que se julgam mais informados pensarão que nos referimos a porcelanas de Delft.

Pessoas que adoram determinados pitéus, não os visita a mínima noção de gamarologia (não quer dizer que estejam gamadas, é outra coisa muito diferente). Dispomos de alguns estratólogos, a que ninguém trata pela correta denominação, e se esta for mencionada, haverá quem suponha tratar-se de peritos em rodoviarismo ou em extrato de contas. Fui cumprimentar uma campeã de tênis, chamando-a lindamente de vitrice, e ela abespinhou-se. Achou talvez algo de venéfico no vocábulo. Sabe tênis e não sabe o idioma.

Vamos dar uma volta seral? propus a outra moça, que arregalou os olhos. Não houve meio de convencê-la de que pretendia levá-la por aí, sob a paz das estrelas. Imagine se eu lhe propusesse usar subsiles. Ainda que eu aplicasse o máximo de catexe, não conseguiria nada. E talvez até ela chamasse a polícia.

Bem, não estou exagerando. Você que me ouve, sabe (pelo menos isso) que eu evito toda e qualquer espécie de cinquete. Ah, também não sabe o que é cinquete? Era de se esperar. Não posso falar que sua cabeça mais parece uma abatiguera, porque, a bem dizer, você nunca plantou nada aí, e em consequência nada aí se pode colher. Certas coisas a gente vê logo, não carece ser mirioftalmo. Passe bem, ignaro, ou melhor, passe mal!

CONVERSA NA FILA

I

Conversavam, na longa fila do cinema:

— E o seu caso com a Belmira?

— Encerrado, depois de um incidente onfálico. Observei-lhe que não ficava bem ir à praia de tanga, quando ainda emergia daquele problema de cirsônfalo.

— E ela?

— Não gostou, e rompemos. Nossa ligação teve fim celíaco. E você com a Isadora?

— Mal, meu caro. Sabia que ela é hipnóbata? E o pior de tudo: com loxodromismo. De noite é aquela confusão no apartamento: batidas nos móveis, objetos quebrados, e ela volta com acrodinia, com meralgia ou com podalgia.

— Que lástima.

— Depois, a Isadora se distingue por uma total aprosexia. Não adianta falar com ela que tome cuidado, que se proteja. Sua desatenção é mesmo esplâncnica.

— Caso sério.

— Pois é. Mas vamos mudar de assunto. Viu aquele projeto de superclínicas integradas do Quintiliano? Ele está entusiasmadíssimo.

— Vi. Para mim o Quintiliano é um caso de cianopsia empresarial. Vê lá se aquilo funciona.

— Por que não? Você é que me parece com tendência fotodisfórica. Não capta a evidência solar da iniciativa.

— Pode ser. Mas o Quintiliano é lalômano e dislállico a um tempo, e isso me irrita, ainda mais ligado à somatomegalia projetista.

— Que tem isso? O essencial é que ele sabe ser sinérgico e sua doxomania semeia empreendimentos grandiosos.

— É. Mas isto, ao fim de algum tempo, fica tautométrico.

— Não interrompendo. Repare nessa garota à nossa frente.

— Já notei. Onicófaga.

— Nem por isso deixa de ser uma graça.
— Você acha? Quando se virou, notei que é leptorrínica.
— Quase nada.
— Sem falar na anisocoria, que captei de relance.
— Ora. Nem se percebe.
— E a pele...
— Que tem a pele?
— Xiloide.
— Daqui a pouco você enxerga na coitadinha hipertricose, furfuração intensiva e até glossotriquia.
— Que é que você quer? Graças a Deus, não sofro nem nunca sofri de hebetação.
— Nem eu nunca lhe atribuí qualquer patose.
— Eu sei. Quero provar apenas que meu senso crítico-estético não se acha em catábase. Nada me escapa. A propósito. Corrija-se. Você está meio camptocósmico.
— Dá para notar? Ainda bem que não estou opistótono, como o Ricardão.
— É mesmo. O Ricardão jamais se mantém ortostático. Nossa turma, hem?
— Realmente. O Guedes com aquele xiloma, o Tenório com o seu teratoma...
— A pobre da Zuenilda às voltas com a sua colpocela...
— E o Monjardim, cada vez mais anártrico, a ponto de não se entender mais o que ele quer dizer...
A fila chegou ao guichê, o papo acabou, e eu não entendi ponto e vírgula do que os dois disseram. E você?

II

Recebi esta carta:

“Ignaro cronista, saúdo-o com simpatia. Então, escutou aquela conversa na fila do cinema e não entendeu patavina? Tão simples, meu caro. Se você tivesse uma tintura rala de latim e grego, em vez de passar pelas humanidades como motorista de ônibus pelo sinal vermelho, pegaria tudo que os dois médicos (eram médicos, está se vendo) falavam sem afetação. Usavam linguagem profissional,

entende? E essa linguagem nada tem de hermética. Com o auxílio de afixos e radicais de origem grega e latina, forma palavras adequadas à expressão das diferentes partes do corpo humano e das doenças que as visitam. Por extensão, tal linguagem também se aplica em sentido figurado, sempre que isto possa ocorrer com propriedade. Vou *traduzir* para você o papo dos doutores, e espero com isto prestar-lhe pequeno serviço cultural.

Chamemos os interlocutores de A. e B. A. pergunta a B. pelo caso deste com Belmira. B. informa que está acabado, após incidente onfálico (relativo ao umbigo da moça). Ela tivera um problema de cirsônfalo (dilatação varicosa das veias do umbigo), possivelmente fora operada; não obstante, queria exhibir-se de tanga na praia. B. não gostou, e deu-se o fim celíaco, isto é, relacionado com o ventre.

Por sua vez, A. conta que Isadora, sua garota, é sonâmbula (hipnóbata) e padece de loxodromismo: caminha sempre em direção oblíqua. Fácil prever os esbarrões que a todo momento, no escuro, dá nos móveis, e as consequências: volta para a cama com dor nas extremidades (acrodinia), notadamente nos pés (podalgia) e nas coxas (meralgia). Por último, a pobre sofre de aprosexia, é incapaz de fixar a atenção em alguma coisa, incapacidade tão profunda que pode ser chamada de esplâncnica, ou seja, visceral.

Os dois amigos mudam de assunto. A. fala num colega, o dr. Quintiliano, que pretende abrir uma superclínica, mas B. acha que Quintiliano é um caso de cianopsia empresarial, vê tudo azul em matéria de empreendimentos. A. acusa B. de tendência fotodisfórica, quer dizer, de intolerância à luz solar das iniciativas de Quintiliano. B. retruca, chamando Quintiliano de lalômano e dislállico ao mesmo tempo: ele fala demais, apesar de ter dificuldades no falar, além de cultivar a somatomegalia projetista, o gigantismo de planos mirabolantes. Mas A. defende-o, dizendo que ele sabe ser sinérgico, trabalhar em equipe, e sua doxomania (paixão de conquistar a glória) semeia realizações de vulto. Sim, admite B., mas isso acaba sendo monótono, tautométrico.

Outra virada. A. acha uma graça a garota que está à frente dos dois. B., de relance, observa que ela rói e engole as unhas, é onicófaga. E leptorrínica (nariz estreito), além de acusar anisocoria, desigualdade

nas pupilas. Só? Não. Tem pele xiloide, parecendo madeira. A. espanta-se de tanta observação implacável, e diz que daí a pouco B. enxergará na coitadinha hipertricose (excesso de pelos) e até essa coisa horrível que é língua coberta de pelos (glossotriquia), sem falar em furfuração intensiva: cabelo caspento. B. declara que nunca teve hebetação, esse embotamento dos sentidos e do intelecto na puberdade.

A. não quis dizer que B. é presa de alguma patose, anomalia ou doença. B., para provar ainda mais que suas faculdades de percepção não declinam (catábase), adverte ao amigo: Corrija-se, está ficando corcunda (camptocósmico). A. reconhece, mas ainda bem que não chegou a opistótono, como o Ricardão, com sua curvatura tetânica para trás. É, o Ricardão jamais se mantém em pé, ortostático, ereto.

Aí os dois passam em revista o precário estado de seus colegas. O dr. Guedes enfrenta um xiloma, tumor duro, lenhoso; o dr. Tenório, às voltas com o seu tumor complexo, ou teratoma; a dra. Zuenilda tem colpocele (hérnia ou tumor vaginal); o dr. Monjardim, já não se entende o que ele fala; de tão anártrico, não articula mais uma palavra.

Conclusão: os falantes usaram linguagem exata, objetiva, clássico-moderna, muito bem cunhada. Quem não a entendeu deve tomar cinco vocábulos de raiz grega e outros tantos de raiz latina, duas vezes por dia, após as refeições. Agite-os, antes de usá-los. É só, e meus cumprimentos cordiais.

(a) Antonio Crispim.”

PRAZER EM CONHECÊ-LO

— Puxa, vocês ainda não se conhecem? Este é o Marques, amigo velho de guerra. E este aqui é o Silva, um amigão.

— Ah, muito prazer em conhecê-lo.

— Oh, o prazer é todo meu.

— Perdão, todo seu, não. Me deixe sentir também um grande, um enorme prazer em conhecê-lo, rapaz. O Inácio sempre me diz maravilhas a seu respeito.

— O Inácio também põe você nas nuvens. Por isso, é natural que eu sinta o maior prazer em conhecê-lo.

— Bem, já diminuiu um pouco, e eu fico satisfeito com isso. Sempre deixou algum prazer para mim. Me desculpe, mas por que o seu prazer é maior?

— Que é isso, vocês estão discutindo para saber quem ficou mais contente do que o outro, por serem apresentados?

— Não, Inácio, a gente não está discutindo coisa nenhuma, não é, Silva? A gente está apenas apurando quem simpatizou mais com o outro, e o Silva quer ganhar de mim, mas eu não quero perder para o Silva.

— É, o Marques tem razão. Só que eu não disse que o meu prazer em ficar conhecendo ele é maior do que o dele ao ficar me conhecendo. Não quis duvidar do prazer dele. Quando falei que sentia o maior, eu me referia a mim mesmo, é o maior que eu sinto, não estou comparando com o dele. Embora eu ache que o Marques é tão bacana que é natural que eu me alegre mais em ficar amigo dele do que ele em ficar meu amigo.

— Ora, Silva, se eu sou bacana não sei, mas você é. Tudo que o Inácio me conta a seu respeito demonstra a maior bacanidade. Como é que eu também não posso ter uma grande alegria me aproximando de um cara tão legal?

— Não sou tão legal quanto você pensa, Marques, mas posso garantir que sei apreciar os verdadeiros valores, e não vejo absurdo

nenhum em reconhecer as altas qualidades de você.

— Absurdo? Quem falou em absurdo? É claro que eu fico muito feliz por saber que você me admira, embora haja nisso excesso de generosidade de sua parte, e também da parte do Inácio, que andou lhe falando coisas a meu respeito. O que eu não entendo é que você não me permita apreciar também à altura as suas excelentes qualidades.

— Ei, gente, que papo mais estranho esse que vocês estão levando. Cada um quer ser mais admirador do que o outro, e discutem por causa disso? Digamos que vocês empataram, pronto.

— Não é bem isso, Inácio. Você não entendeu o meu ponto de vista. No fundo, o Marques está duvidando da minha sinceridade em admirá-lo, e veio com essa história de que eu quero todo o prazer de nossas relações só para mim. Aí tem ironia.

— Eu não disse isso.

— Disse sem dizer. Pensou.

— Como é que você pode ler no meu pensamento?

— Viu? Ele está se traindo, Inácio. Não posso ler fisicamente o que está lá dentro da cabeça, mas que está escrito, está. A prova é que ele se defende alegando que não há leitura possível.

— Sabe de uma coisa? Você envenena tudo.

— Eu, enveneno? Tem coragem de me atirar uma ofensa dessas?

— Calma, pessoal! Mal se conheceram e já estão que nem galos de briga!

— Não escutou o que ele me disse, Inácio?

— Olhe aqui, Inácio, viu o que ele está dizendo?

— Não vi, não escutei, nem entendi nada. O que eu não posso admitir é que dois amigos meus se desentendam por excesso de admiração recíproca. É o cúmulo! Parem com isso imediatamente!

— Ah, é? Então você fica neutro diante de uma situação como esta, em que fui insultado quando fazia os maiores rapapés a esse sujeito?

— Sujeito é você, seu atrevido! E você, Inácio, você me decepcionou. Ter coragem de me apresentar um tipo dessa espécie!

— Perdão, eu...

— Agora não adianta, você estragou o meu dia!

— Pensa que o meu também não foi estragado? Que prazer posso eu sentir em travar conhecimento com um insolente como você?

— Pois fique sabendo que não tive nenhum, absolutamente nenhum prazer em conhecê-lo. Pelo contrário: tive o maior desprazer!

— O desprazer foi todo meu! Maior do que tudo!

— Fique com o seu desprazer que eu fico com o meu. Bolas para você e para o Inácio.

— Pra vocês também! Pra vocês também!

— Dois cretinos que vocês são! Burrada minha querer que os dois se conhecessem! Aliás, também sou uma besta, confesso sem o menor prazer!

OLÁ, MESTRE

— Mestre!

— Ora, pode me chamar de velho, diretamente.

Já notei que se costuma dispensar aquele tratamento a pessoas de mais de cinquenta anos, que jamais tenham ensinado coisa alguma, nem ao menos revelem medíocre saber. São mestres porque não são mais jovens. Haverá, na concessão gratuita do título, propósito generoso de compensação? Ironia ou carinho?

Melhor é não protestar, e assumir a qualidade de mestre, sem as responsabilidades inerentes. Depois de saudado setenta vezes por essa apelação, o sujeito se habitua, e chega a estranhar se o setuagésimo primeiro conhecido o cumprimenta com um neutro:

— Olá.

Sai resmungando: Afinal, sou chamado de mestre por tantas pessoas, e esse tipo aí me nega o tratamento devido? Que lhe custava usar uma fórmula de respeito e simpatia? Por que estará de implicância comigo, que nunca lhe pisei nos calos?

A lisonja faz mestres, tanto quanto os cursos de mestrado. Estes fazem também pedantes, ou os aprimora. Para muitos, há doce constrangimento em receber no ouvido a carícia dessa palavra: mestre. Esboçam esquivança:

— Por favor, não sou mestre...

— Não é? E quem então é mestre neste país? Oh, a sua modéstia, mestre!

Entre tantos mestres, sobrará alguém para discípulo? Pois, de homenagem prestada aos cidadãos já na segunda metade da vida (essa metade que é um quinto ou um sexto da primeira), a proclamação verbal de mestria passou a abranger menores de cinquenta e alcança a classe primaveril dos vinte. O mestre-garotão distingue-se do mestre-velhote pela descontração posuda. Ao mesmo tempo é desinibido e grave, entenda quem puder. A sapiência entremostra-se no traçado das barbas pretas, cultivadas com fictício

desalinho. O olhar atinge mundos distantes de ciências mil, e recolhe-se em expressão de ensimesmamento, ao falar com o pobre-diabo não ilustre, que tenta decifrar-lhe a complicada lição.

O mestre velho dispensa barbas. Não quer confundir-se com os mestres jovens, que adotaram este signo capilar. Ninguém presta muita atenção no que ele diz ou cala. Em geral é calado, pois aprendeu que no silêncio está a sabedoria máxima. Sem excluir, é claro, os mestres falastrões, pois a palavra fácil é artigo muito apreciado, e quem o traz de berço já nasce mestre. Mas a regra de ouro consiste em dizer o mínimo, sugerindo imensidões. Se possível, não concluir mesmo as frases. Partir os vocábulos. Diante de um problema desses mais espinhosos, que não se destinam a ser resolvidos, o mestre contrai os músculos faciais, adota a expressão de nuvem pairando alto, sobre o desconcerto dos homens, e emite esta sentença grávida de sentido:

— Hum...

Não lhe perguntem mais nada. O mestre falou. Agora, é interpretá-lo, nas nuances chinesas do seu falar murado. Ele não tem obrigação de ser claro. Muitas reputações de mestre faleceriam, submetidas à prova de clareza.

Acabei derivando do tema inicial, que era a concessão do diploma (abstrato) de mestre aos indivíduos quaisquer. Pulei para a área dos que se nomeiam a si próprios, diante do espelho ou da consciência. São os mestres dos mestres, pois ninguém é bobo de se atribuir o grau menor, se pode alçar-se à culminância dos astros de prima grandeza. Enquanto se dá remuneração mísera ao professor, que é dos profissionais menos bem pagos no país em desenvolvimento, o “mestre” concede-se os fartos cruzeiros da vaidade, poder inflacionário por excelência. Já os mestres antigos — os verdadeiros mestres de ofício, que prestavam exame e tiravam carta de habilitação e construía igreja e pintavam anjos e moldavam ouro e prata em finas obras de ourivesaria, esses contentavam-se com a moeda da humildade. Raros assinavam seus trabalhos. A maioria limitava-se a assinar recibos, perante Câmaras e Irmandades que lhes encomendavam os labores. Há mestres de hoje que pagam para fazer alguma coisa, e até nenhuma.

CASO DE SEQUESTRO

O Imperativo Categórico saiu cedo de seu apartamento na Vieira Souto, para encontrar-se com o Império das Circunstâncias. Iriam juntos conferenciar com as Tábuas da Lei, e à noite jantariam com a Qualidade de Vida.

Eis que, no hall do edifício, esperava-o nada menos que o Pluralismo Ideológico, em companhia da Força do Destino e dos Incentivos Fiscais. Muito nervosos, comunicaram-lhe que a Marcha da História fora sequestrada na noite anterior, e que, após insistentes chamados pelo DDD, não se conseguira detectar o Primado da Justiça, na Zona Franca de Manaus.

Em face dos acontecimentos, partiram todos em direção ao Produto Nacional Bruto, o qual, já prevenido, convocara o Vestibular de Múltipla Escolha, o Plano de Classificação dos Servidores Cíveis, a Tradicional Família Mineira e outros Bastiões da Nacionalidade.

A reunião foi tumultuosa, pois os Fatores Imponderáveis, inexplicavelmente, já se haviam insinuado no auditório, e com eles os Imortais Princípios de 89, estabelecendo-se intensa discussão. A Harmonia das Esferas tentou penetrar no recinto, mas foi barrada pela Razão de Estado, enquanto o Equilíbrio Orçamentário e a Instrução Moral e Cívica levantavam questões de ordem e eram aparteados pelo Reembolso Postal e pelas Sete Pragas do Egito.

— Silêncio! — berrou o Segredo Profissional, brandindo a campainha. — Isto assim não pode continuar. Ou damos a palavra à Razão das Coisas, ou a assembleia será dominada pelo Caos Telúrico.

Mas o Caos Telúrico, paradoxalmente tranquilo, alheava-se do debate, cochichando amenidades com duas Multinacionais, que, rindo de suas facécias, tiraram os sapatos para refrescar os pés. Em vão o Imperativo Categórico reclamava:

— Senhores e senhoras, o assunto que nos preocupa...

Não era atendido. O Polo Petroquímico retirou-se com enfado. O Dever Acima de Tudo bracejava sem que tampouco lhe prestassem

atenção. As Forças Ocultas, aliás colocadas em lugar bem visível, permaneciam caladas.

— Vocês aí fizeram voto de silêncio? — perguntou, com o dedo indicador apontando para elas, a Fissão Nuclear.

Limitaram-se a acenar com as cabeças, num sinal que exprimia sim e não ao mesmo tempo, e também talvez.

O Terceiro Turno do Campeonato, muito machucado, mas ainda assim vibrante, e seus gêmeos Primeiro e Segundo Turnos fizeram ver que, antes de se cuidar do sequestro e suas implicações, cumpria oficializar seus outros manos, do Quarto ao Décimo Segundo Turno. Sem o que, estaria comprometida a Paz-em-Varsóvia, elemento essencial na caça aos sequestradores.

A proposta foi repelida sumariamente, entre pateadas, enquanto era expulsa a Canalha das Ruas, que se apresentara em trajes sumaríssimos, atentando contra o decoro. O debate prosseguiu, fazendo-se ouvir: a Opção Válida, que entendia ser necessário bloquear os caminhos e veredas da Opinião Pública, para evitar que os sequestradores e sua vítima alcançassem a Terra de Ninguém; o Inconsciente Coletivo, que, visivelmente alcoolizado, não disse coisa com coisa; o Sexo Grupal, revelando conotações insuspeitadas no sequestro; o Equilíbrio Ecológico, botando as mãos nos ouvidos, à guisa de proteção; o Materialismo Dialético, o Lucro Imobiliário, a São Política Filha da Moral e da Razão, os Três Mosqueteiros, a Beata Ignorância, que disse ter ouvido pela televisão o fim do sequestro, com a mediação da própria Marcha da História, sob promessa de garantir-se aos sequestradores a viagem em avião especial para o Reino Unido de Umbanda e Quimbanda. Notícia que foi imediatamente desmentida, verificando-se, então, tumulto generalizado.

A essa altura, ninguém se entendendo mais, o Produto Nacional Bruto, usando de força física, impôs a sua autoridade, fazendo calar o Orador Nato, que se preparava para incendiar o auditório com meia dúzia de Tropos de Retórica em ponto de bala. Protegidos pela Coluna do Meio e pelos Valores Morais do Mundo Ocidental, invadiram o plenário as Últimas Consequências.

Como ninguém se entendesse mais, embora todos estivessem de acordo em que se devia fazer não se sabia o quê, o Adiantando da Hora encerrou os debates, com aplausos do Pensamento Positivo e do Balanço de Pagamentos, que aproveitou a ocasião para dar um murro no Volume de Reservas. Protestos veementes irromperam do grupo chefiado pelo Saldo Médio, em aliança com a Noite de Valpúrgis: exigiam a presença das Forças Caudinas no recinto, mas a essa hora o Imperativo Categórico já se havia retirado, e atrás dele corria o Prazer do Texto, ambos dispostos a descobrir de qualquer modo, assessorados pela Legislação de Emergência, o paradeiro da Marcha da História.

Outros grupos precipitaram-se com a mesma intenção, e daí resultou que os diferentes comandos e expedições acabaram se entrechocando nos mais diferentes lugares. Na confusão, prendiam-se uns aos outros, com muita cabeça quebrada. Nem mesmo o alienado Tríduo de Morno escapou do equívoco: foi detido, juntamente com a Correção Monetária Trimestral, quando degustavam os dois uma cerveja estupidamente gelada no Independência ou Morte. O Capital Aberto, suspeitando que o sequestro era obra das Ideologias Exóticas, convocou o Submarino Atômico para uma batida na Assembleia Geral Extraordinária. Lá só foram encontradas as Moscas de Sartre e um melancólico setuagenário surdo-mudo, o professor Fechado Para Balanço.

Nessa teia de enganos, não faltou quem achasse a sequestrada, tanto nos Pinhais de Azambuja como na Casa de Orates, e ainda no Asilo Inviolável do Cidadão. Mas logo se verificava que as pessoas assim descobertas eram, na realidade, a Cláusula Rebus Sic Stantibus, o Marinheiro de Primeira Viagem e o Cidadão Quase Acima de Qualquer Suspeita. Sem falar no Domicílio Conjugal, um pobre senhor ora confundido com a vítima do sequestro, ora com o chefe da quadrilha sequestradora.

Durante semanas a Busca Infrutífera aplicou seus conhecimentos superespecializados de polícia técnica, cobrindo todas as pistas. O sequestro era tanto mais estranho quanto as mensagens encontradas no interior do pé esquerdo de um mocassim, na Loja Descalços no Parque, e no badalo da sineta do Colégio Paz, Amor e Surf, não

exigiam resgate: limitavam-se a dizer que ninguém ousasse tentar recuperar a desaparecida, sob pena de ser castigado por Severas Represálias, o famoso chefe da Organização Pega-Mata-e-Come. Posta em dúvida a veracidade da comunicação, pois o indivíduo nela mencionado nunca se fazia anunciar pelo nome (era conhecido pelo codinome de Qualquer Coisa), admitiu-se que os sequestradores visavam a um fim altamente enigmático. O Horóscopo Matinal foi chamado a decifrá-lo, em colaboração com o Adivinho de Juazeiro do Norte, mas sem resultado.

Gravações telefônicas efetuadas pelo Serviço de Escuta Mental só conduziram a maior *imbroglio*, suscitando protestos da Voz da Consciência, acusada de acoitar o Princípio de Desagregação, planejador do sequestro. Não caberia aqui o registro de todas as marchas e contramarchas, especulações e pistas errôneas, que durante um mês abalaram os próprios Alicerces da Ordem, habitualmente tão plácidos. Por sua vez, o Poder Econômico experimentou fenômenos inquietantes no sistema gastrintestinal, em face da visita da Desinformação Reinante, que fora intimá-lo a assumir, na emergência, a título de acumulação, as funções do Poder Moderador, no impedimento do Bacharel de Salamanca, para serenar os ânimos em combustão.

Tudo parecia perdido, e até a Esperança Última Que Morre desistira de suas pesquisas, quando uma indiscrição do Embuçado de Ouro Preto fez jorrar a luz da verdade: não houvera sequestro algum. Apenas a Marcha da História, em companhia da Pausa Para Meditação e do Seguro Morreu de Velho, se recolhera a uma pequena ilha do litoral Sul, para uma estação de lazer e sonoterapia. A novela do sequestro fora uma tola invenção das Trombetas da Publicidade.

O CLUBE DA ILUSÃO EM FELISBURGO

Enjoado de viver o de sempre, desdobrei o mapa de Minas Gerais, esse país dentro do país, na esperança de achar uma cidade que fosse a cidade. Não uma qualquer entre milhares, mas aquela onde tudo fosse *calme*, *luxe*, *volupté*, entendendo-se como luxo o contrário de ostentação e fausto. A acepção quatro do Aurélio: “viço, vigor, esplendor”. Isso eu queria.

Não há tal cidade no mundo, ponderou-me a Experiência Madura, cozinheira que mantenho a meu serviço desde priscas eras e nunca me falseou o tempero. Ela diz, ela sabe. Quis contrariá-la: Minas é tão grande! Minas maior do que Minas. Jazidas a explorar sempre. Pode ser que eu lá encontre o desejado. Pode ser. Há de ser.

O dedo sobre Pouso Alegre e Monte Alegre, hesitante. A imaginação circunvoa Pedra Azul, que se alça em paisagem, azul debaixo de azul. Águas Formosas? Campo Florido? Boa Esperança? Maravilhas parece-me duvidoso. Prefiramos o óbvio: em Felisburgo, no médio Jequitinhonha, me detenho.

Esta é a cidade, exclamei. Tão evidente, que se faz proclamar por sua condição, natureza e destino. Cidade que se fundou para exercer a felicidade. Está me chamando, para lá vou eu.

Felisburgo há de ser diferente, e nem preciso requerer certo modo de ser feliz, que se componha com as minhas preferências. Por felicidade, entenda-se o que varia de indivíduo a indivíduo, mantendo a tônica: a elevação do ser à pura essência, pela ruptura com o circunstancial, o enfadonho, o mesquinho, o malicioso, o perverso — tantos males que envolvem o precário bem entrevisto no cotidiano. *Luxe*, *calme*...

Felisburgo é a negação do triste, sem ser a explosão do alegre a todo pano; será o grato equilíbrio, o ponto de enlace das possibilidades amáveis de existir e coexistir, e que nunca se plasmam num todo coerente: ora falta uma, ora outra, ou são várias ou muitas que escasseiam, e nada pode o homem se a mínima coisa desfaz a

composição das coisas máximas. Estas, por sua vez, mantêm-se distantes umas das outras, de sorte que ser feliz é ser quase, ou pouco, ou sentir apenas que se poderia ser feliz, se uma ordem, uma arquitetura, uma matemática unisse todos os imponderáveis que geram o estado de felicidade. *Calme, volupté*.

Zapt! Corro à agência de turismo, compro passagem, desço, para ficar, feliz, em Felisburgo. Aparentemente, é só uma pequena cidade, e não podia ser de outro modo, que de megalópoles e candidatas a megalópoles estou fugindo. Noto ajuntamento diante de uma parede. Na parede o edital. No edital, isto:

Tendo em vista a assembleia geral extraordinária do Ilusão Clube de Felisburgo, que deliberou a sua dissolução e a venda, em concorrência ou leilão público, do seu patrimônio, composto de prédio, mesas, cadeiras, geladeira, motor, refrigerador, a realizar-se no dia 28 de janeiro de 1976, às 13 horas, etc...

(assinado) *Jair Pinto Coelho*, presidente da comissão.

Ó tempo, ó palavras. Em Felisburgo, numa hora de escassa inspiração, fundou-se um clube inacreditável, em que os sócios se reuniam para se iludirem pensando que estavam morando em Felisburgo. Quando realmente estavam. Eles não sabiam. Apelaram para a ilusão. Não viam, não repararam, não se capacitaram da realidade que é Felisburgo. Tentaram inventar outra, em clube, uma casa cheia de cadeiras — para que cadeiras? com motor — motor para quê? até geladeira eles puseram lá. Claro que a felicidade não é um clube nem reside em geladeira, coisas indiferentes em si, sendo que o clube nem sempre é indiferente: pode ser o meio de fugir de casa e de si mesmo.

Abanei a cabeça, decepcionado. Prefigurei o leilão, as ilusórias cadeiras, o motor ilusionante, arrematados a preço de banana, e os sócios do clube, borocoxôs, assistindo à derradeira etapa da desilusão que eles criaram por sua insensatez. Não disse: bem feito, porque não sou de gozar a tristeza dos outros. Mas achei natural que o clube e suas ilusões fossem leiloados. Felisburgo merece ser mais do que um clube de utopia. Ou vale o nome que tem, ou não vale nada.

Não há por aí, no mapa de Minas ou algures, uma cidade, um povoado, um palmo abençoado de terra, onde se realize o projeto de Baudelaire: *luxe, calme, volupté*? (Não, evidentemente, o edifício que

lhe arrebatou o nome. Pobre Charles: se voltasses, não terias acesso à portaria.)

A FLOR E SEU NOME

Alguém me conta que chegou o outono, como sempre discretíssimo. Não desembarcou no Galeão nem foi entrevistado e fotografado como vip. Nem dá para perceber que ele está aí. Mas está, e aos que conseguem identificá-lo, esclarece:

— Dizem que sou estação de folhas cadentes, mas também tenho minhas flores abertas. Anêmona, gerânio, ervilha-de-cheiro, amor-perfeito. Preste atenção no amor-perfeito, uma de minhas criações mais refinadas.

— Nosso tempo abomina flores, amigo. Chega a fazer jardim sem elas.

— Eu sei, e isso não será levado a seu crédito no dia em que os tempos forem julgados perante o Eterno. Olhe, o amor-perfeito...

Concordo com o outono, em sua louvação ao amor-perfeito, que não fala apenas a linguagem dos corações, e já seria muito, embora esta linguagem se revele controvertida e feita mais de olhares, gestos e mudez do que de sintagmas. Independente de códigos, o amor-perfeito é expressivo em si. Fala um entendido no assunto, Hermes Moreira de Sousa:

Quando bem aberta e de tamanho regular, a flor do amor-perfeito se apresenta como se tivesse um rosto, concorrendo o colorido que possui para exercer efeito apelativo sobre o observador. As flores estão sempre voltadas para a direção de onde provém maior irradiação solar, e o rosto mostra-se como que parado, atento.

Quem ainda não percebeu a expectativa tensa do amor-perfeito e não lhe captou a atitude moral, não merece cultivá-lo. De resto, poucos o cultivam ainda, como o fazia certa querida parenta minha, em seu jardim de cravos e crisandalias, rosas e flores-de-seda, onde cada pé de flor tinha intimidade com ela, e conversava com a jardineira sem necessidade de recorrer a qualquer linguagem.

Pensée, pansy, heart's ease, sob esse ou aquele batismo, há sempre o reconhecimento de certa propriedade sensitiva ou reflexiva no amor-perfeito. Não é, não seria nunca simples flor para adorno, anódina,

meio boba: tem atitude, comportamento de gente, entre pudico e nobre.

Há quatrocentos anos que se conhece esta flor, e suas representações antigas diferem muito das atuais: tamanho e cor se alteraram pelo trato botânico, que pensa estar modificando a natureza e somente lhe descobre as possibilidades. Receio que as transformações transponham o limite, e alguém venha me pedir que admire o amor-perfeito tamanho gigante, coisa assim na dimensão de página de jornal. Há anos tentava-se produzi-lo na Suíça, como bolo de chocolate. Em 1813, nosso dicionarista Moraes registrava “cinco pencas roxas e amarelas”; hoje temos o marrom e o vermelho, e a pauta de tons segue o capricho da arte.

Mas o que me impressiona mesmo no amor-perfeito é o nome. Que responsabilidade, meu filho! Há por aí uma planta chamada amor-de-um-dia, que não carece muito esforço para ser e acontecer, como doidivas. Outra atende por amor-das-onze-horas, e presume-se como sua vida é folgada. Há também amor-de-vaqueiro, amor-de-hortelão, amor-de-moça, amor-de-negro... muitos amores vegetais, que desempenham função limitada. Mas este aqui não tem área específica, não se dirige a grupo, ocasião, profissão. É absoluto, resume um ideal que vai além do poder das flores e dos seres humanos.

Que sentirá o amor-perfeito, sabendo-se assim nomeado? Que tristeza lhe transfixará o veludo das pétalas, ao sentir que os homens que tal apelação lhe deram não são absolutamente perfeitos em seus amores? Que aquele substantivo, casado a este adjetivo, sugere mais aspiração infrutífera da alma do que modelo identificável no cotidiano? Será talvez por sabê-lo que o amor-perfeito se mostre assim atento e procure obstinadamente, no rumo da claridade, essa perfeição a que se vê compelido e que não consegue ver estampada no coração de homens e mulheres?

A tais perguntas o sóbrio amor-perfeito não responde. O outono, tampouco. Resta o mistério da flor e seu nome, pairando sobre alguns jardins e alguns espíritos preocupados com o lado secreto das coisas. Talvez seja melhor não haver resposta.

ZARANDALHA

A Ziraldo

— Vocês são uns zoides — disse Zequim, e, emitindo um zomzom mais parecido com um zumbo, zortou apressadamente.

— Zupa! — exclamaram os da patota, em plena zerechia. Zuza, com o zuate espalhado no tamborete de zimbro, estava completamente zaré. Zizo, não menos de zuca, tentava apanhar uma zenóbia inexistente, enquanto Zorô, zumbrido sobre a zidora, gabava os méritos de d. Zulmira, da Pensão Zênite, declarando-a uma perfeita zavaneira:

— É uma zouca!

— Pra mim, ela não passa de uma zoipeira — aparteou Zulu, o zarelho. E, dizendo-o, zavarava uma zapota, que, na sua opinião, continha o máximo de zeína.

Zemir correu ao banheiro, na esperança de uma boa zichada para refrescar-se. Qual. Aquilo era que nem um zonote seco. Voltou zaranzando.

— E se a gente tocasse zilórgano? — propôs Zelito. — Vocês sabem? Era uma zorra total.

— Eu não — respondeu Zobé. — Nem zeugo.

— Eu também não (Zecão que falou, meio zaranza).

— Então estamos a zero.

— Zerinho-quilômetro.

— Vem aí uma zurvada — informou Zinzim, chegando à janela.

— Tu é zolhudo. Não tem nada disso. Tá é soprando um zéfiro.

— Olha o Zaqueu devolvendo a zurrapa.

— É. Ainda bem que não esperou a zimologia atuar.

— E o Zorô só não faz o mesmo porque é zorreiro.

— Zorô é um zuche — outra vez Zulu se intrometendo.

— E não venham dizer que o papai aqui é zureta, só porque estou aprendendo zorzico — um barato — com o professor Zuloaga! — explodiu Zuza, retirando o zinote do tamborete.

— Zupa! — exclamação geral.

— Com ziriguidum, é?

— Não. Com zeribanda e tudo!

— Não vai fundir o zimbório, hem, Zé-Quilotis?

Zuza, zangado, quis zurzir o zoilo. Como, se estava apagando, de tão zurnó?

— Calma, que a zoteca não é para zoeiras — ponderou Zili, o zoroastrista. — Melhor cada um tirar o zori e caçar os seus zungas.

— E eu, que é que eu faço do meu zuzá? — indagou Zelito, muito a fim de zurraria.

— Ora, vá comer zonuro, que não é bicho de zodíaco.

Zás! — um zapetraxe na verônica do zerê.

A turma endoidou, e foi preciso que o Zurbaran, até então sossegado no seu canto como uma espécie de zacoro, brandisse uma zagaia deste comprimento, fazendo ouvir a voz da autoridade:

— Zurre! Todos a Zanzibar!

— Longe assim? — perguntaram, atônitos.

— Não. Ao Zanzi Bar, pelo santo nome de Zeus!

E zupt! ziririgaram zuntos na zisparada!

DESPEDIDA DE CORDEL

- Não vá seguir o exemplo do homem que atirou na chuva.
- Eu, hem? Prefiro assistir ao casamento do calangro com a lagartixa.
- Mas sem levar o cachorro dos mortos.
- Cruz-credo!
- Outra coisa. Fuja da mulher que engoliu um par de tamancos com ciúmes do marido.
- Escutei.
- Não monte de jeito nenhum no cavalo do ateu.
- Monto não senhor.
- Prefira o cavalo voador de Julieta e Custódio.
- Eu peço emprestado a eles.
- Olhe, filho, nunca deixe de ouvir a voz do Padre Cícero.
- Agora e sempre.
- Se topar no caminho com a Princesa da Pedra Fria...
- Que que eu faço?
- Junto com o gigante Quebra-Osso que saiu do castelo mal-assombrado...
- Tou com medo.
- Levando num saco o pavão misterioso...
- Pra comer?
- Conforme a profecia de Frei Herculano a contar de 53 a 56...
- Mas que que eu faço, diga!
- Dê a volta e vá prevenir João Canguçu no Engenho Gameleira.
- E se ele não estiver lá?
- Ande mais dez léguas e avise Jerônimo Rei do Sertão.
- E se ele também não estiver?
- Aí você apela pra menina que morreu em Caicó e depois de vinte horas reviveceu e falou contra o comunismo e o protestantismo.
- Tou ciente.

— Tome tenência com as moças, filho.

— Todas?

— Principalmente com a moça que dançou com o Diabo cantando “Cintura fina”.

— Não levo ela ao forró de jeito nenhum.

— E a moça que pisou santo Antônio no pilão pra casar com um boiadeiro.

— Virgem!

— A que virou porca porque deu na mãe na Sexta-Feira da Paixão.

— Esconjuro!

— A que virou cobra.

— Virou por quê?

— Eu é que sei? Vai ver que não escutou a voz da mãe no filme *Pecado em Pecado*.

— E com certeza seguiu os vinte mandamentos da lei de Satanás.

— Isso. Não facilite com Canção de Fogo, mas pare pra escutar o cego Aderaldo.

— Ah, esse eu aprecio.

— Você se instrui, filho, prestando atenção nas pelejas de Bernardo Nogueira com Preto Limão, de Severino Borges com Patativa do Norte, de Manuel Tromba Suja com João Gogó de Sebo.

— Tirarei proveito.

— De Alexandre Torto com Manuel Cabeceira, de Chico Buriti com Dedé do Iguatu, de Rui Barbosa com Castro Alves.

— Eta dois!

— João Grilo, José do Telhado, esses caras, nem pra pedir fósforo a eles, entendido?

— E confirmado.

— Agora, uma prosa com Zé Fominha, o homem que engoliu um navio, isso não tem perigo. Distrai.

— Lá isso é.

— Não fique enxerindo pra saber como o sargento Machado foi vencido em Cacimba de Dentro por Belmiro Costa.

— Não vou me meter.

— Nem fique excogitando a chegada de Lampião e de Antônio Silvino no inferno. Capaz deles não estarem lá.

— O senhor acha?

— Nada de escutar o sino da torre negra.

— Tapo o ouvido.

— Me esquecia: carece tomar tento com as lábias do Coré Mãozinha. Olhe que Zé Bico Doce é o rei da malandragem.

— Eu sei.

— Não faça negócio com o marido que trocou a mulher por uma burra leiteira, que ele também não é boa bisca.

— É mesmo.

— Tenha na memória que a guerra do Juazeiro em 14 acabou e não volta.

— Louvado seja Deus.

— Amém. Finalmente, rapaz, seja sempre o defensor da honra e nunca o Barba-Azul do sertão.

— Deixe comigo.

— Agora vai, filho. Mas antes de botar o pé na estrada, passe na casa do compadre Horácio de Almeida e na casa do compadre Sebastião Nunes Batista e dê um abraço neles por mim. Que a alma do padrinho Padre Cícero te acompanhe por locas e bibocas do munda-réu, e que a do finado Leandro Gomes de Barros esteja sempre à sua direita!

PASSAGEM DO ANO

VACINA DE ANO-NOVO

Muitos me desejaram paz e amor em 75. Mas havendo amor haverá paz? Amor é o contrário radioso dela. É inquietação, agitação, vontade de absorver o objeto amado, temor de perdê-lo, sentimento de não merecê-lo, ânsia de dominá-lo, masoquismo de ser dominado por ele, dor de o não haver conhecido antes, dor de não ocupar o seu pensamento vinte e quatro horas por dia, e mais dias pedir ao dia para ocupá-lo, brasa de imaginá-lo menos preso a mim do que eu a ele, desespero de o não guardar no bolso, junto ao coração, ou fisicamente dentro deste, como sangue a circular eternamente e eternamente o mesmo. Amor é isso e mais alguma triste coisa, as serpentes, os ratos escarninhos, os imundos insetos do ciúme, que tanta miséria fazem cometer aos mais puros. E a tristeza incurável do tempo que não passa fora de nós, passa é dentro e na pele marcada da gente, lembrando que eternidade é ilusão de minutos, e o ato de amor deste momento já ficou mergulhado em ter sido. Amor é paz?

Dirão que falo de amor ao ser vivo, de nossa espécie; daí a contingência. Mas o amor ao poder, ao dinheiro, à chamada glória, será menos varrido de trovoadas? Sempre o medo de sermos abandonados, empurrados para a margem, esquecidos e humilhados. Do amor a Deus, ouço dizer que bem o define a lamentação da alma, sempre faminta depois de saciada, nas coplas de São João da Cruz:

Quando me empiezo a aliviar

De verte en el Sacramento,

Háceme más sentimiento

El no te poder gozar.

Todo es para más penar.

Y mi mal es tan entero

Que muero porque no muero.

Mais prudente é fazer como Adalgisa Nery, que em seu cartão de boas-festas escreve só uma palavra: Paz. Já constitui voto bastante

ambicioso, e eu lhe proporia emenda: Meia paz, ou um grama de paz. Amor se deseja ao próximo, mas será que ele está à espera de nossos amigos, ou de nós mesmos, em alguma loja de disponibilidades? O malandro não acode a acenos, é esquivo, farsista, ataca sem aviso prévio, não se submete a prazos e juras, voa sem deixar endereço. Não dá bola a cartões-postais. Ou a quem quer que seja. No máximo, deseje a seu amigo, ou amiga, que o reconheça quando ele passar. E tenha muito cuidado para não sofrer com ele acima e além de suas forças.

Cheguei ao ponto construtivo destas considerações. João Brandão, que às vezes é modelo de sabedoria relativa (a absoluta consiste em deixar a fantasia agir), contou-me que todo ano recebe um cartão nestes termos: “CALMA, RAPAZ”.

“E quem é que te manda este cartão?” perguntei-lhe. “Eu mesmo. Entro na fila, compro o selo, boto na caixa. Porque se eu não fizer isto, ninguém o fará por mim. Ao receber a mensagem, considero-a mandada por amigo vigilante e discreto, e faço fé na recomendação, que eu não saberia me impor, diante do espelho.” Pausa e continuação: “Tem me ajudado muito. Você já reparou que ninguém deseja calma a ninguém, na época de desejar coisas? Deseja-se prosperidade, paz, amor, isso e aquilo (‘tudo de bom pra você’), mas todos se esquecem de desejar calma para saborear esse tudo de bom, se por milagre ele acontecer, e principalmente o nada de bom, que às vezes acontece em lugar dele. Como você está vendo, não chega a ser um voto que eu dirijo a mim próprio, pelo correio. É uma vacina”.

Vacinemo-nos, amigos.

ANÚNCIO DE VIVER

Preciso anunciar em janeiro, fevereiro e março, a exemplo das grandes empresas. Anunciar o quê, se não sou sequer uma pequena empresa?

Nada. Mas anunciar assim mesmo. Por exemplo, que estou vivo. Muito importante, a declaração de vida. Mais importante que a declaração de bens, por ser a vida um bem maior do que a totalidade de bens que se possam acumular durante a vida. Mais importante que a declaração de renda, que interessa mais ao Fisco do que a mim. Antes de me cobrar, o Fisco precisa saber se continuo no exercício de viver, pois do contrário não adiantaria cobrar-me. E de que maneira saber se estou vivo, se não anuncio minha vida, como fazem os automóveis novos e os automóveis usados, os refrigerantes, os detergentes, os espetáculos, as persianas, as cidades turísticas, os planos de desenvolvimento, os cartões de crédito, os cursos de kung fu, os detetives particulares, os compradores de ouro velho, as viúvas de trinta e cinco anos e fina educação, que desejam conhecer cavalheiro de boas maneiras e situação econômica estável para fins de amizade, os tapetes persas e semipersas, os cursinhos, os cursilhos, o leite em pó, o papel higiênico, as Letras do Tesouro, os terroristas — é, os terroristas também, anunciando que vão sequestrar, lançar bombas, fazer explodir o avião?

Nem me digam que o rol está errado, pois as pessoas anunciam, os objetos não; o fabricante deles é que. Perdão, o objeto do anúncio é que vale, seja ele pessoa, serviço ou objeto mesmo. Não compro o industrial produtor de detergente, mas este me invade a casa, apregoando suas sublimidades, mal comprimo o botão da tv. E é ele, o detergente, que eu vejo, que experimento ou não experimento, mas cuja presença física se impõe, na imagem do vídeo. Assumo com ele relação direta, ocupa espaço em meu dia, vive em meu viver, pelo anúncio. Não distingo pois entre anúncio-gente e anúncio-coisa. E

não serei eu também coisa, entre coisas, todas necessitando documentar suas vidas coisas?

Então, não deixarei de anunciar-me em janeiro, fevereiro, março. Embolo os meses para tornar mais compacto o ano e, com ele, minha existência. Informarei a todos que tomo café pela manhã. Muito importante, tomar café pela manhã. Nem todos o fazem, não porque falte café, mas porque falta dinheiro para tomá-lo. O pão anda muito branco e sem gosto de pão, até sem forma de pão, sem aquele bico torrãozinho que dá tanto gosto trincar? Passarei a consumir acompanhamento mais sofisticado para o café da manhã. Meu status autoriza este privilégio. Lamento que outros patrícios não possam anunciar a mesma coisa.

Vou anunciar as sucessivas operações e fases do meu dia, que pode não ser o mais original do mundo — mas será necessário que os anúncios se mostrem sempre originais na essência, desde que o sejam razoavelmente na forma? Usarei meios originais para anunciar, por exemplo, que ando na rua. Muitos colegas ainda praticam este ato, na medida do possível. Chamarei a atenção para esta circunstância incomum: só ando nas calçadas do lado ímpar. Deixo as calçadas pares à multidão. A imparidade, já celebrada pelo poeta francês, dará a meu anúncio aquele toque de classe que me distinguirá dos demais anunciantes, pois eles costumam andar tanto do lado ímpar como do lado par, os vulgares.

Ao anunciar-me, gratifico-me: vivo e provo estar vivendo. O chuveiro fechado está pingando; é a maneira de anunciar que ele também existe. Procuro o bombeiro que se anuncia com o letreiro na bicicleta à porta do botequim, e ele me anuncia que cobra cinquenta cruzeiros pelo serviço. Pago e vingo-me anunciando-lhe que seu Imposto sobre Serviços aumentou vinte e cinco por cento. Ele se vinga de minha vingança lembrando-me que o meu Predial aumentou cinquenta e cinco por cento. Tudo é anúncio, bom ou mau, geralmente mau.

Anunciemos. Que remédio!

CANÇÃO DE TODOS OS CARNAVAIS

Ó raio, ó sol, suspende a lua! E abre alas que eu quero passar. Bravos pro velho que alarga a rua! Mas quem foi que inventou a mulata? Vem cá, mulata. Não vou lá não, sou democrata de coração. Ah é? Então me deixa subir nessa ladeira, eu sou do bloco do pega-na-chaleira...

Dengo, dengo, ó maninha! O Filomena! Se eu fosse como tu, vestia uma camisa listrada e saía pela aí. Mas, prefiro mandar fazer um terno de jaquetão para ver Carletto e Rocca na Detenção. O azar é que meu boi morreu, que será de mim? Mando buscar outro lá no Piauí?

Sabe que o Chefe de Polícia pelo telefone mandou me avisar que na Carioca tem uma roleta pra se jogar? Acontece que o galo de noite cantou, a baratinha bateu asas e voou, e a rolinha, sinhô, sinhô, se embarçou, ela que nunca sambou. Justo nessa hora a camélia inventa de cair do galho, dar dois suspiros e depois morrer!

Mamãe, eu levei bomba, mamãe, eu quero mamar! O rato roeu meu baú. Quero chorar, não tenho lágrimas. A estrela-d'alva no céu desponta com tamanho esplendor, e eu aqui, que já peguei um touro à unha lá na Catalunha, eu moro na filosofia: Pra que rimar amor e dor? Sei que vão acabar com esta praça Onze tão querida, do carnaval a própria vida, mas a malandragem eu não posso deixar. Vou sambar até cair no chão, e se ninguém se animar, quebro o meu tamborim!

Conheço o pedreiro Valdemar, o que era casado com Amélia, a mulher de verdade. Estava sempre apelando: "Patrão, o trem atrasou". Eu, não: implorar, só a Deus, e mesmo assim, às vezes, não sou atendido.

Olhe, se você for sambar em Madureira, eu também vou. A cuíca tá roncando, e eu quero ser o teu Adão, desde que você deixe essa mania do inglês e me leve um braço de cera pra Santa Padroeira, que eu prometi.

Abre, abre a janela, formosa mulher, e vem dizer adeus a quem te adora! Sei que é covardia um homem chorar por quem não lhe quer,

mas você, garota, é uma gostosura proibida pela censura. Ah, me segura, meu amor: ou você joga a chave, por favor, ou eu vou ter um troço!

Me diga uma coisa: qual é o pente que te penteia? Desta vez vamos — mas pra onde, morena? Você já viu barrigudo dançar? Não? Ele é gaúcho falsificado, cabra farrista? É dos carecas que elas gostam mais? Com que roupa, com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?

Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim.... e hoje a minha grande mágoa é lá em casa não ter água — e só na hora da sede é que procuras por mim. Enquanto isso, lá vai Maria, lata d'água na cabeça — que agonia! É isso aí: quem não tem seu sassarico, sassarica mesmo só. A Maria Candelária, que é alta funcionária já reclassificada, deixou cair a máscara da face. Se a radiopatrulha chegasse aí, hem? Chegou foi a turma do funil, e todo mundo bebe, mas o papai aqui vai pra Maracangalha, de uniforme branco. Se Anália não quiser ir comigo, paciência: fabrico o meu pandeiro de lata de goiabada ou de creolina, e levo meu violão de estimação.

Diz-que tem bububu no bobobó, mas ninguém balançou, ninguém mandou jenipapo maduro cair do galho. Por acaso precisei tirar diploma pra fazer meu samba? Esta mulata há muito tempo me provoca, e seu cabelo não nega. Só dando com uma pedra nela! Também, se a lua contasse tudo que vê, hem? Que buraco!

Pior é que o orvalho vem caindo, vai molhar o meu chapéu, e depois botam a culpa na pobre da serpente. Peguei no fubá, o fubá caiu; tornei a pegar, o fubá fugiu. Rezei com muita fé no espiritismo (acredito em Frei André). Isso de confete, pedacinho colorido de saudade, é como tererê: não resolve. Daí, que me importa que a mula manque, se o que eu quero é rosetar?

Onde é que estão os tamborins, ó nega? Viver somente de cartaz não chega. Guerreiei na juventude, e no fim desse labor surge outro compositor com o mesmo sangue na veia. Mas se ele te bate é porque gosta de ti; bater em quem não se gosta, eu nunca vi.

Estou prevenindo: quando eu morrer, não quero choro nem vela; quero uma fita amarela gravada com o nome dela. Peso é peso, braço

é braço. Pega no ganzê, pega no ganzá! E abre alas, que eu quero
passar. Não canto nada de novo? Onde há novo pra cantar?

EQUIPAMENTO ESCOLAR

— Pai! O material não tá completo não.

— O quê? Se eu já comprei livros, apostilas, cadernos, pasta, caixa de lápis de cor, lápis preto, esferográfica, borracha mole, borracha dura, régua, compasso, clipe, apontador, tudo novo, novinho, porque o material do ano passado está superado, como é que não está completo?

— Cê esqueceu do gravador.

— Esqueci nada, rapaz. Vi o gravador na lista e achei que era piada. Vocês gostam de brincar com a gente.

— Brincadeira tem hora, pai. Tou precisando de gravador.

— Verdade?

— Lógico. A turma toda vai de gravador, só eu que dou uma de palhaço?

— Nunca me constou que a característica do palhaço é não levar um gravador na mão.

— A tiracolo, pai, com alça. Tem um modelo japonês, levinho, muito bacana. Também se leva na sacola.

— Então você quer aparecer no colégio portando gravador porque está na moda, pois não?

— Cê não entendeu lhufas. Gravador faz parte do equipamento escolar moderno.

— Começo a perceber. O professor fala, você grava. Então vamos jogar na lixeira esses cadernos, esses lápis, essa parafernália inútil.

— Para... o quê?

— Fernália. Uma palavra que não existe mas que se aplica neste caso.

— Taí, dessa eu gostei. Como é que se escreve?

— Não interessa. Basta você gravar, quando tiver gravador. Até lá, me explique direito como é a aula com gravador.

— Seguinte. A gente liga, o professor começa o garganteio, a fita vai gravando e...

— E o quê?

— A gente pensa noutra coisa, né?

— Entendi. Não há necessidade de estar atento ao professor, porque o gravador presta atenção para você. Certo?

— Mais ou menos. O grilo é que a gente tem de prestar atenção no gravador da gente, senão de repente ele solta uma faixa de Billy Cohbam, e aí é uma zorra global, entende?

— Entendo. Billy Cohbam não é autor recomendando pelo Cesgranrio.

— Por isso não. É que numa hora dessas a turma ataca de Pink Floyd ou de Mahavishnu, e a aula acaba sem a gente escutar um som legal, de tanta zoeira.

— Então o uso do gravador na aula é muito inconveniente, filho. Baralha as músicas que vocês adoram. Preferível não levar gravador e deleitar-se com as músicas fora do colégio.

— Delei... o quê? Cês têm um papo esquisito. Mas eu saquei: cê não tá querendo comprar o gravador, e sem ele me passam pra trás.

— Não é isso. Queria que a aula de vocês fosse bem musical, e nem a voz de professor atrapalhasse, mas vejo que isto é impossível.

— Tou vendo. Mas olha aí. Mesmo com gravador, o material ainda tá faltando.

— Não me diga.

— Esqueci de botar na lista a minicalculadora. Faz uma falta desgramada na aula de Matemática. Beto já comprou a dele, Heleno também, Miquinha também.

— Pelo que vejo, o Brasil contará com grandes matemáticos no futuro.

— Tá debochando? Sem calculadora, como é que a gente vai calcular? Resolver um problema ouriçado?

— No meu tempo...

— Seu tempo já era. Não tinha calculadora, como é que cês iam precisar de calculadora?

— Talvez você tenha razão. Era um tempo muito mal equipado. Pior: nem equipado era.

— Viu? Gosto quando cê reconhece a verdade. Mas tem mais. Tá faltando o principal.

— Um helicóptero, imagino?

— Não. Um minicomputador. Tem aí um modelo escolar que é joia. Não pesa muito na mochila, é um barato, vou te contar. Sem minicomputador não posso aparecer no colégio, fico desmoralizado!

OS DIAS LINDOS

Não basta sentir a chegada dos dias lindos. É necessário proclamar: “Os dias ficaram lindos”.

Acontece em abril, nessa curva do mês que descamba para a segunda metade. Os boletins meteorológicos não se lembraram de anunciá-lo em linguagem especial. Nenhuma autoridade, munida de organismo publicitário, tirou partido do acontecimento. Discretos, silenciosos, chegaram os dias lindos.

E aboliram, sem providências drásticas, o estatuto do calor. A temperatura ficou amena, conduzindo à revisão do vestuário. Protege-se um tudo-nada o corpo, que vivia por aí exposto e suado, bufando contra os excessos da natureza. Sob esse mínimo de agasalho, a pele contente recebe a visita dos dias lindos.

A cor. Redescobrimos o azul correto, o azul azul, que há meses se despedaçara em manchas cinzentas no branco sujo do espaço. O azul reconstituiu-se na luz filtrada, decantada, que lava também os matizes empobrecidos das coisas naturais e das fabricadas. A cor é mais cor, na pureza deste ar que ousa desafiar os vapores, emanações e fuligens da era tecnológica. E o raio de sol benevolente, pousando no objeto, tem alguma coisa de carícia.

O ar. Ficou mais leve, ou nós é que nos tornamos menos pesadões, movendo-nos com desembaraço, quando, antes, andar era uma tarefa dividida entre o sacrifício e o tédio? Tornou-se quase voluptuoso andar pelo gosto de andar, captando os sinais inconfundíveis da presença dos dias lindos.

Foi certamente num dia como estes que Cecília Meireles escreveu: “A doçura maior da vida flui na luz do sol, quando se está em silêncio. Até os urubus são belos, no largo círculo dos dias sossegados”. Porque a primeira consequência da combinação de azul e leveza de ar é o sossego que baixa sobre nosso estoque de problemas. Eles não deixam de existir. Mas fica mais fácil carregá-los.

Então, é preciso fazer justiça aos dias lindos, oferecer-lhes nossa gratidão. Será egoísmo curti-los na moita, deixando de comentar com os amigos e até com desconhecidos, que por acaso ainda não perceberam o raro presente de abril: “Repare como o dia está lindo”. Não precisa botar ênfase na exclamação. Pode até fazê-la baixinho, como quem transmite boato e não deseja comprometer-se com a segurança nacional. Mesmo assim, a afirmação pega. Não só o dia fica mais lindo, como também o ouvinte, quem sabe se distraído ou de lenta percepção sensorial, ganha a chance de descobri-lo igualmente. Descobre e passa adiante a informação.

A reação em cadeia pode contribuir para amenizar um tanto o que eu chamo de desconcerto do mundo. De onde se conclui: deixar de lado, mesmo por instantes, o peso dos acontecimentos mundiais, trágicos, esmagadores, para degustar a finura da atmosfera e a limpidez das imagens recortadas na luz, é um passo dado para reduzir o desconcerto, na medida em que a boa disposição de espírito de cada um pode servir de prefácio, ou rascunho de prefácio, à pacificação, ou relativa pacificação, dos povos e seus dominadores. Em vez de alienação, portanto, o prazer dos dias lindos é terapia indireta.

Pode ser que o desconhecido lhe responda com um palavrão, desses em moda na sociedade mais fina. Não faz mal. Não se ofenda. Ele descarregou sobre a sua observação amical o azedume que ameaça corroê-lo no íntimo. Livre desse fel, talvez se habilite a olhar também para o céu e a descobrir mesmo certa beleza esvoaçante no urubu. De qualquer modo, foi avisado. Já sabe o que estava perdendo: a consciência de que certos dias de abril e maio são mais lindos do que os outros dias em geral, e nos integram num conjunto harmonioso, em que somos ao mesmo tempo ar, luz, suavidade e gente.

PRESENTE PARA A SENHORA

Percorro as listas de presentes possíveis para o Dia das Mães, e sinto a dificuldade do problema. Tanta coisa! Até parece que a mamãe, coitada, não tem objeto algum em casa, desprovida de geladeira, armários, lenços, liquidificador, porta-notas, tigelas de cerâmica, fogão, secador de cabelo, batas...

Não, mamãe tem geladeira sim, claro que tem. Não é desse eletrodoméstico fundamental que saem os refrigerantes, os cremes, as coisas gostosas que ela reservou para o paladar do filhinho? O filhinho hoje é executivo, mas sempre que vai visitar mamãe, sabe que ela guardou para ele um sorvete especial na caverna do congelador. É, mas a geladeira deve ter envelhecido mais depressa que mamãe. Não tem esses babados modelo 75, sugerido para presente a mães classe A.

— Filhinho, que exagero!

— Que nada, mãe, a senhora merece muito mais.

— Você devia ter deixado seu pai fazer essa despesa.

— Papai lhe deu um carro novo, não deu? Vi na calçada.

— Não. O carro eu ganhei do seu irmão Tavinho, que esteve aqui agora mesmo para me entregar as chaves.

— E papai, nada?

— Bom, seu pai me deu... O que foi mesmo que seu pai me deu? Ando com a cabeça tão distraída. Ah, sim, uma lancha de passeio.

— Se ele deu a lancha, não ia dar a geladeira.

— Ora, você sabe que seu pai vai casar com aquela loura de São Paulo, e tem procurado ser gentil comigo de todas as maneiras, enquanto não chega o divórcio.

O filhinho sai de queixo triste. Dera o presente mais insignificante. Ano que vem terá mais cuidado, consultará mais atentamente o rol de regalos. Dia das Mães provoca frustrações assim.

Se pensam que nas classes B e C a coisa é fácil, enganam-se. Pior. Mamãe ganhou tantos pares de meia que dava para abrir uma casa-

olga. Precisava ter recebido um ou dois pares de sapatos para usar aquele monte de meias, mas filho não sabe nunca o número do pé de mamãe. A nora, chamada a opinar, vai dizendo, de cabeça leve: 40. Ou 35. A mãe calça 37. Vai trocar na loja, a loja tem 37 daquele modelo? Pois sim. O excesso converte-se em carência. Poucas mães conseguem receber dos filhos o presente exato. A coleção de talcos que mamãe guardou no armário do banheiro, no armário do quarto e na mala, para dar de presente às amigas que fazem anos, tem origem no segundo domingo de maio. Mas o talco de sua predileção, esse ela tem de comprar na drogaria distante.

— Posso escolher meu presente do Dia das Mães, meu fofinho?

— Não, mãe. Perde a graça. Este ano, a senhora vai ver. Compro um barato.

— Barato? Admito que você compre uma lembrancinha barata, mas não diga isso a sua mãe. É fazer pouco de mim.

— Ih, mãe, a senhora está por fora mil anos. Não sabe que barato é o melhor que tem, é um barato!

— Deixe eu escolher, deixe...

— Mãe é ruim de escolha. Olha aquele blazer furado que a senhora me deu no Natal!

— Seu porcaria, tem coragem de dizer que sua mãe lhe deu um blazer furado?

— Viu? Não sabe nem o que é furado. Aquela cor já era, mãe, já era!

Pelo visto, todos damos presentes errados: os filhos às mães, as mães aos filhos. Maridos, namorados, idem. Sábia foi d. Lucrécia, que chamou os cinco filhos e comunicou-lhes:

— Não precisam tomar trabalho comigo. Nem fazer despesa. Fico muito grata a vocês pela intenção. Basta cada um me trazer um pacotinho de paz, ouviram?

— Onde a gente arranja isso, mãe?

— Sei lá. O melhor é não procurar muito. Tragam pacotinhos vazios. A paz deve estar lá dentro.

OUTRO PRESENTE PARA A SENHORA

— Mãe, *taqui* seus chocolates!

— Que chocolates, meu anjo?

— A senhora não sabe que, no Dia das Mães, dê chocolate pra ela? Comprei um pacotão divino-maravilhoso-fora-de-série, pra senhora. Tem bombons, *tablettes*, figurinhas, pastilhas, drágeas... Um negócio, mãe!

— Filhinho, eu não posso comer chocolate.

— Como não pode? É uma *curtição*. Todas as mães do Brasil, no Dia das Mães, vão saborear produtos achocolatados. Não precisa engolir tudo e duma vez, guarda pra semana toda, pro mês inteiro.

— Alfredinho, o médico me proibiu de comer chocolate.

— E daí? Esquece o médico. Não é Dia dos Médicos, é Dia das Mães, dia da senhora. Quando é que as mulheres vão se emancipar da tutela dos homens?

— E você não é homem, criatura? Você quer que eu seja independente comendo o chocolate que você faz questão de me dar?

— Fico triste com a senhora.

— Fique não, querido. Vamos fazer uma coisa. Dê esse pacote tão lindo pra sua namorada.

— A Georgiana? A Georgiana não é casada nem mãe solteira, como é que eu vou dar presente a ela no Dia das Mães. Pega mal.

— Toda namorada merece ganhar presentes em qualquer dia do ano.

— Não posso dar chocolates a Georgiana.

— Não pode por quê?

— Engorda.

— Ah, muito bonito. Então a Georgiana não pode engordar, e eu, que sou mãe do namorado dela, posso, né?

— Não é nada disso, mãe. Também não quero que a senhora engorde, mas se engordar, problema de papai.

— O problema é meu antes de mais ninguém, ouviu? Ou você não acha mais que a mulher deve resolver por si mesma o que lhe convém ou não convém?

— Mas chocolate, uma coisa à toa... Que importância tem isso?

— Tem importância pra Georgiana, tem importância pra você que não quer ver Georgiana barriguda por causa de chocolate, não tem importância pra mim, só porque no Dia das Mães usa oferecer chocolate à autora dos seus dias?

— Autora de quê? A senhora tá falando difícil, mãe. Até parece linguagem de vestibular. Deixa, não tem importância. Quer dizer que a senhora está mandando meu presente praquela parte.

— Alfredinho, não repita!

— Não disse nada de mal.

— Disse sem dizer. Não admito que você use essas expressões falando comigo.

— Que expressões? Desculpe. Não quis ofender a senhora, evidente. Estou só defendendo o chocolate, entende?

— Está bem.

— É muito alimentício.

— Eu sei.

— Numa dieta bem balanceada...

— Chega, Alfredinho, Não precisa falar em calorias. Quem não sabe que chocolate é bom e gostoso? Eu adoro chocolate, mas...

— Então pega o pacote.

— É uma tentação. Mas eu resisto.

— Eu ajudo a destruir o que tá aí dentro, mãe.

— Não.

— Prova só um chocolatezinho mais legal, com recheio de licor.

— Não.

— Unzinho só. Delícia.

— Nãããã. Leve pra Georgiana, já disse.

— Já vi tudo. A senhora quer ter uma nora de barrigona estufada de tanto comer chocolate, só pra ter o gosto de mostrar que a sogra dela é mais leve que manequim!

— Bandido, some da minha frente com essa porcaria, que eu não sou mais sua mãe!

DIA SANTO E FERIADO

— Madame não vai decretar feriado na quinta-feira? — sondou a empregada, em defesa dos direitos do proletariado urbano.

— Quem sou eu para decretar feriados, Zefa. Só o governo, que pode tudo, é quem tem poder para isso.

— Eu pensei que madame podia decretar um feriado particular. Dia de Corpus Christi, na minha terra ninguém trabalha.

E assim as donas de casa são convidadas a assumir um novo poder, o poder legislativo intramuros. Complementando a ação da Igreja, para transformar os dias santos em feriados. Como algumas recalcitram, alegando que os bebês tanto mudam fralda nos dias comuns como nos dias santos, e todos, adultos e curumins, necessitam comer e utilizar outros serviços domésticos, o Estado, benévolo, intervém e oficializa os dias santos da religião. Estabelecido legalmente o feriado, sob a forma veludosa de ponto facultativo nas repartições, já se sabe: o facultativo torna-se obrigatório e alastra-se por todos os ramos da atividade privada, desde o complexo industrial até o apartamento de madame.

Seja dito, em abono do gesto governamental, que ele tem raízes históricas. O governo português (não o de agora, o dos tempos de d. João Charuto) deu à festa de Corpus Christi status de celebração oficial. As corporações de ofícios eram intimadas a comparecer a uma procissão que reunia tropas, fidalgos e cavaleiros, e se desdobrava em danças e cantorias comemorativas, menos do dilacerado e ofendido corpo do Senhor que das vitórias lusitanas sobre os infiéis, isto é, sobre os ocupantes de terras longínquas a explorar em benefício da Coroa. São Jorge, instituído em símbolo imperialista, saía a cavalo pelas ruas, acompanhado de seu estado-maior. Nessa grande folia que exaltava as conquistas territoriais lusitanas e o poderio político de seus monarcas, a parte propriamente religiosa talvez não fosse muito relevante. Em 1504, alguém se lembrou de exaltar a caridade de são Martinho na

procissão de Corpus Christi, que abrangia um espetáculo teatral. Mas foi à última hora.

— Ei, chamem aí o Gil Vicente e encomendem-lhe depressa um auto de são Martinho para a Igreja das Caldas, onde estará presente nossa devota e sereníssima rainha d. Lianor!

O poeta, coitado, desobrigou-se como pôde da incumbência, fabricando uma pecinha rápida e desculpando-se:

— Não foi mais porque foi pedido muito tarde.

No Brasil, República sem religião de Estado (não é o que consta dos papéis magnos?), sem presas coloniais a preservar a glorificar em Ásia e África, sem poetas e dançarinos do Paço, uma procissão desse calibre paira no inconcebível. De resto, onde mais se poderia concebê-la?

Sendo assim, não cabe o feriado que os governantes se julguem habilitados a conceder às milícias civis daspianas e, por extensão, a povos e povas em geral deste amado país. É hora de trabalhar, minha gente, para fazer com que a Pátria cumpra seus altos e pacíficos destinos, pois não? Quem for de guardar dia santo, é claro, continue guardando este como os demais. Mas será que meio por cento da população brasileira guarda realmente dias santos?

Eis que madame (a do princípio) procura negociar com sua piedosa cozinheira:

— Vamos fazer o seguinte, Zefa, para conciliar nossos interesses igualmente respeitáveis. Você prepara o almoço mais cedo, a gente almoça mais cedo, você sai depois para acompanhar a procissão. Quando ela acabar, você volta para servir uma sopinha à vovó, tá legal?

— Ah, madame, eu não posso acompanhar a procissão, me dispensa disto, por favor. Minha ideia nesse dia santo é curtir com o Astrojildes um programinha em Cabo Frio!

TANAJURA COMO ALIMENTO

Chuvinha boba, essa de outubro, sem voo de tanajura. Olho para o céu, e nem sinal da festa que é tanajura voando e molecada a persegui-la. Soube que em São Paulo, interior, ainda se pode apanhar boa safra de içás nesta época do ano, até dezembro; e que na Bahia uns garotos se deram mal porque andaram comendo tanajuras intoxicadas por inseticida. Mas aqui no Rio, nada. Esse alimento voante, que a natureza dá aos pobres e também aos gourmets, falta ao cardápio carioca.

No interior mineiro, nos longes da minha lembrança, a caça à tanajura era prazer adicional ao prazer de andar descalço debaixo de chuva. Praticava-se o esporte com alguma crueldade, mas afinal tanajura é bicho ruim, ao virar saúva. Arrancar as asas do inseto, antes que ele as perdesse espontaneamente, fazia parte do rito. A gente corria, e ria, e fazia aposta sobre quem pegava maior número de tanajuras. Pés enlameados e alma alegre, alguns ainda curtiavam uma terceira satisfação: a de comer, torrada, a massa branca dos ovos, que identificávamos com o popô da tanajura.

Que nojo! Os mais delicados, ou menos primitivos, faziam careta. Mas bem que desejavam provar “aquela porcaria”. Receita de pessoa entendida: Colocam-se as tanajuras numa cabaça, tiram-se-lhes as pernas, fritam-se em banha ou moqueiam-se. Servem-se com molho de tucupi bem apimentado. Não temos à mão o tucupi? De qualquer modo, assada, frita, convertida em paçoca, a tanajura cumpre a missão de aplacar, na medida de suas possibilidades, a imensa fome do mundo.

Os humildes sabem disso, e disputam esta comida dos pássaros. Não é à toa que professores de escolas rurais dispensam de aula seus alunos mandando que eles saiam a pegar tanajura: procura-se evitar a praga dos formigueiros e garante-se a difícil merenda escolar, que o Estado, alegando falta de recursos, não oferece. Os que fizerem maior colheita serão distinguidos, senão com prêmios materiais,

pelo menos com louvores. Ganharam o essencial, que é a barriguinha da içá, comida do ar.

*Tanajura, cai, cai,
pela vida de teu pai!*

O apelo indica a precisão urgente de estômagos vazios; estômagos a que apeteceria um gafanhoto, uma larva de besouro, uma barata-d'água, pois tudo no mundo se papa, e a Bíblia confirma esta verdade tão antiga quanto o homem.

A tanajura devoradora, ou içá, se preferem este nome, nasceu para devorar, mas é principalmente devorada. O pássaro, o homem e o tatu, este na fase subterrânea, empenham-se em comê-la, e pouquíssimas escapam a essa guerra em três frentes. De cada seis mil colônias fundadas pelas que venceram tais inimigos, só três conseguem expandir-se regularmente, segundo leio na enciclopédia de mestre Houaiss, que observa: “Se todas as içás sobrevivessem, já teriam acabado com o Brasil”. Mas as que escapam são suficientes para aumentar a dor de cabeça brasileira. E vingam exemplarmente as colegas mortas. Em temibilidade, podem bem comparar-se a outros agentes maléficos que é preciso combater sempre, embora geralmente não se saiba como fazê-lo.

O Clóvis, garoto de minha infância, contou-me um dia, ainda apavorado, que tivera um sonho terrível: caíra um toró, e quando a chuva amainou, ele foi correndo atrás de tanajuras; pegou a maior e ia arrancar-lhe as asas, mas o bichinho foi se avolumando, avolumando, ficou maior do que o Clóvis. Aí, lutaram desesperadamente, e a tanajura gigante arrancou os braços do menino, anunciando-lhe que ia transformá-lo em paçoca e servi-lo às amigas, no formigueiro. Clóvis protestou que isso não se faz; era católico, filho de boa família, onde é que já se viu? A tanajurona fez-se de desentendida e arrastou o menino para a panela das saúvas, onde já estava preparado um grande fogo culinário. Todas as içás eram gigantes e esfregavam as pernas, prelibando o festim. Clóvis ia começar a ser fritado, quando acordou. “Nunca mais como popô de tanajura”, garantiu-me. Não sei se cumpriu o juramento. Não desejo a ninguém pesadelo de tanajura.

E já que até as tanajuras estão poluídas, como se viu na Bahia, o melhor é a gente se abster deste prato.

COSME E DAMIÃO:

O SENSO DA FRATERNIDADE

Hoje é dia de camarão seco e pimenta-do-reino, dia de milho branco, feijão-fradinho, pipoca e farofa. E também de tudo quanto é doce e gulodice. Principalmente de caruru-dos-meninos, a ser comido em algazarra, com o pensamento votivo endereçado a dois meninos grandes, dois ilustríssimos médicos. Pois são Cosme e são Damião não foram outra coisa senão médicos totais, do corpo e da alma. Isso de transplante de peças do corpo humano, para eles não tinha novidade. Há cerca de mil e setecentos anos, encaixaram a perna de um defunto no corpo de um homem que perdera a sua. Mas sobretudo foram médicos do espírito, com serem irmãos e praticarem o conceito de irmandade geral dos homens.

Os dois-dois reconciliam o povo com as profissões liberais. Mostram que a separação de classes é um artifício odioso, pois doutores e pés-rapados podem entender-se no comum território do amor. Honra a esses doutores presumivelmente árabes, que se diziam anargiros, isto é, inimigos da prata. Não lhes ocorreria fazer comércio com a exploração de casas de saúde, em que às vezes o doente se restabelece da enfermidade e morre da conta. Nem lutariam por majoração de salários e reclassificação daspiana, como a necessidade obriga a uma parcela de seus colegas de hoje.

É verdade que os tempos mudaram, do século III para cá. O imperador Diocleciano, que os mandou lapidar, queimar e degolar, chama-se hoje fisco, obrigações sociais, vida cara, cuidados vis e vários, e cada médico tem de enfrentar seus próprios males, antes de curar os do próximo. Sucede que um dos males maiores é a solidão da alma, que Cosme e Damião não conheceram, por serem um em dois, dois em um. Se Cosme fraquejasse, Damião havia de ampará-lo; a tibieza eventual de Damião encontraria corretivo na energia de Cosme. Neste fim de século, que gosta de se apresentar como fim de

tudo, cada um de nós, doutor ou doente, mal consegue ser meio Cosme, ou a metade de Damião, tão reduzida se torna a personalidade humana, pela socialização da medicina e das próprias doenças. Graças a Deus, considero-me doente privilegiado, pelo santo voltairiano (combinação rara) que me assiste ao longo da vida, mas quantos milhões de pessoas, no Brasil, vivem à margem de assistência médica?

Perdemos, principalmente os mais qualificados, o senso da geminidade, se assim me posso exprimir. O povo é que ainda o conserva espontaneamente, no sentimento inato de companheirismo, e o revela ao nomear os dois mártires, fundindo-os no mesmo símbolo e num só adjetivo: são-Cosme-e-Damião, em vez de são Cosme e são Damião. É uma santidade em comum, como a vida que viveram, a água e o fogo que partilharam, e a morte que dividiram irrmãmente, não os dois, mas os cinco filhos da viúva Teodora.

Os gêmeos são hoje motivo de foto e manchete nos jornais, a partir de cinco. Adquirem a condição de fenômenos, mas quase ninguém repara que podemos nos tornar gêmeos se assim não tivermos nascido, e que a capacidade que tem o ser humano de adicionar-se a outros seria praticamente infinita, se não cultivássemos, por vício de educação e organização social, uma espécie de nacionalismo moral, tão pernicioso quanto o nacionalismo político-isolacionista. Cosme e Damião, nascendo juntos, juntos viveram e morreram. Não satisfeitos com isso, juntaram-se aos homens e mulheres nascidos antes e depois deles, e a todos consideravam gêmeos, isto é, identificados na mesma sorte, que é a da espécie.

A tão sublime doideira, os poderes constituídos responderam com providências enérgicas, lançando os gêmeos do alto de um penedo, ou no interior da fornalha (há duas versões). Como Cosme e Damião, ainda assim, teimassem em ser irmãos de todo mundo, cortaram-lhes as cabeças, ia dizer, a cabeça.

Isso não prova nada. Não é a cabeça que torna os homens gêmeos. Nem a coincidência fisiológica. O morador do Andaraí, prosternado diante da dupla imagem que forma um santo só, bem sabe disso. Em Iguaçu, os fiéis da igreja mais velha do Brasil (será mesmo a mais

velha? é secundário) também sabem. E em cada terreiro, entre cantos e bailes, e nas ruas onde corre a garotada, um pouco desse sentimento de geminação de todos os seres perdura intato, em meio a flores, a vitualhas, e ao africano e comovido coral.

ELEGIA DO GUANDU

E se reverenciássemos neste 2 de novembro os mortos do Guandu, que descem a correnteza, a caminho do mar — o mar que eles não alcançam, pois encalham na areia das margens, e urubus os devoram?

Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos. Estes não são amados de ninguém, ou o são de mínima gente. Seus corpos, não há quem os reclame, de medo ou seja lá pelo que for.

Se algum deles tem sorte de derivar pela restinga da Marambaia e ali é recolhido por pescadores — ah, peixe menos desejado — ganha sepultura anônima, que a piedade dos humildes providencia. Mas não é prudente pescar mortos do Guandu: há sempre a perspectiva de interrogatórios que fazem perder o dia de trabalho, às vezes mais do que isso: a liberdade, que se confisca aos suspeitos e aos que explicam mal suas pescarias macabras.

São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados? Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores ou estes sinais: mãos amarradas, amarrado de vários corpos, pesos amarrados aos pés. Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d'água, mas os que vêm boiando e fluindo, fluindo e boiando, em sonho aquático deslizante, estes desesperaram da vida, ou a vida lhes faltou de surpresa?

Os mortos vão passando, procissão falhada. Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante. É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí, assistentes ribeirinhos de novela de espaçados capítulos. Ver e não contar. Ver e guardar para conversas íntimas:

— Ontem, na tintura da madrugada, passaram três *garrafinhas*. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...

Garrafinhas chamam-se eles, os trucidados com chumbo aos pés, e não mais como ficou escrito em livros de cartório. O *garrafinha* no 1 não é diferente do *garrafinha* no 2 ou 3. Foram todos nivelados pelo Guandu. Como frascos vazios, de pequeno porte e nenhuma importância, lá vão rio abaixo, Nova Iguaçu abaixo, rumo do esquecimento das garrafas e dos crimes que cometeram ou não cometeram, ou dos crimes que neles foram cometidos.

Os outros lá vão também, os *canoas de urubu*, afogados de superfície, por vontade própria ou do fado. Jantar-em-movimento das aves, na mesa posta do rio. O Guandu leva tudo, com a regularidade de empresa que se especializou no ramo. Leva os *canoas* e leva os ossos dos *canoas*, se os urubus trabalharam bem, bicando todo o banquete.

Mas o vento gosta de caçar nas águas, e o *garrafinha* ou o *canoa* que devia aportar em Sepetiba segue no rumo de ilhas incertas, Flecheira ou Bandolim, perde-se no redemoinho das correntes, nas indefinições do litoral, tão indefinido ele próprio, corpo, que já não é possível saber quem morreu e quem matou, quem expiou a culpa, quem foi sacrificado ao acaso ou por engano.

O Guandu não responde a inquéritos nem a repórteres. Não distingue, carrega. Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta. Em sua impessoalidade serve a desígnios vários, favorece a vida que quer se desembaraçar da morte, facilita a morte que quer se libertar da vida. Pela justiça sumária, pelo absurdo, pelo desespero.

Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos. Os criminosos, os não criminosos, os que se destruíram, os que resvalaram. Mortos sem sepultura e sem lembrança. Trágicos e apagados deslizantes na correnteza. Passageiros do Guandu, apenas e afinal.

O CRIME DE FÁTIMA

A notícia de que Papai Noel assassinara uma criança no bairro de Fátima correu célere pela cidade, primeiro no noticiário de uma emissora de rádio, em seguida pela televisão. A vítima ainda não fora identificada, e o criminoso desaparecera. O informativo da tv filmou cenas de ajuntamento popular na praça Presidente Aguirre Cerda, onde a multidão se mostrava presa de emoção incontrolada. Mulheres caíam em pranto ao serem entrevistadas, outras desmaiavam. As que conseguiam dizer alguma coisa reclamavam pena de morte para o matador. O locutor escusou-se de apresentar um flagrante da criancinha degolada (pois fora esta a maneira escolhida para o sacrifício), alegando não querer ferir a sensibilidade geral.

Uma dúvida, entretanto, permanecia no ar, e os comentários em torno do drama só contribuía para aumentá-la. O noticiário falava em criança, mas sem indicar-lhe o sexo. Supunha-se que fosse menina, o que de certo modo tornava ainda mais cruel o atentado, pela ternura maior que merecem as garotas. Moradores do bairro, porém, afiançavam tratar-se de um garoto de sete ou oito anos, sem pai nem mãe, que perambulava habitualmente pela rua Riachuelo, vendendo drops, e já fora duas vezes recolhido pela Funabem, evadindo-se para voltar à sua pobreza livre.

O ponto em que todos se detinham mais intrigados, cada um aventurando hipóteses que seriam logo refutadas pelo interlocutor, era o motivo obscuro de um ato de tamanha selvageria. Por que Papai Noel matara o menino(a)? Devia ser um louco vestido de Papai Noel, não o bom velhinho em pessoa. Quando muito, se fosse o próprio, ocorrera em sua mente súbito e terrível desequilíbrio, que o levara a imolar justamente um ser a quem deveria manifestar carinho oferecendo-lhe brinquedos ou presentes mais úteis pelo Natal.

Era inconcebível um homicida usando a falsa identidade de um dos homens que melhor simbolizam o amor na quadra que vivemos, sendo o mais puro deles: aquele que dá sem intenção de receber, o que pensa tanto nos privilegiados como nos humildes, dando porém preferência a estes. Mas a realidade não podia ser omitida: havia uma criança com a cabeça decepada, e quem a degolara não fora outro senão Papai Noel. Na mão direita do pequeno cadáver, fechada em esforço derradeiro de luta com o agressor, alguém vira, amarrotado, o capuz vermelho inconfundível, que ninguém tem direito de usar, salvo o citado ancião. A corroborar a prova, a mão esquerda apertava fios de barba nevada, arrancados no desenrolar do tremendo corpo a corpo entre a inocência e a ferocidade.

Comandos populares saíram à rua, no encalço de Papai Noel, enquanto a polícia detinha quatrocentos e vinte e oito suspeitos, entre homens e mulheres, que, interrogados, nada sabiam dizer ou confessavam outros delitos. Nenhum deles era o autor do crime de Fátima. Os populares entraram em choque com as caravanas policiais e por sua vez foram recolhidos a camburões, com destino ao depósito de presos, onde passaram o Natal. E nada de Papai Noel aparecer.

Informantes deram conta de que ele se refugiara em Brás de Pina; outros viram-no galgar o Morro da Catacumba, disparando a pistola; terceiros juraram ter presenciado seu suicídio na Lagoa Rodrigo de Freitas, onde o corpo seria facilmente pescado.

Mães de família, na praça, continuavam a exigir punição exemplar para o bárbaro degolador, até que um senhor de idade madura fez ouvir uma palavra serena. Antes de mais nada — ponderou — era necessário cuidar do sepultamento condigno da vítima, cordeiro imolado à sanha de um poder misterioso. Concordaram todos, mulheres e homens, dirigindo-se para onde estava o corpo. Mas o corpo também havia desaparecido, ou, por outra, não se apurou exatamente o local onde deveria estar. Quadra por quadra, esquadrinhou-se todo o bairro, sem que se encontrasse sombra de menino(a). Apareceu foi uma cabeça sem corpo, e era de uma boneca.

Exclamações brotaram de todos os lábios. Evidentemente, o corpo fora levado para uma região superior e, alcandorando-se, ficaria para sempre isento de corrupção. A cabeça sangrenta, por seu lado, convertera-se em belo rosto de acrílico, limpo de qualquer mácula, e passaria a dar testemunho do fim de um mito moderno, a bondade humana de Papai Noel. Este, certamente, cansara-se de representar seu falso papel, e, pelo holocausto da criança, encerrara o ciclo terrestre. Era um crime gratuito e, ao mesmo tempo, cheio de significado místico. Pelo que todos se recolheram às suas casas, metade dos detidos foi solta, o informativo das emissoras não se ocupou mais do assunto, e a paz reinou (reinou?) sobre o Ano-Novo.

AH, COMO A VIDA É BUROCRÁTICA!

Ah! que la Vie est quotidienne...

JULES LAFORGUE

EU, VOCÊ, ELE: NÚMEROS

Eu sabia, eu tinha certeza que ia dar nisso. Tanto mexeram comigo, tanto me levaram a cartórios, repartições policiais e fiscais, me interrogaram, me fotografaram, me lambuzaram a mão de tinta para descobrir possíveis segredos que eu escondesse na ponta do dedão, me inventariaram, me catalogaram, me ficharam, me deram cartões, me mandaram embora, me chamaram de novo e de novo me perguntaram coisas, me deram outros cartões e mais outros e outros mais, com letras e números diferentes, me reclamaram a devolução de uns, a cópia de outros, estabelecendo prazos para a validade de determinados cartões, promovendo a multiplicação geral pela edição de cartões reproduzindo cartões... Tanto fizeram, desfizeram e refizeram em torno de minha pobre pessoa, que ninguém mais me conhecia direito. Nem eu mesmo. Muito menos os que me davam cartões. Ah, eu sabia que isso ia acontecer.

— O senhor não é o senhor mesmo. Pelo menos, o senhor não pode provar que o senhor é o senhor. O senhor é um ente confuso, tão baralhado que ninguém será capaz de dizer ao certo se o senhor já morreu ou está para nascer; se é duplo, triplo, ou múltiplo, como aliás são hoje em dia as obras de arte. Só que o senhor não é uma obra de arte, isso está se vendo. O senhor é uma incógnita, um pseudônimo, um problema de palavras cruzadas para veteranos, uma acumulação de dúvidas, talvez mesmo uma inexistência passando por existente. Nesse último caso, talvez o senhor se tenha aproveitado maliciosamente da multiplicidade de nossos registros, e sem dúvida cometeu atos delituosos, valendo-se de uma identidade conflitante...

— Perdão, mas...

— Cale-se. Até prova em contrário, o senhor pode ser um criminoso. Aliás, feita a ressalva, todos podem ser criminosos. O senhor está preso.

Preso estou, senão fisicamente (por enquanto), em perspectiva. Todos os cartões ameaçam cair por terra, como armação de baralho, e isso não me restitui a individualidade, pois vem aí, para substituí-los, o cartão único, cheio de perfurações, que, do primeiro vagido ao último estertor, tomará conta de meus passos, atos e gestos. Esse cartão, bolado pelo Ministério da Justiça, me confere um número de nascença, espécie de batismo civil, oficiado pelo Registro Nacional de Pessoas Naturais, aliás Numéricas. Pouco importa meus pais decidam que me chamarei Carlos ou João Brandão. Serei fundamentalmente um número. E por via desse número minha vida será um quintal ou uma gaveta aberta à contínua vigilância do Estado. Perfuração a perfuração, furinho a furinho, o computador oficial irá anotando o que faço e o que tento fazer: memória implacável de uma existência-número. Poderei espirrar ou comprar fósforos sem exhibir esse número? Andar na rua, se perder meu cartão e a lembrança de meus algarismos? Tentar qualquer combinação numeral com alguém, se o Registro achar que isso bole com a integridade do sistema numerológico?

Haverá o número Presidente da República, e ele não será mais independente ou particularizado que o número Diretor do Registro, que o espiará no banho: todos os números são iguais, acima da física. Sendo assim, voltará, mais inextricável, a confusão que se busca emendar. Partiremos talvez para a retificação do sistema; a hierarquia dos números, a partir do número Inspetor de Quarteirão até o Supernúmero, ou este já existe como poder abstrato e absoluto, a regular pensamentos, palavras e obras do vivente? É possível que o Poder já não esteja em mãos dos homens: eles supõem controlar a maquinaria sofisticada, mas são as engenhocas eletrônicas que programam e descaracterizam nosso destino. O Estado moderno supõe-se forte porque dispõe de instrumentária requintada, através da qual vigia o fazer e o pensar dos cidadãos, mas ele próprio se escraviza aos meios de vigiar, e fica na dependência do bom comportamento do material utilizado.

Esperança? É que as engenhocas pifem e os números se embaralhem tanto que acabe a confiança neles. Então voltaríamos (será?) ao estado, não sei se pré-selvático ou pré-adâmico, de

substância humana em ser, e a ser modelada por um deus mais amigável. Sou um número delirante, desculpem.

A DEPENDENTE

Indo ao banco receber seus proventos de aposentadoria (por que proventos, se provento é lucro, e que lucro há na magra aposentadoria?), recebeu, com o contracheque, esta convocação do Subsetor de Pagamento do Pessoal, do Serviço de Atividades Auxiliares, da Delegacia Regional do Ministério, no ex-Estado da Guanabara-DR-3.

Solicito seu comparecimento urgente na Delegacia Regional-DR-3, no horário de 11 h às 16h30m, com a finalidade de receber formulário para devolução no prazo de 30 dias, que implicará na suspensão de pagamento de proventos, conforme ofício circular 001/75, da Secretaria de Apoio Administrativo, deste Ministério.

Homem prudente, leu, matutou, decidiu:

— Eu é que lá não vou, e o Subsetor fez bem em me prevenir. Pois se a devolução do formulário implica em suspensão de pagamento, pra que iria eu devolvê-lo? E se não vou devolvê-lo, pra que iria apanhá-lo? Além do mais, me causa implicância essa regência de “implicar em”.

Depois, chegando em casa, tornou a ler o aviso e entendeu-o pelo avesso, que devia ser o certo: a não devolução do formulário é que implicará suspensão de pagamento dos proventos. Não estava claro, mas o escuro é aquele túnel que a gente tem de atravessar para atingir a claridade.

Foi à Delegacia Regional. Lá recebeu o formulário, que consistia em requerimento a outra Delegacia, a de Polícia. Tratava-se de provar que seus dependentes estão vivos e dependem, para subsistir, dos recursos econômicos fornecidos por ele, aposentado.

O formulário previa tudo, inclusive declaração de duas testemunhas identificadas por suas profissões e residências, em abono do requerente: “Declaramos, sob as penas da lei, que conhecemos o requerente e seus dependentes, sendo verdadeiros os fatos acima alegados”. De posse desses dados, o Delegado de Polícia comunicaria ao Delegado Regional do Ministério que tudo era

verdade, e para isto o formulário minutava os termos da comunicação.

Por que tanto interesse em saber de seus dependentes, aliás um só, a esposa? Dar-se-ia o caso (hipótese inefável) de estar o Ministério empenhado em corrigir a injustiça social que pesa no Brasil sobre a condição uxória, posta sob a dependência do marido? Pretendia dar-lhe pensão gorda, que a libertasse do jugo desse tirano medieval, o esposo brasileiro? Assim avança o feminismo no mundo, e devemos bater-lhe palmas.

Correu a dois cidadãos probos e pediu-lhes que atestassem a verdade da situação presente. Atestaram. Em seguida, mandou-se para o Distrito Policial do bairro, onde o relações-públicas de plantão lhe cortou as asas:

— Nada feito, meu amigo. O dr. Delegado não pode atestar que uma pessoa vive na dependência econômica de outra. Como é que ele vai saber? Pode atestar apenas que ela está viva, se o senhor trouxer declaração do síndico do edifício. Caso o senhor more em edifício, é lógico.

— Mas a Delegacia do Ministério...

— A Delegacia do Ministério não pode ditar os termos de um atestado policial, entende?

Saiu meio circuncisfláutico, mas o síndico, aliás uma síndica gentil, não teve dúvida em atestar que d. fulana etc. só vive mesmo porque o marido lhe paga as contas — embora casada em regime de comunhão de bens, como se usava *in illo tempore*.

Jogado fora o formulário impróprio, e devidamente sacramentado o novo documento, voltou à Delegacia ministerial com uma declaração perfeita, garantida por três assinaturas irretorquíveis: a sua, a da síndica gentil e a do Delegado de Polícia.

— Tudo legal, agora?

— É, vamos examinar — respondeu o funcionário. — Se estiver legal, não só o senhor não perderá os seus proventos, como também não cortaremos o salário-família de quarenta cruzeiros mensais por um dependente, que o senhor vinha recebendo em confiança.

O NOVO DIÁRIO OFICIAL

João Brandão gosta de ser informado sobre os negócios públicos, as leis e subleis que se editam continuamente, no país, mas não lê o *Diário Oficial*. Para quê? diz ele. Todos os diplomas legais estão afixados na banca do jornaleiro da esquina. A banca é o melhor diário oficial: anuncia o documento em cartaz e vende-o em folheto, quentinho, na hora. A lei entra pelos olhos da cara do transeunte. Não se pode mais ignorar-lhe a existência. Como o bilhete de loteria, o disco ruidoso de rock, a buzina do carro, ela penetra em nossa vida cotidiana. Está na rua.

Seguindo a orientação do meu amigo e colaborador, passei a ler com mais atenção as bancas de jornais e revistas, e muito venho me ilustrando sobre o andamento da Nação. Não há lei nova que me escape. Noto que a população, em geral, faz o mesmo.

Aquela senhora balzaquiana, ligeiramente nervosa, pediu ao jornaleiro:

— Me dá aí os novos direitos da companheira.

Ele estendeu-lhe o folheto.

— Esse traz os novos direitos da companheira e da mulher casada. Eu quero só os da companheira. A mulher casada já tem todos os direitos, ainda quer outros novos? Gananciosa!

Já o professor, indaga, assustado:

— Que é isso? Então saiu “A Nova Ortografia Oficial”? A última já não servia mais, ou esta nova que o senhor tem aí é só para os atos oficiais?

O jornaleiro, já se vê, não é obrigado a responder a perguntas desta natureza. Ele expõe, simplesmente. Se a lei é realmente nova, ou se o editor lhe dá o adjetivo na capa do folheto, ou ainda se o folheto e a lei são do ano passado ou atrasado, isso não é problema do expositor da lei. Assim, não se assustem (não se assustem demasiado) em face de títulos como estes:

NOVA LEI DE SEGURANÇA NACIONAL.

NOVA CONSTITUIÇÃO DO BRASIL.

São as conhecidas e experimentadas, ainda não aconteceu nada de novo neste mês, em matéria de legislação. De aplicação, é possível. Mas parece, a julgar pela mercadoria oferecida nas bancas, que se fazem leis para consumo anual, leis passageiras. É o que se conclui desta capa esclarecedora:

NOVA LEI DO INQUILINATO PARA 1975.

— Quando é que sai a de 1976? — pergunta um inquilino precavido, que vê o ano já a galope no segundo semestre.

A continuar assim, como fazer daqui por diante as leis de consolidação das leis, se estas não se deixam consolidar, florescem e murcham em doze meses? Consolidação do FGTS, consolidação das leis do trabalho, consolidação das leis sobre direito autoral, consolidação das leis de duplicatas, promissórias e letras de câmbio: todas a meu alcance, penduradas ao vento, sugerem-me um palpite: Por que não fazer a consolidação das consolidações? A isto o jornalista reage:

— Não dá. A banca desabava com o peso do volume.

— Mas as leis espalhadas como estão não pesam muito mais?

— E quem disse que nós vendemos todas as leis em vigor? Fazemos uma seleção, como os livreiros. Tanto assim que decretos e portarias não entram aqui de jeito nenhum, como dizem que nas livrarias não entram os livros de versos.

Mas é o *Diário Oficial* perfeito — refleti, concordando com a ideia de João Brandão. Suprima-se, por economia, o massudo tabloide que dá conta das medidas governamentais com uma prolixidade que enfada, e institua-se o preceito: *Esta lei entrará em vigor ao ser pendurada nas bancas de jornais e revistas do país.*

Com a vantagem: o novo do tem um suplemento variadíssimo, de publicações amenas ou sérias, inclusive o Catecismo de Umbanda, que também é lei para muita gente.

O SABOR DA LARANJA

A Lei dos Sucos não me pegou de surpresa. Primeiro, porque não sou produtor de sucos. Segundo, porque não sou amador de sucos engarrafados. Se me apetece provar o sabor de uma laranja, vou à laranja e não à lanchonete da esquina. E a Lei dos Sucos não atinge a laranja, mas um produto que tem, ao que parece, apenas 6,4% de espírito da laranja, uma discreta, diluída, quase imponderável memória laranjal.

Bebe-se isso com a sensação de estar bebendo o melhor da laranja? Bebe-se. A alma da laranja, e de qualquer fruta ou coisa, é afinal a representação mental dessa coisa, a sua abstração, que permite a uma pessoa fruí-la sem possuí-la. Neste sentido, a Lei dos Sucos é cruel: determina que suco de laranja seja exatamente suco de laranja, e não um composto químico ilusório, a que se associou a ideia áurea de laranja e seu respectivo gosto, igualmente ideal.

A lei fulmina a imaginação, proibindo que o consumidor cultive intelectualmente uma ideia que lhe é cara, a saber, a existência de laranja na inexistência da laranja. Os produtores de laranja, uva, caju etc. exultarão com a faixa aberta ao consumo industrial dessas frutas, mas de que viverão, pergunto, os não produtores de laranja, uva, caju etc., que alimentavam na população o exercício do faz de conta?

Fazer de conta é a maneira mais sábia que se inventou para todos irem vivendo, e até os que materialmente não precisam de tal recurso lançam mão dele. O suco mendaz de frutas, ideias, princípios, verdade etc. é consumido com prazer, sem discriminação de classes. Não se elaborou ainda uma lei para exigir que toda postulação de verdade contenha obrigatoriamente a verdade inteira, e não uma leve tintura, traço infinitesimal dela, colorido a poder de anilina retórica.

O que me impressiona é ainda existirem no mundo, até no carrinho do fruteiro estacionado na minha rua, autênticas mangas, figos legítimos, bananas incontestáveis, sapotis reais, jacas

indiscutíveis, e uma porção de outras espécies comestíveis naturais que, sem a menor dúvida, são mesmo naturais. O próprio fruteiro, até prova em contrário, não é criação da Burroughs ou da IBM. Se essas frutas colhidas no pé nem sempre guardam sabor original, lembrando às vezes os sucos de laboratório que o imitam (curioso como o artificial, tomando as rédeas do natural, fica mais natural do que ele), não se deve botar a culpa inteira em nossos amigos japoneses e seus cruzamentos engenhosos, que fazem o caqui gigante ter gosto de tomate. É talvez a própria natureza que resolveu ficar *à la page*, imitando suas imitações. Como o processo está em começo, as frutas ainda guardam certo pudor, parecem-se consigo mesmas; são elas mesmas ainda por algum tempo. Daí o meu assombro ao contemplar a forma rechonchuda e alegre de uma tangerina (“mexeriqueira”, como a chamava o meu querido Emílio Moura): A tangerina ainda existe como tangerina? Ou será uma cumbuca de acrílico destinada a provar que acrílico também tem gosto de tangerina até certo ponto? Foi fabricada por um artista jovem, para figurar em alguma Bienal por aí? Ah, como é difícil, como é impossível saber hoje ao certo se uma coisa é uma coisa ou a imagem dela! Daí, tanto faz. Ou antes, a diferença que faz é que a coisa em estado natural nos parece pelo menos equívoca, para não dizer suspeita. A laranja no galho, sabe lá que armadilha nos prepara? *Chassez l'artificiel, il revient au galop*. Esta citação já é uma falsificação, desculpem. Ou antes, aplaudam-me.

Resta o prazer, meio clandestino, de curtir o natural lá de longe em longe, como exceção. Dessas coisas, como o vinho, que não pode ser consumido esvaziando-se o copo de uma vez, nem de duas. Sensações especiais, como aquela de que nos fala Vera Brant em sua novela *A ciclotímica*:

Outra sensação boa é colocar o despertador para as quatro horas da manhã, acordar apavorada e depois saber que ainda posso dormir. Tenho vários truques. Quem vive só a realidade não sabe o que está perdendo.

É mesmo.

POLUIÇÃO SOB CONTROLE

— Já pagou sua taxa mensal de poluição?

— Como é que eu podia pagar, se a minha indústria não me dá folga nem para resolver problemas de logomania, quanto mais para tomar conhecimento de tudo quanto é taxa nova que brota por aí?

— Então, se ainda não pagou, como se atreve a poluir dessa maneira o meio ambiente de São Cristóvão?

— Quer dizer que...

— Isso mesmo. Pague primeiro para poluir depois.

Este diálogo está aí antes da hora. Será travado quando se sancionar a nova lei de proteção ambiental, atualmente em estudo. Informa-se que ela vai estabelecer a taxa de cadastramento, pesquisa e controle da poluição, a ser cobrada, em princípio, a todas as pessoas, físicas e jurídicas, cujas atividades corrompam o ar que respiramos.

Aí está, em casulo, uma fonte de renda de inestimável importância para a União, Estados e municípios. Quanto mais agravado for o ambiente (e como se capricha para que o agravo seja total!), mais recursos advirão da taxa respectiva. Assim, pagos os serviços de cadastro, pesquisa e controle do mal, controlado e até domesticado, mas permanente, sempre há de sobrar pecúnia para outros fins igualmente apreciáveis. Se não se conseguir o falado equilíbrio ecológico, talvez se consiga o ambicionado equilíbrio orçamentário. Com disponibilidades para sanar o nosso endividamento externo e até mesmo, quem sabe? para financiar novos projetos industriais, que, superdesenvolvendo a poluição, determinem o superrendimento da taxa.

Multar o agente poluidor, em escala crescente, seria recurso primário. Após a terceira ou quarta multa, a pessoa física ou jurídica entraria nos eixos, desistindo de sujar e comprometer nossa vida. Medida extrema: suspender o funcionamento da engenhoca maléfica. E daí? Daí, não se arrecadaria mais dinheiro constante, garantido, legal, que só a taxa produz. Acabava-se com a poluição,

essa fonte inestimável de dinheiro, de que carecemos para tudo, inclusive para alimentar a poluição, a cuja sombra a sociedade vive e parece que até prospera, a julgar por indicadores econômicos insofismáveis, pois são divulgados em revistas especializadas, livros e discursos de pessoas que entendem.

Estatuído o direito de poluir, mediante a apresentação da guia de recolhimento da taxa, devidamente quitada, não só a fiscalização se tornará mais fácil, como serão contidos em seus excessos os particulares e instituições que reclamem, justa ou injustamente, contra agentes poluidores cadastrados, inspecionados e no uso legítimo do *jus polluendi*.

Porque a reclamação costuma ser outra forma de poluir, já agora o ambiente psicológico, tão importante quanto o ambiente físico. Pode-se desde já cogitar — mas não tive tempo de consultar a respeito João Brandão — de uma taxa de reclamação, de sentido democrático. Aí seriam duas taxas, vale dizer, dois proveitos num saco, do qual emergiria outro equilíbrio: o social. Nem o poluidor escaparia desta segunda taxa, se reclamasse contra o exagero na cobrança da primeira e ficasse averiguado que a cobrança era legítima.

Para não dizer que proponho um regime de arrocho fiscal, sugiro que o indivíduo físico ou jurídico, legalmente autorizado a poluir, e que recolha por antecipação a sua taxa (como no Imposto de Renda), goze de incentivo, sob forma de abatimento.

Quanto à ideia, aventada sei lá onde, de se conceder um prêmio às grandes empresas poluidoras, pelo índice elevado das taxas que pagarem, conferindo-se a seus presidentes o colar e a grã-cruz de uma possível Ordem Nacional do Monóxido de Carbono, sou formalmente contra. Ao meu coração democrático-republicano repugna qualquer diferenciação honorífica entre os cidadãos. Salvo se reproclamarmos a Monarquia.

COMO PREVENIR ASSALTOS

Li, reli, multili as nove recomendações da polícia ao cidadão pacato para evitar que seja assaltado; se for assaltado, roubado; roubado ou não, assassinado. Depois da leitura múltipla, mandei plastificar o nonálogo, que portarei tanto na rua como em viagem; no banho, no quarto de dormir, na praia, no teatro, na igreja, ao lado dos cartões de identidade do IFP, do CPF, do INPS, da ABI e do MAM, para o que der e vier. Será meu escudo e minha arma, valendo como proteção policial contra qualquer espécie de agressão ou atentado, e desempenhando assim aquela função outrora confiada aos agentes da lei, recrutados, treinados e pagos para o policiamento ostensivo ou repressivo dos lugares públicos.

Tenho fé nas nove dicas, emanadas de poder competente, e, ao seu amparo, irei me policiando a mim mesmo, disposto a sacá-las toda vez que alguém, no mínimo, me pedir fogo:

— Ah, o amigo quer que eu lhe acenda o cigarrinho? Tá legal. Mas eu é que não sou bobo, e recuso. Pode me chamar de mal-educado, de tudo.

Espantado com a reação, o pseudofumante bate em retirada, a menos que não bata, e insista em pedir fósforo ou isqueiro; está realmente seco por uma tragada, o cavalheiro compreende, né?

Não lhe presto ouvidos, e salvo minhas carteira e vida. Ou não? Ele não puxa arma, puxa argumento:

— Estou vendo que o senhor segue as prescrições da polícia. É a número 1, eu sei: “Não dê fogo a ninguém (acender o cigarro) em local isolado ou escuro; passe por mal-educado mas passe vivo”.

— Correto.

— Mas este local não é isolado. Repare que há gente transando por aí.

— Sei lá se são seus cúmplices.

— E há certa claridade. Não está vendo aquela luzinha?

— Não posso medir o grau de iluminação, meu senhor.

Tenho a impressão de que, em face de minha inflexibilidade, o assaltante (se for assaltante) pedirá desculpas, retirando-se. Esses diálogos cansam. Também fiquei cansado, mas escapei, com pinta de mal-educado (me perdoe, mamãe, se desprezei os seus ensinamentos, mas era preciso salvar a pele de seu filhinho).

Eis que me assalta (é a palavra) uma dúvida sobre o sexto mandamento: “Não carregue muito dinheiro na carteira, mesmo que o tenha. Pague em cheque”. Se o não tiver, como o carregarei? Mas não é esta a dúvida. Trata-se de apurar quanto dinheiro é muito dinheiro em termos de assalto. Quanto dinheiro não é muito dinheiro? Que quantia devo carregar, ao certo? Consulto os jornais do dia, para ver a média monetária dos assaltos da véspera. Não dos supermercados. Das pessoas físicas. O netinho de uma senhora de minhas relações tinha cinquenta centavos no bolso e ganhou bofetada. O balconista da loja da rua da Alfândega tinha duzentos cruzeiros e levou bala. O sócio do Jóquei Clube entregou mil e duzentos cruzeiros cruzeiros, anel e relógio, e foi gratificado com umas traulitadas. Haverá tabelas de assalto? Onde consultá-las?

Parece que o cheque resolve. Em branco e assinado, naturalmente. O assaltante escreverá a quantia que lhe apetecer, não sem indagar, cauteloso:

— Tem fundos mesmo? Olha lá, hem?

Deixarei na conta bancária saldo suficiente para qualquer emergência. É certo que a polícia não me aconselha a oferecer cheque ao assaltante. Eu é que proponho a ideia. Ela me diz, simplesmente, que em caso algum (nono e último mandamento) devo reagir. Se me apontarem o pau de fogo, entregar tudo, menos esta oportunidade de sentir a beleza das coisas, que Deus me deu e que se chama (ou se chamava, sei lá) vida. A polícia me garante: com as nove regrinhas, não há assaltante que possa comigo. Salvo se puder. Neste caso, observo a décima (e tácita) regrinha: “Deixe-se falecer, calmamente”.

SEM ÓDIO

Ao fim de laboriosas pesquisas, inquéritos, mesas-redondas, simpósios e análises em laboratórios de psicologia, descobriu-se que os motoristas guiavam com ódio. Agora que isto ficou esclarecido, a solução, fácil e independente do Código Nacional de Trânsito, que por ser código não costuma ser cumprido, está na frase: GUIE SEM ÓDIO.

— Como é que eu vou fazer daqui por diante — bramia aquele agraciado com a grã-cruz da Ordem do Mérito dos Atropeladores da Guanabara e do Grande Rio — se não sei guiar com outro aditivo.

Diversos motoristas, aspirantes ao mesmo galardão, cogitam de substituir o ódio, que está proibido, por sucedâneos mais ou menos eficazes, e verificam as propriedades estimulantes do rancor (esse ódio de segunda categoria), da aversão, da raiva, da antipatia generalizada. Mas a impressão comum é esta:

— Fracotes.

Esse aí observa:

— Se ao menos recomendassem: “Guie com pouco ódio”, a gente procurava manejar. Assim não dá.

Todo resultado científico pode ser contestado. Por isso, começam a aparecer os que negam validade aos estudos feitos. Garantem não nutrir ódio algum ao pedestre. Se acabam com este, não é por detestarem a espécie, que lhes é indiferente. Como também não odeiam os muros, paredes, árvores e postes que derrubam. É porque eles atravessam o caminho. Portanto, se alguma recomendação deve ser feita, a melhor seria esta, inclusive aos postes: FOGE, QUE ELE VEM LÁ.

Fui procurado ontem por uma comissão barbuda da Sociedade Lebloniana dos Amigos da Vida, que me pediu veiculasse a ideia de outra tabuleta, no lugar da que fala em ódio: GUIE COM AMOR, BICHO.

— O senhor está pinel? — respondeu-me o funcionário do Detran, a quem fui, a galope, transmitir a sugestão. — Guiar com amor é o que há de mais mortífero. Guiar com amor é subir ao astral, esquecer os reflexos, entregar-se à melodia interior. Olhe o caso dos namorados que beijam suas namoradas (ou vice-versa) com a mão no volante, quando não fazem coisa mais quente. O amor é ainda mais perigoso que o ódio, me admira que o senhor não saiba. Suma da minha frente, se não quer ser autuado por tentar estabelecer práticas contrárias à segurança nacional!

Em que ficamos? Guie com calma: apelo destituído de calor. Guie com prudência: execrável. Com moderação, com atenção, com cuidado: não vale a pena gastar papel e imagem em substantivos tão flácidos. “Guie sem ódio” deve ter vencido pela fraqueza dos concorrentes. E por sua vez apoia-se numa debilidade, segundo João Brandão:

— Não se deve guiar sem, que é fator negativo. Deve-se guiar com. O diabo é achar com quê.

Mas tudo pega um momento, mesmo que seja slogan discutível. Ouvi dizer que a Companhia Telefônica pensa em lançar uma variante, dirigida aos usuários que tiveram suas contas aumentadas com impulsos fantasmas: PAGUE SEM ÓDIO.

O filme não presta, a peça é indigerível? Assista sem ódio. Bife de pedra, no restaurante? Coma sem ódio. O livro é chatíssimo? Leia sem ódio. O conferencista dá sono? Durma sem ódio. Se tiver de brigar, brigue sem ódio. Se possível. Se de todo for impossível, odeie sem ódio, tá?

AUTORIDADE E CARTÃO

Vem aí a Carteira de Autoridade Estadual, instituída pelo governo do estado do Rio. Mais um documento a ser levado no bolso, ou, se a autoridade preferir, na bolsinha pendente de alça. Mas ficará bem a uma autoridade usar bolsinha? Além do mais, esta já não comporta o rol de documentos indispensáveis ao trânsito livre do cidadão, desde o papel que prova ter ele nascido até aquele outro assecuratório de pagar Imposto de Renda.

De qualquer modo, sempre haverá jeito de portar o tal Cartão de Autoridade. Documento desses não se despreza. Ele abre portas, remove obstáculos, estabelece prioridades, impõe salamaleques, dirime controvérsias, gera impactos, proporciona doçuras, transforma situações, opera prodígios. Chamemo-lo papel forte, ao jeito do padre Antônio Vieira. Fortíssimo.

Ai! com uma ressalva. Se a Carteira é de Autoridade Estadual, já não terá tanta potência fora dos limites do estado. Arrisca-se ao confronto com outra Carteira, também de Autoridade, também Estadual, na outra margem do Rio, ou na outra vertente do espigão. Que resultaria do choque de duas carteiras igualmente fortes? Não gosto nem de pensar.

Se fosse só isso. Mas, generalizada a prática de carteiras estaduais de autoridade, é bem de ver que já aponta, não muito além daquela serra que ainda azula no horizonte, a figura do Carteirão de Autoridade Federal. Aí, cesse tudo que a musa antiga canta. As Estaduais perderão todo o lustre e vigor, se por lamentável acaso ocorrer enfrentamento de carteiras. Só lhes restará, às pobres Estaduais, manifestar sua preponderância sobre as humildes (em papel manilha) Carteirinhas de Autoridade Municipal.

Cogito na necessidade de se instituir um curso rápido de instrução para o manejo de carteiras e documentos em geral. Eles são tantos que o indivíduo comum e a própria autoridade às vezes se atrapalham ao tentar brandir o papel certo no momento oportuno.

Por exemplo, vai exhibir a carteira de autoridade prendedora e sai o cartão de crédito ou o carnê de Garantia de Saúde. Ou a carteira de sócio do Motel de Barra Limpa — inconveniente na situação.

“Use os seus cartões e não seja usado por eles” seria o lema desse curso. Ensinaria a botar os cartões, por ordem, em diferentes escaninhos da pasta ou da roupa, habilitando o portador a tirar sempre o cartão ou carteira desejados, e não outro que devesse ficar oculto (sim, pois a atividades secretas correspondem cartões de identidade secretíssima).

O problema de carregar um cartão de forma inusitada — o carimbo de borracha do Imposto sobre Serviços, e a respectiva almofada úmida de tinta — problema que até hoje ninguém resolveu, este deveria ser objeto de um congresso de peritos fiscais e contribuintes. Também se poderia cuidar da relativa padronização de carteiras, cartões, certificados & outros documentos de transporte obrigatório, estabelecendo-se, talvez, quatro ou cinco tipos, no máximo. Enfim, ideias.

Repeli, neste momento, a de João Brandão, que me sugere o supercartão, ou carteirão, resumindo todos eles. Dado o volume descomunal que teria a peça, não seria nada prático. Além de revelar indiscretamente os cartões que devem permanecer conhecidos só de um determinado grupo e decifrados por meio de códigos alheios à nossa vã curiosidade.

De volta ao caso particular dos Cartões de Autoridade, ocorre lembrar que muitas vezes ele é a própria autoridade, ao passo que esta não se deixa reconhecer pela fisionomia, digamos, inconvincente. Diretores que não têm cara de diretor, chefes sem evidência de chefia, superintendentes a quem falta aquele ar inconfundível da superintendência deviam mesmo usar cartão à lapela. Pois não raro a autoridade está no papel, e não no homem. Convém obedecer logo ao papel, antes que ele recolha os nossos papéis e a nós mesmos.

VENHA CORRENDO

Compadre:

Acho bom você não adiar mais uma vez o seu passeio no Rio, sempre anunciado e procrastinado sempre. Não que o Rio vá acabar depois de amanhã. Pelo menos nas próximas semanas, é de prever que ele continue. E continue ostentando as graças peculiares da estação, em matéria de temperatura e espetáculos.

É por outra razão que lhe recomendo urgência. Você não dispõe de fartos cabedais, certo? Reservou um dinheirinho contado para custeio da temporada carioca, certo? E não pretende hipotecar seu rancho e seus pés de milho para curtir prazeres inocentes por aqui, certo?

Então, venha correndo, enquanto as coisas boas continuam grátis. Dou-lhe um exemplo. Leio no *Jornal da Tijuca* que a Cascata Gabriela, o Caminho das Almas, o Açude da Solidão, a Capela Mayrink vão cobrar ingresso. As árvores também. Os beija-flores também. A partir de 10 de maio, dependendo de uma portaria a ser assinada, quem quiser visitar a Floresta da Tijuca pagará cinco cruzeiros. A exemplo do que já se cobra em outros parques nacionais, diz a notícia. E acrescenta: para custear a restauração de alguns atrativos da Floresta, inclusive a capelinha pintada pelo Portinari e que se acha “em completo abandono”.

Como você vem de comadre e quatro filhos, faça a conta no lápis. É verdade que, pagando para ver as águas, os bichos e as pinturas que pertencem à comunidade, você voltará a Minas com direito a dizer: Ajudei a reconstruir a capela, a alimentar os bichos e a conservar os bosques. Eu pensava que existissem verbas normais para isso; não existem, e apelaram para mim. Ainda bem que pude ajudar o Rio nesta emergência.

Nesta, só? Seu carrinho de segunda mão, companheiro prestante de viagem, terá de atravessar o Túnel Rebouças. Então bote aí o dinheiro do pedágio, cuja cobrança está anunciada. E não só para o

Rebouças. Para o Santa Bárbara e o Noel Rosa, igualmente. O do Pasmado, o Novo, o Sá Freire Alvim e outros que tais ficam de fora? perguntará você. Por que ficariam? Todos precisam ser conservados, e as rendas urbanas, que vão diminuindo de volume à proporção que aumentam, não dão para isto. Vá pagando e mantendo os túneis, compadre. E não venha me dizer que no Rebouças o motorista devia é receber, em vez de pagar, um adminículo pela travessia daquela angustiosa noite subterrânea. Pague, e prepare-se para outros pagamentos.

O Campo de Santana... Por que não cobrar taxa a seus visitantes, para cuidar melhor de suas cutias, garças e irerês? Nas praias, então, nem se fala. A cobrança de utilização da areia por hora, a exemplo do estacionamento de alta rotatividade, vem aí a qualquer momento. Será cobrado o sentar e o deitar com direito a barraca. Um aparelho já patenteado medirá o número e duração dos mergulhos no salso elemento, para a expedição dos respectivos tickets. De outro modo, como se poderá eliminar as manchas de petróleo deixadas por aquele navio dos diabos, além da sujeira comum que nós mesmos fabricamos?

Nas ruas, compadre e amigo, será a mesma coisa. Pois se automóvel paga para estacionar, por que motivo pedestre não pagará também? Ficar parado em frente ao Edifício Avenida Central, por uma revivescência do hábito de nossos avós, que ocupavam a calçada da Galeria Cruzeiro de 7 a 7, custará dois cruzeiros cada quinze minutos, em benefício da pavimentação da avenida Rio Branco.

Se a Rede Ferroviária necessita de subsídios, por que não instituir-se a cobrança para ver a hora no relógio da Central do Brasil? As placas de sinais de trânsito podem render alguma coisa substancial para a reforma delas, placas; cada número olhado nos pontos de ônibus vale pelo menos trinta centavos. E assim por diante.

Antes que o ar seja cobrado na cidade do Rio de Janeiro, e a brisa custe uns trocados, e a lua outros, compadre, venha gozar das coisas gratuitas e boas, mas venha depressa!

HORA DE CHORAR

— Desculpe, minha senhora, não leve a mal. Mas por que chora assim?

— Caixa Econômica Federal.

— Como?

— Já disse: Caixa Econômica Federal.

— Compreendo. A senhora levantou um empréstimo para fazer o enxoval da filha que vai casar, o prazo venceu e a dívida não pôde ser paga. Sinto muito. Mas acontece.

— Não tenho filha, cavalheiro.

— Mas passou por um aperto qualquer — quem não passa? Empenhou as joias, e...

— O senhor não está vendo que tenho brincos nas orelhas, colar no colo, broche na blusa, pulseira no braço, anéis nos dedos? E tudo legítimo, pode acreditar.

— Então, por que a Caixa Econômica a faz sofrer?

— Ela não me faz propriamente sofrer, ela me ensinou a gostar de sofrer, a usar as lágrimas, a investir em sensibilidade. Eu andava com a sensibilidade voltada só para o lado bom, aveludado, risonho da vida. Fugia do outro lado, o que dói na gente. Se era filme de verter cascatas de pranto, passava longe do cinema. Se o jornal trazia fatos de desabamentos, incêndios, terremotos, atentados, virava a página, ia direto à seção de modas. Agora não. Agora eu contemplo as dores do mundo e choro.

— Só?

— Acha pouco? Não sabe como chorar derrete a maquilagem? O que eu gasto de lençinhos durante o dia? A técnica de chorar, que não é para qualquer um? Precisa saber chorar, regular bem as lágrimas, impedir os borbotões, evitar a lagriminha avulsa, que lembra purgação. Chorar bem é uma arte. Tanto assim...

— Tanto assim quê?

— Lá em casa estou treinando o marido e os filhos para que eles chorem com propriedade, no tempo e medida certos. Minhas amigas fazem tricô à tarde, comigo, e aproveitam para aperfeiçoar a chorada. É muito bom, só o senhor vendo. Pensamos até em abrir um curso.

— Como chorar bem, em cinco lições?

— Em dez. Com menos de dez aulas ninguém aprende a chorar direito, sem motivo próprio, salvo se já dispõe de virtualidade lacrimal apurada, prenda de berço. Não é para me gabar, mas o senhor não achou que o meu choro tem certa personalidade, é algo diferente?

— Sem dúvida.

— Obrigada. O senhor é muito gentil. Como ia dizendo, pensamos em abrir um curso social de pranto, com sessões no Leblon e na Tijuca, a preços acessíveis. A Caixa Econômica bem que podia patrocinar uma iniciativa dessas, o senhor não acha? Se ela bota anúncio recomendando às pessoas que devem chorar, e se nós as educamos para isso...

— É justo.

— O senhor conhece alguém na Caixa, alguém que tenha influência para conseguir isso? Revelou tal interesse pelo problema, que me animo a solicitar sua cooperação.

— Eu? Deixe ver... Ah, sim. Conheço o Álvaro, que trabalhou lá na publicidade, mas aposentou-se.

— Esse não serve. Não porque esteja aposentado, mas porque é da turma de achar graça em tudo, de rir e fazer rir, e o senhor compreende, a palavra de ordem é outra.

— Tem razão.

— Outra coisa. Esperamos contar com incentivos fiscais. Por outro lado, é preciso selecionar os motivos de choro. O anúncio da Caixa diz que quando alguém se desfaz de um carro que deu tanta alegria, tanta lembrança maravilhosa, não há motivo para chorar: basta comprar outro carro. Não ficou claro que o motivo para chorar está em não poder comprar outro, pois a pessoa vendeu o que tinha para fazer operação de safena. Ora, me parece que a melhor razão de chorar é vender o carro querido, poder comprar outro e não comprá-

lo, só pra sentir a privação espontânea, e debulhar um chorinho sofisticado, né?

— Mas... não será masoquismo?

— Não faltava mais nada! O senhor achar conotação de masoquismo numa promoção tão linda como essa da Caixa! Passe bem, cavalheiro, e, mais uma vez, obrigada: vou chorar mas é de pena do senhor!

APÓLICE

João Brandão foi pagar a renovação do seguro contra incêndio do apartamento, e o banco não quis receber.

— Banco recusando dinheiro? Essa é novíssima.

— A companhia de seguros ainda não nos mandou a apólice, como é que podemos receber?

— Mas a companhia me avisou que eu passasse no banco para pagar.

— O senhor espere mais quinze dias, até que chegue a apólice.

— E se o apartamento pegar fogo antes que ela chegue?

O bancário olhou-o com ceticismo:

— Quantos apartamentos segurados contra incêndio pegam fogo? Nem meio por cento durante um ano.

— Neste caso, desisto de renovar a apólice e evito queimar o dinheiro do prêmio.

— Não faça uma loucura dessas, cavalheiro. Já pensou que seu apartamento pode estar justamente incluído nesse meio por cento de fatalidade, e...

— E o quê?

— O senhor arder com ele, em pleno sono. O senhor e toda a sua família, inclusive.

— Está nos rogando praga?

— Eu? Absolutamente. Apenas prevenindo que com fogo não se brinca.

— Então me faça um obséquio. Telefone para a companhia reclamando a apólice.

— Ah, isso não podemos fazer. Seria interferir nos assuntos internos da companhia.

— Que que tem? Ela pertence ao mesmo grupo financeiro do banco.

— Exato. Por isso mesmo não podemos. Nossas áreas de ação acham-se rigorosamente delimitadas. Se ela fosse de outro grupo...

— Aí é que talvez o senhor ficasse sem jeito de reclamar.

— Não. Aí teríamos liberdade de usar a linguagem comercial.

— Puxa, como a vida está complicada. Quero dar dinheiro à companhia, e ela não tem pressa de receber. Tenho pressa de garantir a segurança lá de casa, e a companhia especializada em segurança prefere que eu corra o risco de incêndio. E o banco, associado à companhia, fica cheio de dedos para falar com ela.

— O senhor está interpretando mal. A companhia e o banco estão decididamente do seu lado, e não do lado do sinistro, que não nos interessa. Só lhe pedimos que aguarde um pouquinho.

— E o incêndio aguarda? O curto-circuito aguarda?

— Por que não podem aguardar? Aguardam sim. Se não aguardassem, companhia de seguros contra fogo seria péssimo negócio. Como eu lhe dizia, são numericamente irrelevantes os casos de incêndio em casas particulares. Quantas pessoas o amigo conhece, que tiveram seus apartamentos queimados?

— Lá isso...

— Pois é. Nenhuma, e eu o felicito por ter em suas relações exclusivamente pessoas de sorte. Aliás, isso acontece comigo também, graças a Deus.

— Volto então à minha ideia. Não renovar.

— Eu apelo para que renove. Nunca se sabe o que vai acontecer, embora em geral não aconteça nada em dez, quinze dias. Mas também pode acontecer em cinco minutos. Fósforo aceso jogado na cesta, aquecedor que explode, fiação elétrica roída pelo tempo, essas coisas...

— Eu sei, e por isto vim aqui. Não acha que a companhia também devia saber?

— Oh, ela sabe sim. Mas compreenda. Há um organograma, um cronograma, para a expedição de apólices. A redação exige cuidados especiais, e todo ano se aperfeiçoa. A companhia também precisa se precaver contra os riscos que o segurado pode lhe infligir.

— Que riscos?

— O senhor mesmo pode tacar fogo na sua casa. Desculpe, é mera hipótese. Mas esta sua pressa...

— Me acha com cara de incendiário?

— De modo algum. Mas os incendiários não têm cara de incendiários, já notou? E há outros riscos. Combustíveis nucleares, por exemplo. Por acaso o senhor não terá em casa material de armas nucleares?

— Quem sou eu...

— Podia ter. Há cientistas, pesquisadores de boa-fé, que lidam no domicílio com radiações ionizantes. Como é que a companhia pode indenizar uma catástrofe, se ela foi produzida por qualquer processo autossustentador de fissão nuclear?

— Perdão, eu...

— Olhe, dê-se por satisfeito por esperar só quinze dias. É o tempo de redigir novas cláusulas, pelo que sei, prevendo novas maluquices do segurado. Passe bem, cavalheiro, e saiba que nós todos precisamos viver, e que a vida é fogo!

TEMPO PERDIDO

Um dia, ou melhor, um ano, que for todo ele de descanso à sombra de frondosa mangueira (será que nunca?), lerei os textos legais que regem o ensino do meu país. Inclusive portarias e avisos aclaratórios, que em geral dizem mais do que a lei máter. Matéria tão complexa exige aprofundamentos e meditações que só em tempo ideal seria lícito programar.

Até lá, contento-me com os resumos de primeira página do jornal, que, num mundo de pílulas anticoncepcionais, são pílulas portadoras de germes de vida: recolhem e transmitem o fato em sua essencialidade, e poupam-nos tempo, a dedicar a outros cuidados. Mas os resumos não falam do ponto que me interessa nas reformas, interpretações de reformas e interpretações de interpretações de reformas, e nem sei se tais documentos se interessam por ele. Refiro-me às relações entre estudantes e escritores, à base de entrevistas — faladas, escritas, gravadas, filmadas.

Desconfio, não sei, que uma das causas do pequeno rendimento do ensino, principalmente na área colegial, está em que os escritores não deixam os estudantes estudar, enchendo-lhes as horas do dia e da noite com preocupações literárias que vão muito além do âmbito do ensino de português. O aluno deve hoje conhecer tudo que se refira à obra de cada escritor contemporâneo (dos mortos, não interessa), seja este romancista, ensaísta, poeta, dramaturgo ou mero fazedor de crônicas. Precisa saber quantos livros ele publicou, qual o melhor desses livros, descobrir a mecânica do processo de criação em sua obra. Como se não bastasse, o pobre tem ainda que empreender diligências para conhecer a psicologia do escritor, sua biografia a partir da hora em que veio ao mundo até o momento em que, gravador alerta, a gloriosa figura de nossas letras confessa ao jovem que absolutamente não se julga realizado, pois quem assim se considera está é marmorizado em vida.

Sendo elevado o número de autores que ornaram a paisagem cultural brasileira, é de ver que garotos e garotas não podem dar conta da obrigação de ouvi-los todos e, simultaneamente, percorrer as matérias do currículo. Ou a literatura ou o programa. O tempo mal chega para correr à casa dos conspícuos e arrebatá-los o segredo de *l'acte même des Muses*, a ser condensado no “trabalho de equipe” da semana que vem.

Dizem-me que os escritores não são responsáveis por esse culto exagerado às letras; trata-se de prática pedagógica de muito efeito, e visa à comunicação direta do aluno com as fontes atuais da língua literária. É um princípio, talvez. Os princípios são excelentes, enquanto princípios; mas não devem ser praticados, sob pena de perderem a excelência. Tenho pena dos estudantes, sobraçando pilhas de romances, antologias, apontamentos, fitas magnéticas e confissões de gênios contemporâneos, com suas mensagens à mocidade, suas opiniões sobre a MPB e cinquenta outros assuntos que esmagam a indefesa cabeça de quinze anos.

Dos escritores não sinto pena. São pessoas que geralmente não têm o que fazer, tanto que passam o tempo escrevendo. Muitos levam esse vício até noite alta, quando os indivíduos normais dormem ou estão nas boates. Escritor adora contar sua vida e mesmo inventar o que não viveu, como se o tivesse vivido. E talvez experimente um prazer maligno em infligir ao adolescente, que o procura, o castigo de suas obras completas. Enquanto recebe o grupo de estudantes que lhe indaga qual a maior emoção de sua vida, e se prefere escrever histórias curtas ou longas, é certo que fica impossibilitado de escrever. Mas a pausa é medicinal, e o Brasil não perde muito com isso. Já o estudante, a matemática, o inglês e até mesmo o português, ou que nome tenha hoje, perdem um tempo que qualificarei com o mais trivial dos adjetivos: útil.

Ao ginasiano que tomou o ônibus em Irajá para entrevistar, por determinação do professor, o eminente beletrista do Leblon, a minha solidariedade e a minha sugestão: desista, antes de tocar a campainha do apartamento; vá à praia, ao cinema, à namorada(o), ao

Maracanã, faça qualquer coisa, estude inclusive; não perca tempo com escritores!

MORRER É FÁCIL; DIFÍCIL É SER ENTERRADO

A família desolada, em torno da cama onde um homem agoniza.
Murmúrios:

— Não passa de hoje.

— É, coitado. Está quase descansando.

— Se ao menos durasse mais uns dois dias, né?

— Nesse estado? Ah, até parece que você não tem coração. Não vê que seria prolongar inutilmente o sofrimento dele, depois de penar cinco anos nessa cama? Depois que o doutor sacudiu a cabeça, confessando que não há mais esperança?

— Eu sei, mas acontece que hoje é sábado.

— E que tem isso?

— Amanhã é domingo.

— E daí?

— Daí, você não lê jornal, você não sabe que, de conformidade com a Resolução número 21 da Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, que começou a vigorar no dia 22 deste mês de maio, não se deve morrer senão de segunda a sexta-feira, para evitar chateações?

— E que acontece se morrer fora dessa faixa?

— Não é enterrado.

— A Resolução proibiu?

— Proibir não proibiu, mas fica dependendo do Banco Central.

— O quê? O Banco Central assumiu o controle funerário no Brasil?

— Não. Mas se o Banco Central não colaborar, modificando o esquema de funcionamento da rede bancária no Rio de Janeiro, não há atestado de óbito. E sem atestado de óbito (pelo menos isto você deve saber, minha cara) ninguém pode ser sepultado legalmente.

— Não estou entendendo, Roberto. Você diz que o Banco Central não assumiu o controle dos enterros, mas ao mesmo tempo mandou que a rede bancária passasse atestado de óbito?

— Eu disse isso? Você está cada vez mais por fora. O que eu disse, ou por outra, o que eu queria dizer é que se o Banco Central não

autorizar o funcionamento dos bancos, de certos bancos aliás, nos sábados e domingos, nesses dias não haverá atestado de óbito válido para a formalização dos sepultamentos. Capisca?

— Agora é que você me fundiu completamente a cuca. Então certos bancos, só alguns bancos entre centenas, é que vão cuidar de obter o atestado de óbito? Vão mandar um bancário à casa do doutor, levando um formulário para ele preencher indicando a causa mortis e tudo? É isso que a Fazenda quer?

— Não, Mariazinha, não é nada disso que você está pensando. Quando eu falei em certos bancos, me referi só aos bancos oficiais do estado do Rio. Porque só eles agora podem recolher a taxa do atestado de óbito, e sem esse recolhimento o atestado não atesta coisa nenhuma, entende? Então o problema é abrir os bancos oficiais no sábado e no domingo, pelo menos para o fim exclusivo, piedoso e fiscal, de recolher a taxa fúnebre, arre! que já estou cansado de tentar explicar a você o novo sistema burocrático de enterros no Rio de Janeiro, e você me bombardeando com perguntas que obstruem e embaraçam a exposição! Os bancos oficiais receberão o dinheiro que antes era entregue aos cartórios, só isso!

— Fala mais baixo, que ele pode escutar, o pobrezinho.

— Até que era bom se ele escutasse e pudesse fazer alguma coisa para não desobedecer à Secretaria de Fazenda...

— Roberto, você está exigindo isto de um moribundo!

— Não, eu queria apenas que ele, que foi sempre tão bacana, concentrasse as últimas forças, resistisse um pouco mais, para nos poupar o incômodo e o vexame de esperar dois dias pela abertura do BEG...

Na cama, cessou todo movimento. A família precipita-se sobre o corpo finalmente sereno.

— Vovô morreu!

— Pronto, até parece que ele escutou e morreu de pirraça!

MATUTAÇÕES

O ESTRANHO CASO DE 2 E 2

Afinal, 2 e 2 são 4, são 22, que é que eles são? A todo momento ouço opiniões e somas divergentes, e não consigo decidir-me por nenhuma. Tenho a impressão de que 2 e 2 constituem um problema filosófico, e, como todos os problemas filosóficos, não se esgota na indagação.

Há quem afirme que 2 e 2 são simplesmente 2, ao infinito. Por mais que se repita o número — alega o autor da afirmação — será sempre, por fatalidade intrínseca, um 2. Cem mil repetições de 2 não lhe alteram a substância ou essência. Assim foi concebido, assim viverá no mundo dos signos, até desaparecerem todas as abstrações e suas formas concretas. Portanto, não adianta somá-lo a si mesmo, subtraí-lo, multiplicá-lo, dividi-lo. 2 é 2. 2 e 2 é 2 no espelho, é 2 pensando em 2, sem jamais deixar de ser 2.

Já outros entendem que 2 e 2 podem ser tudo, inclusive 4, porém não necessariamente 4. A produtividade faz 2 e 2 alcançarem limites inimagináveis. Bem conjugados, atingem a fertilidade dos coelhos, se é que os coelhos não são meros copistas da fertilidade de 2 e 2. A soma 9, por exemplo, é insignificante, e qualquer produtor ou vendedor de qualquer coisa sabe que 2 de capital mais 2 de imaginação criadora (não falo de política; falo de economia) chegam a 90, a 900. Mas isso — argumentam adversários desta teoria — não invalida a natureza inalterável de 2. Quem fez o milagre foi a imaginação criadora, operando a necessidade e a resignação coletivas.

Hoje em dia ninguém mais acredita no 4 como resultado invariável da cópula de 2 com 2. Os tradicionalistas perderam terreno, deixando-se vencer pelos economistas e futurologistas. De vez em quando aparece ainda um retardatário, a insistir na fórmula 2 mais 2 igual a 4, mas as crianças do pré-primário não o levam a sério, e têm lá suas razões, pois duas moedas de 5 centavos mais outras duas de 5

na realidade não são coisa alguma: não dão para comprar um picolé de goiaba.

A teoria mais radical que conheço é a de que toda a discussão sobre 2 e 2 foi iniciada em Bizâncio e termina em Pinel, uma vez que, à luz da fria razão, 2 não existe. Existe, sim, e não existe mais nada além dele, o 1. Este é o princípio e fim de todas as coisas, e pode ser declarado número divino. As propriedades mágicas do 3 e do 7 caem por terra se considerarmos que elas resultam de fantasias da mente, empenhada em estabelecer nexos arbitrários entre o mundo real e a imagem que fazemos dele. Ora, é sabido que cada um de nós faz da realidade um conceito absolutamente próprio, e não há possibilidade racional de assimilarmos ao nosso o conceito do outro. Livre de tal contingência, o número 1, em sua unicidade e integridade esplêndidas, ou em sua magnífica solidão, como queiram, permite todos os jogos possíveis e impossíveis, através de combinações que satisfazem o capricho ou as necessidades práticas do homem, sem que se lhe altere a irreduzível personalidade.

2 e 2, à luz desse conceito, representam um equívoco, e se fosse possível figurar a soma do uno consigo mesmo, esta seria expressa em 1 e 1 igual a 1. O sócio comercial, como o parceiro amoroso, no fundo, é a soma de si mesmo, em sua conjugação com o outro, pela redução à unidade ideal, a que aspira todo ser dividido.

Mas o próprio 1 talvez só exista como aspiração a 1 na ideia de outro teorista, para quem há extrema dificuldade em alcançar o ponto real de unidade — a plenitude, a concentração, o perfeito ser em si e consigo. Na precária condição humana, 1 é provavelmente nem 1, nenhum.

Não pretendo me aventurar na selva intrincada das noções de 1 em Hegel e Husserl. Também não utilizo qualquer ponto de vista matemático para dissipar minha perplexidade. Não tenho opinião sobre 2 e 2, e acho 1 mistério insondável, como tantos outros. Só escrevi estas vagas coisas porque ouvi ontem um bêbado dizer a outro bêbado:

— És um ignorante. Não sabes nem mesmo que 2 e 2 são uma coisa completamente diferente.

— E você sabe? — perguntou o outro.

— Também não.
Nem eu, juro.

A SEGUNDA PRIMEIRA VEZ

O garoto que mora (escondido) em você já foi rever O *garoto*, de Chaplin, ou melhor, já foi se rever nele? Porque há duas maneiras de avaliar um filme antigo: com olhos de hoje e com olhos de ontem.

Prefira a segunda maneira, se você já é também um tanto... histórico. Não leve óculos críticos para o cinema. Leve seus olhos primeiros, unicamente. Sei que isto não é fácil. Onde estarão esses olhos fora de uso, que sumiram, como somem os nossos óculos e some a nossa vida?

Procure, procure bem, dentro de suas gavetas e escaninhos menos visitados. Alguma partícula desses olhos deve ter sobrado. Você não está vendo as coisas dagora, totalmente, com a lucidez, a experiência, o desengano acumulados pela ação do tempo. Às vezes você não as distingue bem, e pensa que a vista ficou cansada, a miopia aumentou. Não é bem isso. A visão primitiva não se dissipou de todo, e o espetáculo que ora descortina é revelado em feições que parecem desmentir a realidade. Os outros viram pardo. Você percebeu um pardo mais claro, onde se filtrava uma tentativa de rosa. Foi a sua visão não corrompida que funcionou. Oba!

Concordo ainda em que essa identificação particular de um tom, de um contorno, de uma linha não captados por alguém mais, se lhe dá alegria, também lhe rende pesar. Antes de mais nada, você verifica, decepcionado, que sua descoberta não mereceu partilha. Os outros não viram, e bocejaram. Você ficou sendo o proprietário isolado daquele róseo que ia ameaçando colorir a superfície parda e talvez se alastrasse, caso outros, como você, tomassem conhecimento dele. Alegria sem distribuição não é mais alegria. Então você recolhe os olhos antigos, aqueles olhos que viam com prazer e novidade, e adere à visão comum. À indiferente visão comum.

O cinema retrospectivo está sempre nos preparando a cilada. O convite a rever é desafio a sentir, a sentir-se, a recompor-se. Mudou a tecnologia da criação, mudaram seus participantes, mudou a

atmosfera, mudou o espectador. Já este não se reconhece na caricatura da emoção que o filme lhe provocara, lá se vão cinquenta anos e alguma fumaça. Tudo é ridículo, inclusive o espectador que se comovera antes, admirara antes, e hoje só tem percepção para a sensaboria sentimental, o jogo canhestro e rudimentar, a falsidade de uma suposta obra de arte que denuncia a contingência do gosto e dos juízos estéticos no decorrer de uma geração.

Se você se comportou assim, foi apenas porque envelheceu? Desculpe, mas deve ter sido também por fraqueza diante da reação espontânea dos moços. Você julgou como eles, teve medo de ser tido por velho desatualizado. Os jovens não têm nada a ver com o passado refletido nos filmes a que você assistiu na mocidade. Os jovens estão elaborando uma realidade de hoje, com olhos de hoje. Só mais tarde irão reencontrá-la em documentos que por sua vez lhes proporão a alternativa: interpretá-los criticamente, com injustiça, porque com ausência de identificação emocional, ou vivê-los na plenitude do encontro de alguém consigo mesmo, pela emoção recriada.

Deve haver uma espécie de devoção, no confronto do homem com o seu passado, através dos livros, dos quadros, dos filmes, dos sítios que foram marcos de sua formação cultural. Há um rito a observar, um ato de confiança e esperança na permanência do ser, mesmo contra as evidências da decomposição. A vida torna a palpitar sob as ruínas que se acumularam em torno de nós e em nós mesmos. Mas isto só é possível se renunciarmos à ironia diante das coisas pretéritas, se as aceitarmos como coisas incorporadas a um conjunto sem fim, dentro do qual a dimensão humana, entre mudanças contínuas, permanece inalterável.

Você já foi rever *O garoto*, já permitiu que *O garoto* se revisse em você, os dois já se abraçaram na mesma disposição cândida, festiva e inaugural dos anos 20? Diga, você fez isso com os olhos daquele tempo, e eles lhe prestaram o bom serviço de ver *O garoto* em 1975 numa segunda e admirável *primeira* vez?

QUE FAZER COM OS PELOS DO OUVIDO

Hoje me ocuparei de assunto relevante, que sempre me preocupou, e em face do qual ainda não assumi posição definida. A saber: Que destino dar aos pelos do ouvido. Arrancá-los? Deixá-los viver sua vida?

Se alguém se irritar com a propositura da questão, achando-a indigna de ocupar coluna de jornal, a esse alguém felicitarei por ser um dos raros privilegiados a quem não importa a vegetação pilosa de suas orelhas. Pois o resto da humanidade, segundo observo há longos anos, sofre com a existência do mínimo cabelinho plantado no lóbulo do pavilhão auditivo, e não sai à rua antes de, a golpes repetidos de pinça, eliminar o intruso, que aparentemente não traz dano algum ao portador, mas que, na realidade, se agiganta em sua sensibilidade estética à maneira de um baobá dos mais frondosos.

Como é da essência do pelo de ouvido furtar-se às investidas da pinça, e só depois de árduo combate consentir em ser extirpado, as manhãs do homem compreendem o rito enervante, para não dizer dramático, da guerra ao pelo. Nisto se consome, além de minutos preciosos, a dose de energia que fora melhor aplicada a trabalhos mais produtivos. E, o que é mais sério, agrava-se a taxa de anormalidade psíquica alarmante nos dias de hoje, em que o maior número de cidadãos só não é classificado de neuróticos porque já se localizou na faixa extensa de psicóticos.

A estatística dos males da mente não registra, que eu saiba, o pelo de ouvido como determinante de profundos desequilíbrios da razão, e até, por consequência, de conflitos internacionais que degenerem em guerra aberta. Mas é de supor que na raiz do desequilíbrio de Hitler, para citar apenas um caso, estivesse inaptidão para extrair os pelos excedentes do seu conchal auricular. Convenho em que a operação não é fácil, se o operador não se recomenda pela calma imperturbável diante dos obstáculos. Não são de estranhar as orelhas inflamadas ou feridas, que o indivíduo se vê forçado a exhibir após

combate inglório com os pequeninos diabos filiformes. Briga doméstica? Nada disto. Vitória do pelo sobre o gigante.

Observe-se o comportamento de um executivo em mesa-redonda. Não ouve o relatório do técnico nem as objeções dos chefes de setor. Sua atenção parece navegar a milhares de milhas, por mares nevoentos. A verdade é que toda ela se concentra em ponto mínimo do ouvido, no qual o dedo mindinho da mão direita passeia lentamente, rastreando a ligeira excrescência de um pelo que aflora; raiz de pelo, embrião, feto, mas que bandido! Não ficaria bem arrancá-lo à vista de todos. De resto, seria empresa temerária, pois o pelo em botão ri-se de pinça e pinçador. Em reuniões sociais, que vexame, quando o pelo no ouvido começa a coçar. Pois ele coça. O fato de existir e crescer está sempre presente na memória do dono da orelha. Este, não podendo esquecer tal fato, sente a comichão incômoda; provoca-a; inventa-a.

É preciso ter em casa uma infinidade de pinças, pois este instrumento desaparece frequentemente nas gavetas onde não o colocamos, ou entre as páginas do livro que não abrimos. A pinça é misteriosa, parece mancomunada com o pelo para aborrecer o proprietário. Convém ter sempre uma no bolso, mas a questão é encontrá-la, primeiro; depois, ter ocasião de usá-la em situações públicas. Sobre a qualidade das pinças haveria muito que epilogar; em geral não servem para o fim a que se destinam. Servem para outras coisas, não se sabe quais.

Daí resulta a indagação formulada no alto: se se deve deixar os pelos em sossego, na antélice, na hélice, no lóbulo, no conchal ou ainda mais recolhidos, nas profundezas do pavilhão, crescendo e formando espirais e outras figuras geométricas, ou se é preferível prosseguir no duro empenho de eliminá-los, mesmo à custa de internação em clínica para furiosos. À primeira vista, dir-se-á que o tratado de paz é a mais sábia das soluções. Mas, esquecia-me dizer que da luta contra o pelo do ouvido, por ingrata que seja, o viciado extrai um acre prazer. E este seria suprimido se a gente deixasse o pelo viçar e florir. Os prazeres são cada vez mais raros, e valeria a pena suprimir mais um, de sofrido mas voluptuoso deleite?

DESAGRADÁVEL

Soube que tem um cavalo morto no quintal da casa de subúrbio. Não fui ver. Li. A notícia não é adequada a este canto distinto de página. Nem a consigno para requerer à autoridade competente que faça recolher dita alimária com a necessária urgência. Quem sou eu para deprecar alguma coisa a alguém, se nem por mim mesmo costume ser deferido no que depreco?

Interesse ou não, seja ou não matéria de minha coluna, o fato é que tem, ou há, como se dizia antigamente, um cavalo morto no quintal suburbano. É uma objetividade (não sejamos subjetivos, diz o Cesgranrio, negando a possibilidade de julgamento correto da prova de redação, pelo que fica abolida a redação e fica abolido o português escrito). E uma objetividade, como escamoteá-la?

O dono da casa põe a mão na cabeça. Que fazer de um grande cadáver que apareceu, sem ser convidado, em nosso quintal? Somos particulares; não dispomos de equipamento para atender a casos desta natureza. É vasto, um cavalo; reduzida a nossa força, exigente a nossa vista, susceptível o nosso olfato. Urubus tomam conhecimento e começam a circunvoar o banquete. O serviço de limpeza urbana tarda a chegar; choveu, telefone enguiçado, essas coisas. Veio sol e desce a noite. Vamos dormir.

Ninguém dorme a poucos metros de um cavalo insolitamente morto. Ele atrapalha. Vivo, seria uma bela presença. Mas surgiu ali, inexplicavelmente, morto. Ninguém o vira antes. Bom de montaria? Fogoso? Tudo hipóteses. De concreto, a massa incômoda, ameaçando decompor-se.

Vem a manhã, o dia progride. Ninguém almoça ou janta nessas condições. Somos olhados com reprovação pelos vizinhos, se os temos; se não temos, pior ainda: o cavalo fica sendo o *nosso vizinho*, irremovível, e é para nós que apodrece.

Receio estar escrevendo algo estupidamente desagradável. Afinal o caso não se passa comigo, que não tenho quintal nem moro no deus-

me-livre. Contudo, esse homem incomodado em sua casa é meu amigo. Nunca o vi, não nos conhecemos sequer de nome, mas apreendo nele, em sua situação nesta hora, o parentesco elementar, a identidade que me faz sentir o que ele sente e, por impregnação súbita, captar, com repugnado nariz e olhos inconfortáveis, o mau odor, a visão, o peso, a monumentalidade fétida e desabada de um cavalo morto, a pequena distância dos meus recursos de sabonete, lavanda e desinfetante.

Mas que cavalo é esse, como foi que veio rolando morro abaixo para cair e quebrar-se em minha área de existência? Empurraram-no, assustaram-no, precipitou-se de desespero, a decrepitude ou a fome o levaram a pisar em falso, estava condenado por inútil ou lazarento? Como se desmancha assim uma organização de tal imponência em sua arquitetura harmoniosa, pois o cavalo é das mais lindas formas do repertório da natureza, e essa forma bem que merecia ser poupada de fim tão reles?

Não adianta poetizá-lo, como fez Cecília Meireles, de passagem, ao ver emergir da névoa da manhã outro cavalo morto: “Grãos de cristal rolavam pelo seu flanco nítido”. Este não morreu no campo, seu território e cenário, com a nobreza do rei que morre em seu palácio. Foi acabar entre pobres couves, uma bica pingando, um mamoeiro, cachorrinho latindo ante o imprevisto. E não havia quem o tirasse de lá, para o incógnito cemitério (que não existe) dos cavalos mortos.

Desculpem-me encher com o seu corpo volumoso a leveza desta coluna. E sem água-de-colônia para olfatos exigentes. Caiu, ficou, damas e cavalheiros passem de largo, pois tem um cavalo morto no quintal. Aquele cavalo que não correu no Jóquei nem vimos trotar pelo calçadão da avenida Atlântica nem aconteceu no quadro de De Chirico, mas que às vezes aparece em nosso sonho, galopando, livre, indomável, sem cavaleiro e sem brida, na planície infinita.

A MÃO E O CONVITE

Apareceu aí mais uma dessas associações geriátricas desejosas de combater os males da velhice substituindo-os pelos males da ocupação. “Velhinhos, façam alguma coisa”, parece ser o lema de todas elas, como se fazer alguma coisa não viesse agravar o cansaço dos velhinhos. Nenhuma até agora se fundou para recomendar: “Velhinhos, não façam nada”, acrescentando, com vistas ao Estado: “Toma sob tua proteção os velhinhos, que já muito contribuíram para o teu erário; poupa-lhes qualquer canseira, dando-lhes de que comer, vestir e contemplar as nuvens e o próximo, no banco de praia ou em qualquer outro lugar. Dispensa-os, de qualquer forma, da dor do trabalho”. Ah, uma sociedade dessas, que bem faria à parte murcha da humanidade! Se o Estado a ouvisse, claro.

A que se anuncia agora chama-se Clube Arte contra o Enfarte, e pretende encaminhar os senhores e damas de mais de setenta para a criação artística ou coisa que o valha. Se não puderem criar nada, pelo menos se reúnam para espiar o trabalho dos criadores e, nos intervalos, bater um papinho literário. Para começar, promove-se uma série de palestras, e para começar a série de palestras, lembram-se do velho, tresvelho colunista, a quem encomendaram um bla-bla-blá sobre a mão — a mão, diz o ofício convidativo, “esse divino instrumento, que transporta do espírito para a matéria as mais portentosas criações da fantasia humana”.

Consultei o meu divino instrumento e não lhe achei nenhum sinal de aquiescência ao pedido do clube. Nem a qualificação divinal a comoveu. Mão tem isso: nem sempre obedece ao comando central. Recusa-se a apertar outra mão que não lhe parece suficientemente limpa, a bater palmas à glória ou ao poder suspeitos. No caso, mostrou-se particularmente desinteressada de escrever sobre si mesma. Como se dissesse:

— Mas isso é puro clima de 1900, quando se faziam conferências sobre o dia e a noite, a lágrima, o leque, o ciúme, a rosa! Eles estão

querendo voltar à juventude à minha custa!

Tentei convencer (sem muita convicção) à recalcitrante que o fim era nobre, uma vez que se trata de prevenir o enfarte, ou infarto, dos sócios do clube, por uma terapêutica artístico-literária em que ela constituiria elemento essencial; que seu concurso seria verdadeira mão na roda; que tivesse paciência e desse uma mãozinha, mesmo de mão beijada, pois o clube não falara em pagamento; enfim, que aguentasse a mão, mesmo que isso fosse uma tremenda mão de obra, para que os velhinhos convidados não ficassem de mãos abanando, ou com uma mão atrás e outra adiante, ou ainda, para falar mais claramente, na mão. A tudo ela respondeu com obstinada indiferença, que nem à mão de Deus Padre cederia. Alegou que para esse tipo de coisas tinha mão de pilão; além disso, não desejava meter a mão em cumbuca, e exortou-me a botar a mão na consciência: não estaria eu querendo tirar sardinha com mão de gato?

Dei as mãos à palmatória. De fato, era eu quem iria cintilar na assembleia dos velhinhos, à custa dessa mão gasta de tanto escrever, mão que se sacrificou pelo sustento do resto do corpo e nunca mereceu cuidados especiais, fora a água e o sabonete obviamente necessários à sua conservação e aparência. Mão delicada, mão preciosa, não por ser minha, o que não a distingue de qualquer outra, mas precisamente porque guarda e utiliza os atributos comuns a todas as mãos humanas, à margem de classe ou raça, essa finíssima ferramenta de trabalho e amor, sentinela avançada do ser, agente imediato de comunicação, que capta os imponderáveis da simpatia, os invisíveis da hostilidade, no simples roçar de outra mão; ancila muda, e tão falante! Na carícia, no tapa, no simples ato de dar ou receber, ativista da criação, mas que possui outros títulos tão nobres quanto esses de modelar, pintar, compor, escrever; alisar os cabelos de uma criança, pingar o remédio na colher, fechar os olhos do morto, limpar a poeira de um móvel, preparar a comida da casa; e mil, mil, mil outras funções que são outros tantos mandamentos da mão, de todas as mãos: lei natural.

Concordei com a mão que refugava o convite. Não ia nisto desapeço aos velhinhos nem à ingênua concepção do clube

recreativo contra o enfarte. A mão queria sossego, inclusive para não sofrer, por suplemento de tarefa, as consequências de um enfarte.

COMO SE FOSSE BALANÇO

Lá se foi a primeira metade do ano, e já estamos folgados na segunda metade. Agosto continua o quê? Julho deu para balanço? Você fez alguma coisa do que planejava fazer neste ano? Claro que não. Fez, no máximo, aquilo que deixaram ou quiseram que você fizesse.

Sempre assim, e você já devia estar habituado. Como aliás está. Ou não? Por favor, não me venha com essa cara de inconformado de nascença. Já é do seu conhecimento, há muitas centenas de meses, que lhe cabe assistir a um espetáculo de que você, ao mesmo tempo, é comparsa mínimo. Espectador dos outros e de si mesmo: curiosa situação, né? a de tanta gente. Nem exceção você é. Não se envaideça. Não se melancolize.

É isso aí: dão-lhe o direito de fazer planos. Reservam-lhe, até, quadra especial para isso. Não assumem, porém, o compromisso de deixar que você os execute. Mas podia ser de outro modo? Pense na barafunda que resultaria da realização simultânea (e conflitante) de todos os planos individuais. Cada um com seu esquema, sua quimera: a explosão disso tudo, hem?

Se preferir, bote a culpa nas estruturas e infraestruturas, nos sistemas, no acaso, na sorte, em Deus. Poderes que impedem você de poder. Que podem por você. Aí está uma confortadora transferência de responsabilidade. Deixassem você solto, agindo, era aquela beleza. Vertigem boa: pensar em possíveis e impossíveis. No fundo, meu prezado, você tem é vocação para Deus. Mas o lugar está preenchido. À vista da frustração, só lhe resta ser um de seus (in)fiéis.

Mas assim como é difícilimo ser Deus, não é nada maneiro submeter-se à sua jurisdição. O código de proibições e obediências estica-se por mil volumes. A vida inteira não dá para a leitura. E a letra é tão miudinha! Em casa, na rua, no hospital, no espaço, em pensamento, você está sempre obedecendo a um parágrafo visível ou implícito. Ou o transgredindo. O sinal luminoso do cruzamento é

muito mais que sinal luminoso: é sentença de morte, caso você não lhe dê a atenção exigida. Ou mesmo dando. O menor carimbo pressupõe regras invioláveis de conduta. O jogo da vida consiste, em parte, no estudo de como violá-las, simulando reverência.

Você esperneia, revolta-se — adianta? Mesmo sua revolta foi protocolada. O caso da maçã estava previsto. A serpente estava prevista. Prevista, a expulsão do Paraíso. A lição de alguns autores é que o Paraíso foi criado exatamente para o homem experimentar-lhe a privação. Da qual resultariam invenções, técnicas de compensação, poemas, sinfonias. Mas há também quem ache isso fabula de humor cinzento, descambando para o negro.

Acomodar-se, então, seria a receita? A razão estará com a minoria selecionada de quietistas? Ou o caminho que eles encontraram é demasiado simplório para ser um caminho, e, em vez de conduzir à solução, gira em redor do problema, acentuando a insolubilidade?

Devaneios. Como você devaneia, irmão! Quer ser e não ser, sendo. Imagina o vazio, com a sua pessoinha lá dentro, escondida, resguardada, a se divertir com a imperícia dos outros, que vão aos trambolhões, expostos a chuva, granizo, fogo. Como se você também não participasse desse existir precário, de que só algumas ressonâncias chegam à publicidade, em situações-limite. Existir que, por ser universal, tem força de regra, torna-se normalidade.

Escusa de dar balanço, ou antes, balancete, nesta parte carcomida do ano. Os erros são justificáveis, de uma forma ou de outra. É, não deu. Os acertos, porque involuntários, o são menos. Não dependeram de você, confesse. De certo, que foi que dependeu de você: as marés, o câmbio, o desencontro das nações, a briga dos namorados, o amor revelado, a distensão, a enchente, a qualidade da vida?

Pense em outra coisa. Não impede que você reelabore planos para o restante do ano e até para o ano que vem. Esporte como outro qualquer. Experimente agosto. Voltam as aulas, os horários. Experimente (sempre) viver.

ESTÁTUAS EGÍPCIAS

O príncipe Rahotep e a princesa Nofret, sentados há mais de quatro mil anos, assistem à passagem dos faraós e dos reis, de escravos e vassallos, de modas, teorias, verdades que substituem outras e são por sua vez substituídas.

O príncipe está nu, apenas uma faixa branca lhe envolve a cintura e pouco mais. Descalça como ele, e vestida de branco, a princesa. A gargantilha de cores paralelas e o diadema florido não afetam a serenidade dessa alvura, que envolve o corpo sem lhe dissimular a curvilínea sensualidade.

Rahotep tem o braço direito dobrado sobre o tronco, ao jeito nobre que convém, enquanto o esquerdo pousa sobre a coxa. Nofret cruza os seus. Dignos, hieráticos, tal como seriam em vida, tal como o escultor quis mantê-los à revelia do tempo: príncipes.

Há no rosto da mulher a sublime indiferença (desdém?) que é misto de gravidade e beleza, ao passo que, na testa do marido, duas rugas denunciam a consciência que pesa e assimila a razão das coisas.

Os olhos de quartzo reluzente como que concentram a chama da vida, mais vivos do que os olhos passageiros de Rahotep e Nofret. E são estátuas, rigidamente estátuas, ornamentos funerários de mastaba, de onde os homens que as descobriram saíram bradando:

— Lá dentro há espíritos de olhos relumeantes, guardando o tesouro!

Acalmaram-se, finalmente, e perceberam que a existência fingida pode ser mais intensa do que a efetiva, uma e outra se confundindo no deslumbramento da visão.

A cabeleira e o agudo decote da princesa são os de uma atriz americana, de uma figura do jet set carioca, de alguém que conhecemos no lobby do hotel de São Conrado? 2 700 anos antes de Cristo, a mulher prenunciava a de hoje? Talvez cruzemos a qualquer

momento com a princesa, supostamente manequim a anunciar a estação, e não saberemos identificá-la.

Mas as rugas de Rahotep preocupam. Esse general da III Dinastia, filho ilustre de Snofru, perde assim a placidez egípcia, sente o mundo como uma batalha que ele não pode conduzir a bom desfecho? Pressente que o correr do tempo, liquidando as formas de mando, os impérios e as maquinações, não liquidará as formas de inquietação, imemoriais?

A fábula da História pesa-lhe na frente. Rahotep viu o que via e o que não chegaria a ver. O polegar de sua mão direita parece sublinhar um comentário, a dialética de uma reflexão. Não podemos decifrar o que estaria dizendo. Mas sabe-se o que dizem suas rugas, contemporâneas de quaisquer gerações. Por via delas, não é mais um príncipe sentado sobre os séculos, é maduramente um homem de olhos brilhantes e testa enrugada — a testa crítica — a perguntar? a debater? a tentar o diálogo, a conciliação, a explicação, o deslinde, a solução?

Tão superior a ele, Nofret! É toda mulher, apenas isto, no sentido de não pretender outra coisa senão conservar-se feminina, distante, imbatível: mito. Não a visitam os negócios da Terra. Cruza os braços, em lugar de estendê-los. Deixa que o desfile prossiga, em tumulto ou como for. Estátua já antes de ser estátua. Assim como os homens a querem, acima dos objetos de uso, para o uso ideal da divagação. Três vezes Princesa, Rainha ou Dominadora, que nos esmaga com seus pés nus como quem esmaga a folha de relva: sem o menor ruído, deliciosamente.

Os dois, sentados faz tempo (acima e embaixo dos tempos), um com sua marca de preocupação política ou filosófica ou humana, a outra em seu solene quemimportismo — e unidos, pois não, ligados pelo casamento dos corpos e das atitudes contrastantes mas harmonizadas numa só postura aristocrática, de príncipes que têm a defendê-los a alta solidão do privilégio.

Figuras de museu do Cairo. Figuras de sonho acordado. Homem e mulher ocultos durante milhares de anos em túmulo decorado com imagens de pescadores e peixes, agora se deixam visitar, e lá estão

sentados no mesmo silêncio antigo, na mesma intemporal
confrontação com a vida. Mirá-los, ainda que em estampa, é como
nos mirarmos em duplo espelho, que nos julga ou nos apaga —
alternadamente.

PROJETO DE CARTA

Preciso escrever uma carta, não sei o endereço do destinatário, não sei quem é o destinatário, não sei a respeito de que assunto, nem qual a agência em que devo registrá-la, qual o porte, qual o papel que devo usar.

Dessa carta, de seu conteúdo e de suas consequências, sei apenas o que não sei, e esse nada é tudo. Há muitos anos me acorda a necessidade dessa carta, e em sonho procuro começar a escrevê-la: “Prezado senhor”, depois emendo para “Meu caro Fulano”, mas rasgo e começo outra vez: “Querida três vezes querida e esquecida”, porém não é isso que eu quero dizer, é outra coisa, qual? como?

Então deixo de pensar no problema, pois é problema em forma de carta, ou antes, a forma de uma carta ainda informe, pedindo ser escrita, endereçada, remetida, respondida. Sim, respondida. Não a expedi a ninguém, sequer a escrevi, mas por que até hoje e até sempre ela ficará sem resposta, apesar da intensidade de sua mensagem, que existe por si mesma e confunde remetente e destinatário(s) na mesma corrente de afetividade reclamante, não apaziguada, nem apaziguável?

Se a resposta, mesmo breve, em bilhete ou cartão-postal, me chegasse agora, sem dúvida eu a escreveria imediatamente, com a facilidade febril das expansões que não suportam o atraso de um minuto. Instalaria em minha casa um serviço ultraveloz de entrega, para despachá-la. Se não fosse eu mesmo seu mensageiro, mas tão rápido que chegaria antes da carta, aos gritos: “A carta! A carta! Vem aí a carta!” e a carta, voando atrás de mim, assumiria semblante humano para sorrir do mensageiro, que passara a ser a própria carta. Para depois me anular com a sua chegada e somente a carta, em sua indefinível perfeição, me resumir a mim, tornando-se a verdadeira edição do meu ser, em síntese de palavras que jamais poderiam ser apagadas ou corrigidas por outras. Nem outras haveria além delas, dado que a carta excluiria tudo que é acessório formal, na linguagem

definitiva que todos aspiramos a conquistar, e que paira além dos dicionários.

No fundo, nasci para escrever esta carta e vou adiando o cumprimento da missão, se é que não estou acumulando forças para chegar ao estado de translucidez em que o papel diáfano registre o pensamento diáfano de uma inefável mensagem. Talvez seja curta demais a vida para consegui-lo. Talvez me tenham confiado erradamente a missão que cabia a outro, e este, ignorante da troca, jamais se disponha a escrever a carta essencial. Pode ser também que só pela metade eu consiga escrevê-la, em dia favorável, e que a outra metade não seja para ser escrita, e muito menos concebida. Pode acontecer ainda que a inexistência de destinatário seja um dos dados estabelecidos, de modo que, se se conseguir escrever tal carta, ela correrá o mundo todo sem encontrar quem a receba, voltando ao signatário tão coberta de carimbos das sucessivas agências por onde transitou que se torne irreconhecível o envelope, e ela seja atirada à cesta como simples impresso de propaganda comercial. Não será um engano terrível, mas o desfecho prefixado de uma aventura, a parábola meditada de um malogro: estava escrito, antes que ela se escrevesse.

Nas cartas que escrevo costuma insinuar-se o rascunho da grande carta (grande? ou conterà só duas linhas?), mas bem sei que não adianta rascunhar o que não pode ser previsto e menos ainda planejado. Ou a carta se faz espontaneamente na brancura da folha, tão imperativa que só me resta assiná-la, ou todo o meu empenho literário de reunir as expressões mais adequadas resultará na caricatura de um documento que independe de estilização e mesmo a repele. A correspondência da vida inteira torna-se o esboço inútil de uma única peça postal que não tenho aptidão para compor, e não me é ditada, mas que exige ser escrita.

Estamos nisto, eu e a minha carta, já concreta, palpável, legível de tão imaginada: em sua plenitude branca.

Nota da edição

A primeira edição de *Os dias lindos*, livro de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, foi publicada em 1977 pela Livraria José Olympio Editora, que o republicou no ano seguinte. A partir de 1986, data da terceira edição, o livro passou a ser publicado pela Editora Record, que o reeditou várias vezes. Além das edições como obra autônoma, seletas do livro foram editadas algumas vezes nos volumes das obras do autor publicados pela Editora Nova Aguilar.

Adotou-se como texto-base para este estabelecimento a quarta edição, de 1987, última em vida do autor, publicada pela Editora Record. Cotejamos também o texto com a primeira edição, de 1977, pela Livraria José Olympio Editora. As diferenças entre essas edições são mínimas, resumindo-se a eventuais mudanças de forma em citações e destaques em algumas crônicas, ou a gralhas presentes na edição de 1987 e que são resolvidas com o exame da primeira edição.

Posfácio

A PROSA NOS JORNAIS

Beatriz Rezende

Em 29 de setembro de 1984, com quase 82 anos, Carlos Drummond de Andrade resolve deixar o ofício de cronista que vinha exercendo nos jornais cariocas por trinta anos. Foram quinze anos no *Correio da Manhã* e outros quinze no *Jornal do Brasil*, na melhor fase do periódico, com seu inesquecível “Caderno B”. A despedida vai, ainda uma vez, em formato de crônica: “Ciao”, onde volta ao início da carreira, em Belo Horizonte, o que lhe daria o título de o “mais velho cronista brasileiro”, com 64 anos de prática.

No gosto confessado pelo jornal e pelo jornalismo expressa-se a opção do escritor por classificar sua prosa por este suporte escolhido. Pois assim é a crônica, gênero difícil de ser classificado, mutante, de reconhecimento tardio. O que a distingue de outras formas de escrita veiculada nos jornais, editoriais e outros textos que não fazem parte do noticiário, é antes de mais nada sua formatação, o espaço definido que ocupa na página e a assinatura que exhibe. Numa espécie de redundância afirmativa, o cronista apresenta o texto como crônica e esta identifica o autor como cronista.

Neste último de seus textos escrito para jornais, Carlos Drummond define o gênero com rara habilidade teórica, falando da escrita que “não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista”, nem tampouco exige “o nervosismo saltitante do repórter” e ainda “dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional”. A crônica a que se refere “é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo”.

Em edição dedicada ao escritor durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2012, que teve o escritor como homenageado, o *Jornal do Brasil*, já então on-line, contabilizou suas contribuições, fazendo-nos sentir a todos um tanto preguiçosos:

Durante 780 semanas, o escritor e poeta, com sabedoria, mesclava críticas agudas, algumas dissimuladas, lirismo e humor em crônicas nas quais abordava questões literárias, econômicas, políticas e sociais do cotidiano brasileiro. Nos deixou um legado de mais de 2 300 textos, em uma colaboração que se estendeu até 1984, três anos antes de sua morte, em 17 de agosto de 1987.

Assim é a natureza da crônica: nem histórica, ainda que participante e situada na realidade que a circunda, nem apenas informativa,

mesmo quando escrita a partir de fato cotidiano. Nem puramente ficcional, apesar de criar por vezes personagens, ou memorialística, trazendo, porém, frequentes confidências do escritor. Sem ser nada disso é tudo isso, pois os recursos que parecem distinguir outras espécies literárias lhe são livremente franqueados. De todas essas liberdades resulta uma espécie híbrida, onde os diversos ingredientes podem ser misturados segundo a vontade e o talento do cronista.

Contrabalança-se, desse modo, o severo cerceamento que é imposto à crônica: o espaço gráfico que o suporte, jornal ou revista, lhe reserva. É preciso ser sintético, direto, econômico... Se pretender desafiar o limite gráfico, como fez Drummond algumas vezes, o cronista terá que fatiar seu texto, dividi-lo em partes divulgadas semanalmente e aproximar-se de mais outra prática literária, que já foi popular entre nós e terminou migrando do jornal para a televisão: o folhetim, que será acompanhado pelos leitores que o cronista sabe serem fiéis.

A contingência de publicação em periódico é comentada pelo próprio autor em “Ciao”, junto com a decisão de continuar escrevendo, mas daí em diante “sem periodicidade e com suave preguiça”:

A crônica é o território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia a dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Eis um dos grandes mistérios que a crônica encerra, desafiando pesquisadores. Feita para ser lida hoje e descartada amanhã, a boa crônica, aquela que produz o famoso comentário “leu o fulano hoje?”, resiste à fugacidade dos jornais. Quando, posteriormente, são publicados e republicados em livro, tais textos curtos seguem cativando os leitores. Mais ainda, tais formas breves provocam nos mais avessos ao convívio com livros atração inicial que termina por se transformar em gosto permanente pela leitura.

Frente às definições conclusivas do texto de 1984, cabe, porém, uma discordância com o próprio autor. Para Drummond, o que se cobra do cronista não são informações precisas, mas “uma espécie

de loucura mansa” capaz de despertar no leitor “o jogo da fantasia, o absurdo, a vadiação do espírito”. A crônica de fato é isso, mas também não é, já que o contraditório faz parte de sua maneira de ser.

Essa alegada despreensão, o mais das vezes, é uma espécie de fingimento do cronista, mas muitas vezes chega a ser recusada, para que o texto assuma um papel de intervenção. Antonio Candido no célebre ensaio “A vida ao rés-do-chão”, de 1980, elaborado como introdução ao volume que reunia textos de Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, aponta nas crônicas a despreensão do que é escrito sem a possibilidade de durar, mesmo quando sobrevive ao passar do jornal ao livro. Para o crítico, naquele momento, a finalidade da crônica seria divertir, precisando para isso ser leve e descompromissada, com o humor funcionando como recurso privilegiado nas narrativas e afastada da lógica argumentativa e da crítica política.

O melhor contraexemplo à ideia de descompromisso da crônica é o texto que Drummond envia ao *Jornal do Brasil* para ocupar o lugar de sua crônica semanal no momento em que o governo militar decidiu destruir o maior complexo de cachoeiras do mundo em volume d’água, As sete quedas, para dar lugar à hidrelétrica de Itaipu. Na edição de 9 de setembro de 1982 o *JB*, em vez de publicar o texto no espaço habitual das crônicas do escritor, estampa, na página inteira da capa do “caderno B”, o poema “Adeus a sete quedas”.

Naquele momento, Drummond lançou mão de todo o seu poder como cronista, valendo-se da certeza de seu prestígio junto aos leitores e da possibilidade que o jornal tem (ou tinha) de atingir uma parte expressiva da população. A crônica então fez-se poema, ou ao contrário, fez-se crônica o extraordinário poema que assim termina:

Sete quedas por nós passaram,
e não soubemos, ah, não soubemos amá-las,
e todas sete foram mortas,
e todas sete somem no ar,
sete fantasmas, sete crimes
dos vivos golpeando a vida
que nunca mais renascerá.

Em 1984, em ensaio publicado na *Revista do Brasil*, Antonio Candido dedica ao Drummond cronista reflexão que pode nos guiar com segurança na leitura dos textos híbridos que formam o conjunto de crônicas de nosso autor. Falando de “Drummond prosador”, Candido debate-se ainda com o status da crônica como gênero literário e chama aos escritos do itabirano “Crônica entre aspas”, relutando em aceitar a designação do próprio Drummond por considerá-la “extremamente modesta”. Falando desses “escritos rotulados de crônicas”, o crítico desenvolve provocante e inusitado comentário ao estabelecer um paralelo inédito entre a crônica e o ensaio mostrando que estes são momentos em que os textos perdem aquela atribuída gratuidade, para dar lugar à reflexão. Nesta modalidade a crônica deixaria para trás o pretexto imediato que lhe deu origem de se aproximar daquilo a que o filósofo Michel de Montaigne chamou ensaio, em gosto pelo provisório incomum num pensador do século XVI. Diz Candido:

É em Montaigne que penso quando vejo Drummond, numa prosa que apresenta algo como irrelevante, deslizar do papo para reflexões de um alcance e densidade que nos fazem incluí-lo na família mental dos que ensaiam o pensamento, a pretexto de motivos inesperados.

O termo crônica se torna para o teórico, com toda justeza, tão arbitrário em Drummond quanto ensaio em Montaigne, escapando assim às classificações excludentes e limitadoras.

Candido termina o ensaio de pazes feitas com a crônica, que já pode se despir de suas aspas, ao apontar na produção do poeta-cronista o que define como versiprosa:

Aí, crônica em mais de um sentido, ficção e poesia se combinam sob a referência desta, mostrando a livre circulação de um autor que, sendo altíssimo poeta e não menos alto prosador, pode transitar entre os Gêneros e acima deles.

Voltando, ainda uma vez, à ligação entre as crônicas de Drummond e seu suporte, cabe observar que a longa presença do poeta mineiro nos jornais do Rio de Janeiro confirma a hipótese de que, desde os tempos do Império, com Machado de Assis, passando pela Primeira República, com João do Rio e Lima Barreto, para chegar ao sucesso dos anos 1960, a crônica fez da antiga capital sua morada mais familiar. Com o correr dos anos foi-se desenvolvendo entre o gênero

e o Rio uma intimidade toda especial, a seduzir escritores de outros espaços que, atraídos pelo jornalismo ou alguma qualquer razão, para aqui se transferiram e uns outros — poucos — que aqui nasceram. A ligação dessa prática literária com o solo urbano entranha-se em sua linguagem, nas referências que contém, nos personagens que a habitam, incorporando não só o falar despojado que não se deixa oprimir pela norma culta da língua mas gírias e outras expressões das ruas.

Em 1958, o crítico Eduardo Portella, no ensaio “A cidade e a letra”, aponta tal característica ao afirmar: “A crônica literária brasileira sempre tem procurado ser uma crônica urbana: um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra”. Insistindo na ligação entre o gênero literário e a linguagem que lhe é peculiar, quase exclusiva, reitera: “a língua da crônica é a língua da cidade”.

É nesse trânsito livre, que vai do ensaístico ao dramático, em textos onde o trágico por vezes corteja o humor, atravessado subitamente pelo poético de alta voltagem que se organiza este volume *Os dias lindos*. Reunidos em livro em 1977, este conjunto de textos revela, como poucos, as múltiplas possibilidades que a prosa em crônica de Drummond assumiu.

O livro se inicia por dois textos longos, de formato peculiar, cada um a seu modo, como que desafiando o esperado modelo “crônica”. O primeiro é “Corrente da sorte”, dividido em 11 partes ou capítulos, certamente por conveniência da publicação no jornal. As 11 seções dão ao texto um feitiço de folhetim protagonizado por seu personagem recorrente, João Brandão, às voltas com o temor de sofrer as graves consequências de quebrar uma corrente que recebera por carta. Os “capítulos” se sucedem numa estrutura que pode parecer contraditória. À medida que a aventura rocambolesca de João Brandão e seus pseudossequestradores se desenrola, o texto vai mergulhando no universo do absurdo. Ao mesmo tempo, porém, elementos do cotidiano da cidade, do leitor e do próprio autor vão se mesclando à narrativa. Amigos, vivos ou mortos, são chamados a dialogar com o personagem. Uma leitora imaginária interpela o cronista que vai dando a sua crônica tons de novela televisiva, até que

o próprio universo da crítica literária, incluindo a do teórico francês Roland Barthes, seja evocado. A crônica, então, junta os universos de leitor, autor e crítico de maneira antológica referindo-se ao caminho que o texto tomou, lembrando que na construção da “história ou estória” o que valia era o prazer de contá-la e o prazer de ouvi-la:

E o mais é crítica, impressionista, estruturalista ou o que seja, a pousar sobre o corpo tênue da narrativa qual mosca importuna à cata de alimento, e esta digressão já vai longa e eu não aguento mais a extensão do período, sentindo que lá se vai, com o *plaisir du texte*, o nexos frasal, pelo que, *à bout de forces*, exclamo sem fôlego: Ufa!.

Restará então o “Final panorâmico”, trazendo João Brandão de volta do mundo do fantasioso para a vida em busca do amor. Porque crônica é bom mas acaba.

Ao folhetim-absurdo segue-se “História de amor em cartas”, cada uma publicada em uma edição do jornal, desenrolando-se em romance epistolar que, se tem um formato caro ao século XVIII, situa-se explicitamente na contemporaneidade. Ocupando o espaço dedicado às crônicas no jornal durante um mês, o enredo de desencontros amorosos à maneira de seu famoso poema “Quadrilha” vai mesclando ironia, humor, referências ao cotidiano e à própria imprensa (como a crônica social de Zózimo Barroso do Amaral, no mesmo jornal) até um desfecho que seria trágico se não continuasse paródico. Dessa maneira o “romance epistolar” lança mão de recursos próximos ao melodrama e toreia o trágico.

Em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil* em 26/10/1982, quando seus oitenta anos eram festejados, Drummond fala dos riscos de confronto com o trágico enfrentado por esse tipo de escrita em seu trato com a vida cotidiana ao afirmar: “No meu caso, como cronista, sou apenas alguém que procura amenizar um pouco o aspecto trágico, sinistro, do mundo em que vivemos”.

Essas duas sequências iniciais são as mais incomuns na obra em prosa publicada como crônica por Drummond, mas nem por isso deixam de trazer suas marcas autorais.

O bloco seguinte, como que em referência ao caráter “rés-do-chão” que a crônica pode ter, se apresenta como “historinhas”, deliciosas historinhas, espécie de intermezzo. Daí por diante são os temas

fundamentais e muitas vezes recorrentes de seus textos que se alternam.

Vale observar nessas crônicas a presença dos vários recursos jornalísticos de que o autor não abre mão, como as referências diretas ou indiretas a questões que ocupam o leitor e aparecem no noticiário de outras partes do jornal, como a violência, a inflação, a solidão das mulheres (sobretudo) e dos homens que habitam a grande cidade, os conflitos familiares, a hegemonia da mídia de massas e o surgimento das novas tecnologias.

Um recurso formal, no entanto, merece destaque, a comprovar a afirmação do autor (ainda na crônica de despedida) de que jamais deixou de ser um homem de jornal, “interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público”: a cabeça do texto, o período inicial que funciona como lide, para usar também o jargão de jornais. No uso desse recurso, Machado de Assis cronista foi especialista de primeira, ele também um confesso homem dos jornais. Vale lembrar alguns de seus deliciosos parágrafos de abertura que têm, evidentemente, a função de atrair o leitor que passa distraído os olhos pelo jornal: O início da crônica de 30 de agosto de 1888 é imperdível:

Quem nunca invejou não sabe o que é padecer. Eu sou uma lástima. Não posso ver uma roupinha melhor em outra pessoa, que não sinta o dente da inveja morder-me as entranhas.

E em 7 de fevereiro de 1897 a chamada não fica nada atrás: “Em caso de desespero, não trabalhem. O trabalho é honesto, mas há outras ocupações menos honestas e muito mais lucrativas”.

De Drummond poderíamos colher toda uma antologia de períodos que parecem fazer “psiu” a quem folheia o jornal. Só como exemplos neste volume pode-se citar a *cabeça* de “A viúva do viúvo”: “Conheceram-se, namoraram, amaram, casaram, tiveram filhos, desamaram, separaram-se, depois de tanto verbo conjugado em comum”. Ou em “Tatu”: “O luar continua sendo uma graça da vida, mesmo depois que o pé do homem pisou e trocou em miúdos a Lua, mas o tatu pensa de outra maneira”.

As crônicas-ensaio, de que fala Antonio Candido na comparação com Montaigne, deste volume propõem inesperadas reflexões, geralmente de forma irônica e vizinha do humor, sobre a burocracia latino-americana de nossa sociedade, o autoritarismo tolo e inútil que viscejava fácil num governo autoritário, o desejo de controlar o homem comum por decretos, publicações, identificações de diversos tipos, a carteirada, o “sabe com quem está falando” de todo dia.

Inesperadamente, porém, surge o “versiprosa”, como se o cronista levantasse a cabeça de sua mesa de trabalho e, ao olhar pela janela à sua frente, desejasse partilhar com o leitor a surpresa com a beleza do dia lá fora.

É o caso da crônica lírica que dá título ao volume, “Os dias lindos”, sobre a súbita beleza dos dias de abril e maio, beleza que não basta constatar, é preciso saudá-la e, principalmente, avisar a todos que esses dias são lindos porque somos “ao mesmo tempo ar, luz, suavidade e gente”.

Uma crônica do volume, no entanto, merece destaque por seu caráter enigmático: “Que fazer com os pelos do ouvido”. Atravessado de humor, o texto não deixa evidente se é realmente dos prosaicos pelos do ouvido que está falando. O poeta pode estar tratando aí da dificuldade inerente ao ofício, a de encontrar assunto a cada proximidade de fechamento do jornal, pesadelo de todo cronista e tema que terminou por produzir textos antológicos. Mas pode, também — lembremos que vivíamos os anos de chumbo do governo militar —, ter escrito sobre a impossibilidade de falar, de se expressar, de refletir, ou da inutilidade de se tentar, à força, eliminar o que sempre volta, como a ânsia pela liberdade. Como ler, exatamente a crônica que assim se inicia?

Hoje me ocuparei de assunto relevante, que sempre me preocupou, e em face do qual ainda não assumi posição definida. A saber: Que destino dar aos pelos do ouvido. Arrancá-los? Deixá-los viver sua vida?

Finalmente, vale destacar que, dos vários conjuntos de crônicas publicados por CDA, *Os dias lindos* talvez seja o que frequentemente se detém sobre a própria linguagem, seus múltiplos usos, suas variações. É sobre linguagem da cidade que os textos falam, falando a linguagem da cidade. Linguajares esquecidos são recuperados, jogos

de palavras, tempos dos verbos, flexões e concordâncias. A matéria-prima de que é feita a crônica se revela, o suporte do texto deixa aparecer sua materialidade.

Não se pode esquecer que também da luta com as palavras se faz o dia a dia da crônica de jornal.

Leituras recomendadas

ARRIGUCCI JR., Davi.

“Fragmentos sobre a crônica”.

In: *Enigma e comentário*.

São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio.

“Drummond prosador”.

“A vida ao rés-do-chão”.

In: *Recortes*.

São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SÁ, Jorge de.

A crônica.

São Paulo: Ática, 2005.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*.

- Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.

- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o "Poema de Itabira", de Villa-Lobos, a partir do seu poema "Viagem na família".
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras "Quase memórias", em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas "Imagens", no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoadada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta

- novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), *Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).

- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.



